

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LUCIA HELENA PISANESCHI

Oficinas criativas para pais e mães:
relações parentais em tempos de pandemia

São Paulo
2023

LUCIA HELENA PISANESCHI

**Oficinas criativas para pais e mães:
relações parentais em tempos de pandemia**

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Helena Rinaldi Rosa

São Paulo
2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pisaneschi, Lucia Helena

Oficinas criativas para pais e mães: relações parentais em tempos de pandemia / Lucia Helena Pisaneschi; orientadora Helena Rinaldi Rosa. -- São Paulo, 2023.
170 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Parentalidade. 2. Avaliação psicológica. 3. Intervenção. 4. Gestalt-terapia. 5. Pandemia. I. Rosa, Helena Rinaldi, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Pisaneschi, Lucia Helena

Título: Oficinas criativas para pais e mães: relações parentais em tempos de pandemia

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. (a) Dr. (a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. (a) Dr. (a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a São José, protetor da Santa Igreja e das Famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que governa o universo inteiro, pela minha vida e pela oportunidade de estudar, pesquisar e me aprimorar, e assim servir melhor aos outros e à sociedade com minha profissão.

À minha família, meu esposo Ricardo, meus filhos Rafael, Mariana e Miguel, por sempre embarcarem comigo nos sonhos e projetos... Vocês me inspiram a ser melhor a cada dia.

Aos meus amigos e amigas pelas sugestões, ideias, incentivos, orações, empurrões e revisões, principalmente nas etapas finais deste trabalho. Não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém...

A cada participante da pesquisa e a cada paciente que busca meus cuidados profissionais, por me permitir acompanhar suas possibilidades de crescimento e desenvolvimento.

Aos colegas e amigos que fiz durante o período da pós-graduação, em especial à Fabiana Kurbhi, pelas conversas, pelas sugestões, pelas trocas de experiência, pelos estudos compartilhados, pelo incentivo e apoio ao longo deste caminho.

Aos professores das bancas de qualificação e de defesa, pelas contribuições para o andamento da pesquisa, pela avaliação criteriosa do trabalho, e pelas sugestões para os trabalhos futuros.

E em especial, agradeço a minha orientadora, Helena Rinaldi Rosa, pela generosidade e pela paciência ao longo destes anos tumultuados. Sua disponibilidade em acolher as diferenças teóricas e ensinar com amor e dedicação, aliadas à persistência em meio às fragilidades que a vida impõe, me inspiraram a não desistir e a ser uma profissional melhor.

AOS PAIS QUE EDUCAM

Dar boa educação é cultivar,

É ser inteligente jardineiro:

Sem folga, de janeiro até janeiro,

Sem pressa para ver frutificar.

Em terra boa a planta colocar,

Num solo preparado e hospitaleiro,

Sol... Chuva... protegendo o seu canteiro

E todas as más ervas arrancar.

(...)

Dar o melhor adubo à terra arada

E assim confiar que o Sol, forte e brilhante

Fará crescer a flor tão almejada!

(Mariano, 1987, p. 64)

RESUMO

Pisaneschi, L. H (2023). Oficinas criativas para pais e mães: relações parentais em tempos de pandemia (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

No contexto da pandemia da COVID19, entre o final de 2019 e pelos anos de 2020, 2021 e 2022, para conter o contágio da infecção e tentar evitar o colapso do sistema de saúde em diferentes lugares do mundo, as autoridades governamentais mundiais aplicaram medidas restritivas de circulação e isolamento social, que afetaram e modificaram a vida das pessoas em todo o planeta Terra; e em ressonância, as rotinas acadêmicas e escolares também foram afetadas. Considerando que a criança está ligada no mundo por aqueles que lhe são significativos, e considerando que os pais influenciam seus filhos através de suas ações e a partir de suas crenças e valores, será que a participação dos pais em uma proposta de grupo interventivo em tempos pandêmicos colabora para a qualidade das relações parentais? Esta pesquisa se propõe a avaliar se há ou não alteração na qualidade das relações parentais de pais e mães de crianças matriculadas no ensino fundamental I, a partir da perspectiva dos pais e mães, depois da participação destes em uma proposta interventiva presencial em grupo denominada “oficinas criativas”, realizada em quatro encontros presenciais, uma vez por semana, seguindo os protocolos de segurança para prevenção à pandemia por SARS-COVID19. Não se propõe neste trabalho refletir sobre as variáveis que interferem nas relações parentais, visto que outros trabalhos já abordaram essa reflexão. A amostra populacional foi coletada por conveniência em meio à pandemia por SARS-COVID19, quando começaram as orientações sobre o início da flexibilização das medidas de isolamento social durante os meses de maio a julho de 2021. Os dados individuais foram coletados através de questionário de levantamento de dados sociodemográficos, e aplicação do procedimento Desenhos-Estórias com tema antes e depois da participação nas oficinas criativas. Foram realizadas duas análises: uma análise da percepção dos processos grupais à luz da Gestalt-terapia, e outra análise individual através da compreensão fenomenológica realizada individualmente com cada participante, comparando os desenhos antes/ depois da

participação nas oficinas. Foram excluídos os dados coletados dos participantes que desistiram de participar das oficinas, pois não seria possível comparar suas percepções antes/ depois da intervenção. Os resultados obtidos tanto na análise dos processos grupais quanto na análise individual, confirmando a hipótese que mobilizou este trabalho: oferecer suporte para pais e cuidadores de crianças colabora para a qualidade das relações parentais mesmo em tempos de pandemia e incertezas. Além disso, esses resultados também indicam que o procedimento Desenhos-Estórias com tema e a compreensão fenomenológica realizada individualmente junto com cada participante mostraram-se eficazes para avaliar as percepções da pessoa e suas relações antes e depois da proposta de intervenção.

Palavras-chave: Parentalidade, Avaliação psicológica, Intervenção, Gestalt-terapia, Pandemia.

ABSTRACT

Pisaneschi, L. H (2023). Creative workshops for fathers and mothers: parental relationships in times of pandemic (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

In the context of the COVID-19 pandemic, spanning from late 2019 through the years 2020, 2021, and 2022, to contain infection spread and attempt to prevent the collapse of healthcare systems worldwide, global government authorities implemented restrictive measures on movement and social isolation. These measures affected and altered the lives of individuals across the planet; and resonantly, academic and school routines were also impacted. Considering that a child is connected to the world through those who are significant to them, and acknowledging that parents influence their children through their actions and based on their beliefs and values, the question arises: does parental participation in an intervention group proposal during pandemic times contribute to the quality of parental relationships? This research aims to assess whether there is a change in the quality of parental relationships for fathers and mothers of children enrolled in elementary school, from the parents' perspective, after their participation in a face-to-face intervention group called "creative workshops." These workshops were conducted in four face-to-face sessions, once a week, following safety protocols for SARS-COVID-19 pandemic prevention. It is not the purpose of this work to reflect on the variables that interfere with parental relationships, as other works have already addressed this reflection. The population sample was collected conveniently during the SARS-COVID-19 pandemic, when guidelines for the relaxation of social isolation measures were initiated in the months from May to July 2021. Individual data were collected through a questionnaire of sociodemographic data and the application of the "Drawings-Stories" procedure with a theme before and after participation in creative workshops. Two analyses were conducted: an analysis of the perception of group processes in light of Gestalt therapy, and an individual analysis through phenomenological understanding carried out individually with each participant, comparing drawings before/after participation in the workshops. Data collected from participants who

withdrew from the workshops were excluded, as it would not be possible to compare their perceptions before/after the intervention. Results from both group process analysis and individual analysis confirmed the hypothesis that motivated this work: providing support for parents and caregivers contributes to the quality of parental relationships, even in times of pandemic and uncertainty. Additionally, these results indicate that the "Drawings-Stories" procedure with a theme and the phenomenological understanding carried out individually with each participant proved to be effective in assessing individuals' perceptions and their relationships before and after the intervention proposal.

Keywords: Parenthood, Psychological assessment, Intervention, Gestalt therapy, Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro do 1º Encontro do Grupo 1.	62
Figura 2 - Registro do 2º Encontro do Grupo 1.	64
Figura 3 - Registro do 3º Encontro do Grupo 1.	67
Figura 4 - Registro do 4º Encontro do Grupo 1.	71
Figura 5 - Registro do 5º Encontro do Grupo 1.	73
Figura 6 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante A.	76
Figura 7 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante B.	80
Figura 8 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante C.	84
Figura 9 - Desenhos-Estórias com tema antes das oficinas - Participante D.	88
Figura 10 - Desenhos-Estórias com tema depois das oficinas - Participante D.	89
Figura 11 - Registro do 2º Encontro do Grupo 2 – Vista aérea	97
Figura 12 - Registro do 2º Encontro do Grupo 2 – vista lateral (observe o detalhe da balança).....	98
Figura 13 - Registro do 3º Encontro do Grupo 2	100
Figura 14 - Registro do 4º Encontro do Grupo 2	103
Figura 15 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante G.....	106
Figura 16 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante H.....	111
Figura 17 - Registro do 3º Encontro do Grupo 3.	122
Figura 18 - Registro do 4º Encontro do Grupo 3	125
Figura 19 - Desenhos-Estórias com tema antes das oficinas - Participante I.....	127
Figura 20 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante K.....	129
Figura 21 - Registro do 1º Encontro do Grupo 4	136
Figura 22 - Registro do 2º Encontro do Grupo 4	139

Figura 23 - Registro do 3º Encontro do Grupo 4.	141
Figura 24 - Registro do 4º Encontro do Grupo 4.	144
Figura 25 - Desenhos-estórias com tema antes das oficinas - Participante P.....	146
Figura 26 - Desenhos-estórias com tema depois das oficinas - Participante P.....	147
Figura 27 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante R.	151
Figura 28 - Dados de participação da amostra total.	157

LISTA DE SIGLAS

<i>ABEN</i>	Associação Brasileira de Enfermagem
<i>BVS</i>	<i>Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde</i>
<i>CAAE</i>	<i>Certificado de Apresentação de Apreciação Ética</i>
<i>IPUSP</i>	<i>Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo</i>
<i>OQE</i>	<i>Orientação à Queixa Escolar</i>
<i>SARS-COVID</i>	<i>Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus</i>
<i>TCLE</i>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<i>UTI</i>	<i>Unidade de Terapia Intensiva</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. DESENVOLVIMENTO.....	20
2.1 RELAÇÕES PARENTAIS EM MEIO À PANDEMIA E O TRABALHO COM GRUPOS DE PAIS E MÃES	23
2.2 PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS COM TEMA: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE E COMPREENSÃO.....	26
2.3. FUNDAMENTOS DA GESTALT-TERAPIA	30
2.4. PROCESSOS CRIATIVOS COM GRUPOS	37
2.5. MÃOS À OBRA: PESQUISANDO	47
2.5.1. <i>Objetivos</i>	47
2.5.2. <i>Método</i>	48
2.5.2.1. <i>Participantes e caracterização da amostra</i>	48
2.5.2.2. Aspectos éticos da pesquisa.....	49
2.5.2.3. Instrumentos:	50
2.5.2.4. Procedimentos.....	50
2.5.2.5. Análise dos dados:.....	57
2.5.3. <i>Resultados obtidos</i>	58
2.5.4. <i>DISCUSSÃO</i>	154
3. CONCLUSÃO.....	160
4. REFERÊNCIAS	162
5. ANEXOS	168

INTRODUÇÃO

Final do ano de 2019, início do ano de 2020. A população do planeta Terra foi afetada por uma pandemia por SARS-COVID19, desencadeando consequências inimagináveis. Para tentar conter o contágio e, desta maneira, tentar evitar o colapso dos sistemas de saúde em diferentes lugares no mundo, vários governos e autoridades de saúde aplicaram medidas restritivas de circulação social, que afetaram e modificaram a vida e as relações das pessoas (Zorzetto, 2020). Até mesmo as rotinas acadêmicas nos espaços universitários sofreram os impactos da pandemia. Nos cursos de graduação e de pós-graduação, aulas, projetos e pesquisas sofreram ajustamentos criativos em meio a estes tempos de incertezas e mudanças de paradigmas; inclusive este trabalho sofreu alterações significativas a partir e ao longo da pandemia.

Diante deste novo modo de vida, alguns especialistas alertaram que os prejuízos que estas mudanças bruscas na rotina, associados ao temor de contrair a infecção e adoecer ou perder entes queridos ou familiares pela infecção, poderiam desencadear o agravamento do sofrimento psicológico, compondo uma segunda onda da pandemia (Zorzetto, 2020; Polanczyk, 2020). Desde então, diversos levantamentos e pesquisas virtuais foram realizados, tanto para acompanhar estes indícios quanto para oferecer suporte e auxílio para o enfrentamento dessa situação.

Em meio a este contexto de pandemia e prejuízos generalizados, profissionais da saúde mental como psicólogos e psiquiatras manifestaram-se com orientações e recomendações psicoeducativas, com intuito de oferecer suporte à população para lidar com este “novo normal”, incluindo: definir e manter uma rotina de dormir/ acordar parecida com a de antes da pandemia, organizar a rotina dos adultos e das crianças visualmente em listas, fazer exercícios físicos, cuidar do consumo de bebidas alcoólicas, desenvolver hobbies e atividades de lazer, e não focar o tempo todo nos noticiários televisivos ou pela internet (Aldeias Infantis, s.d.; Zorzetto, 2020).

Também se destacaram a produção de e-books e cartilhas online, tanto para orientar os pais e demais familiares de crianças e adolescentes de como abordar a situação da

pandemia, quanto para sugerir atividades que auxiliassem o desenvolvimento infantil dentro das restrições impostas pela pandemia (Alvarenga, Silva, Coutinho, Freitas & Soares, 2020, Caetano, 2020, Fogaça & Bolsoni-Silva, 2020).

Compartilhar estas orientações e recomendações se constituiu em um tipo de cuidado oferecido nesses tempos de incertezas. Ou seja, apesar do caos instaurado pelo isolamento a partir da pandemia, a capacidade humana de resistir às adversidades buscando o equilíbrio da vida se fez e se faz presente. Esse mesmo período de pandemia (e no pós-pandemia) pode ser também um período favorável para desenvolver experiências de cuidado “como atitude necessária de inquietação e desvelo, auxiliando a desenvolver a capacidade de confiar na gratuidade e na beleza dos encontros como fonte de aprendizado, experiência e conhecimento” (Cavanellas & Barbosa, 2020).

A gestão escolar e os professores enfrentam o desafio permanente de manter uma relação próxima com os pais ou responsáveis pelos alunos em todos os tempos, com ou sem pandemia (Instituto Unibanco, 2020). Nesse momento, observou-se que a família busca o auxílio da escola para se reestruturar na continuidade dos estudos de seus filhos (Instituto Unibanco, 2020).

Então “que tipo de cuidado será necessário” oferecer nesses tempos? Cavanellas e Barbosa (2020) propõem: um cuidado acompanhado, de mãos dadas. Um fluxo constante de vida e movimento promovido na experiência da individualidade. Um caminho de encontro com o outro com aceitação e confiança. Para elas, a Gestalt-terapia

nos resgata a importância e necessidade da experiência para as descobertas, em vários sentidos . . . Confiantes no processo costurado pelo fio relacional, um fio de ouro, capaz de resistir a longos caminhos e percalços . . . Resgatar a capacidade de confiar nos encontros como fonte de aprendizado, experiência e conhecimento (Cavanellas & Barbosa, 2020, pp. 922-923).

O ser humano é visto pela Gestalt-terapia como um ser em relação:

O ser humano cresce e desenvolve-se ao longo do tempo *na e a partir da* relação: nós existimos em relação, não havendo outra forma de nos constituirmos que não seja nessa. É na interação ininterrupta com o mundo, desde o nascimento até o fim de sua vida, que o ser humano diferencia-se, transforma-se e desenvolve-se como uma pessoa com características próprias (Aguiar, 2014, p. 30) [grifos nossos].

Sendo assim, pode-se inferir que crianças são seres humanos em desenvolvimento, que necessitam de cuidadores externos para sua sobrevivência, até que desenvolvam a capacidade de cuidar de si mesmos.

Em meio ao contexto da pandemia, Polanczyk (2020) aponta que

Crianças e adolescentes não são o foco de maior preocupação no contexto desta pandemia . . . Os pais, que são protagonistas no desenvolvimento de seus filhos, poderão reconhecer os sinais de estresse, processá-los e retransmitir às crianças respostas que geram acolhimento, segurança e aprendizagem, estabelecendo um ciclo positivo. Entretanto, os pais podem não reconhecer os sinais de estresse de seus filhos, ou podem reconhecer mas não responder, ou ainda podem transmitir respostas que geram mais medo, insegurança e desamparo, estabelecendo um ciclo negativo . . . Para ensinar aos filhos que é possível aprender com as adversidades, os pais precisam estar relativamente saudáveis . . .

De acordo com o Instituto Unibanco (2020), “As famílias sempre foram parceiras fundamentais da escola”. Embora a importância da família no desenvolvimento infantil seja reconhecida e apontada em diferentes artigos e trabalhos acadêmicos, há dificuldade de encontrar propostas de acompanhamento e/ ou intervenção para pais e mães, mesmo fora desse contexto de pandemia. Isto sinaliza uma questão interessante: não há intervenções nessa área, ou não há registro dos trabalhos de intervenção nessa área?

É possível imaginar quantas dificuldades surgiram para professores, pais e alunos com a suspensão das atividades nos espaços escolares e a transferência das aulas para o ensino remoto, desde o início de 2020? Alguns pesquisadores acompanharam e publicaram trabalhos sobre os desafios de professores e outros atores do contexto escolar (Bernardo, 2020, Nova Escola, 2020). Os trabalhos localizados sobre o suporte para pais e mães durante esse mesmo período se referem às orientações e recomendações psicoeducativas (Aldeias Infantis, 2020, Alvarenga et al, 2020, Caetano, 2020, Fogaça & Bolsoni-Silva, 2020, Instituto Unibanco, 2020, Zorzetto, 2020). Mas seria possível oferecer outro tipo de auxílio para os pais, além dessas recomendações, não minimizando a importância dessas recomendações, mas ampliando as possibilidades de suporte aos pais?

Em meio ao contexto da pandemia, fica evidente a responsabilidade da família em relação ao suporte necessário para o desenvolvimento humano, tanto em suas necessidades básicas (como alimentação, moradia, higiene, cuidados com a saúde), quanto em relação ao desenvolvimento escolar e acadêmico, oferecendo equipamentos eletrônicos e serviços de internet para possibilitar o acompanhamento remoto das atividades escolares. Por mais que as esferas governamentais se esforcem por viabilizar alguns auxílios para a população mais vulnerável, são os pais dos alunos menores de 18 anos que devem entrar em contato com as instituições escolares para receber ou retirar as possibilidades oferecidas pelo governo para cada caso.

Diante deste quadro, pensar uma proposta de intervenção para pais e mães é pensar na possibilidade de oferecer um cuidar qualificado como suporte para aqueles que cuidam de outros, responsabilizando-se “pela disponibilidade de testemunhar, acompanhar e compartilhar o caminho dos outros, constituindo-se numa atitude amorosa” (Fukumitsu, Cavalcante & Borges, 2009, p. 176).

A proposta deste trabalho de pesquisa-ação é contribuir para reflexões a partir deste cuidar de quem cuida, registrando os resultados após a intervenção com pais e mães de estudantes do ensino fundamental das séries iniciais (do 1º ao 5º ano) em tempo de incertezas e pandemia. A análise qualitativa dos dados individuais dos participantes foi realizada por meio do procedimento de Desenhos-Estórias com tema (Trinca, 2013; Visca, 1995/ 2015), aplicado antes e depois da participação dos pais nas oficinas criativas. A proposta das oficinas criativas (Alessandrini, 1996; Ciornai, 2016) foi realizada em quatro encontros presenciais, uma vez por semana, seguindo os protocolos de segurança para prevenção à pandemia por SARS-COVID19 durante os meses de maio a novembro de 2021. Os temas trabalhados em cada encontro foram levantados a partir do trabalho de Nova e Stelzer (2020): 1- “Pais e Filhos em meio à pandemia: Dificuldades e possibilidades observadas”; 2- “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”; 3- “Pais e Filhos em meio à pandemia: Reorganizando rotinas sobrecarregadas”; 4- “Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de relações saudáveis”. Os dados coletados durante as oficinas foram analisados qualitativamente a partir das percepções dos processos grupais proposta pela Gestalt-terapia.

DESENVOLVIMENTO

Trabalhando na clínica psicológica no serviço público e no consultório particular há mais de quinze anos, avaliando e atendendo principalmente crianças e adolescentes a partir de queixas escolares e dificuldades de aprendizagem, a pesquisadora observou que, independentemente da condição social do familiar que procura a avaliação psicológica ou o atendimento para a criança, é comum desejar auxiliar o seu desenvolvimento. Mesmo com as dificuldades de realizar de maneira eficaz o suporte para o desenvolvimento infantil, o familiar que busca o atendimento psicológico para uma criança dispõe-se física e financeiramente nesta busca por identificar o que acontece com a criança e o que precisa ser feito para auxiliá-la em seu processo de crescimento saudável (Fernandes, 2016, p. 178).

Refletir sobre os desafios no contexto da psicoterapia de crianças não é um problema novo. Costa e Dias (2005) entrevistaram seis psicoterapeutas que trabalham com crianças em linhas humanistas-existenciais (psicodrama, Gestalt-terapia e terapia centrada na pessoa) a respeito da experiência na clínica psicológica infantil, e constataram que:

A dificuldade de conseguir estabelecer uma aliança com os pais ou responsáveis e, por conseguinte, a sua colaboração no processo terapêutico da criança, também produz na terapeuta um sentimento de impotência e solidão. . . a colaboração dos pais ou responsáveis aumenta a chance de aproveitamento (Costa & Dias, 2005, p. 44).

Estas autoras concluíram que, para os entrevistados, a resistência dos pais em colaborar com o processo terapêutico da criança se baseia em uma crença de que serão apontados como culpados pelos problemas dela, e que serão crucificados por isso:

Tais sentimentos que permeiam o imaginário dos pais, provavelmente são decorrentes de práticas que ainda se apoiam numa visão que foca mais nas deficiências do que nas competências e que acabam por desqualificar o saber dos pais, salientando o saber do terapeuta, que é o especialista, já que estudou para isso (Costa & Dias, 2005, p. 46).

As conclusões daquela pesquisa sinalizaram como dificuldades no exercício profissional do psicoterapeuta infantil: conseguir um trabalho colaborativo com os pais e inserir a família como coparticipante do processo terapêutico da criança. Mas também apontaram que o trabalho psicoterapêutico com a criança necessita do trabalho simultâneo

com a família, o que torna esta modalidade profissional de grande complexidade e exige do profissional disponibilidade para isso.

Anthony (2009, p. 357) descreve que “A criança está ligada no mundo e principalmente naqueles que lhe são significativos”. Ou seja, pensar em desenvolvimento infantil envolve pensar naqueles que são responsáveis por garantir condições para que este desenvolvimento aconteça. Essa autora também afirma que “não há como tratar a criança sem atender os pais, a família, às vezes a escola e outros sistemas da comunidade, a fim de cuidar da rede que afeta a psicodinâmica da criança” (Anthony, 2009, p. 359). Ampliando esta percepção da autora sobre a família, Aguiar (2014, p. 64) propõe que “família” é:

Uma totalidade, inserida em outras totalidades e composta por diferentes elementos que a compõem e que se encontram em permanente interação, afetando uns aos outros na busca da melhor forma possível de autorregulação; o comportamento de cada um deles está relacionado e depende do comportamento de todos os outros.

Zanella (2021, p. 123-130) aponta que “ao atender uma criança, devemos nos encontrar também com sua família e, quando possível, com as pessoas que estão em contato com ela”, pois este campo constitui o heterossuporte para o desenvolvimento da criança.

Atender crianças na clínica psicológica é abrir-se à possibilidade de receber diferentes queixas, principalmente direcionadas por dificuldades escolares e/ ou comportamentais, além das questões emocionais e afetivas envolvidas. Surge a necessidade de integrar os saberes para além da Psicologia, para avaliar o desenvolvimento da criança de maneira integral, buscando identificar quais aspectos estão saudáveis e quais aspectos se encontram adoecidos e necessitados de cuidados. Buscando estes saberes diferentes nos cuidados com a criança durante a avaliação psicológica infantil, depara-se com a Pedagogia relacionada às questões acadêmicas e escolares, e a Psicopedagogia pela relação entre o sujeito e a aprendizagem, construindo um olhar dinâmico sobre as dificuldades de aprendizagem, buscando compreendê-las (Bastos, 2015; Fernandes, 2016).

Um dos pilares da Psicopedagogia é a Psicanálise; porém isso não impede que outras abordagens psicológicas também direcionem seus estudos e pesquisas para essa área do conhecimento que estuda as relações de aprendizagem a partir das dificuldades nesse processo. Assim, a Gestalt-terapia enquanto linha teórica da Psicologia, pode estabelecer relação com o cuidado oferecido pela Psicopedagogia: Dusi, Neves e Anthony (2006, p. 153),

escrevendo sobre a totalidade da percepção das relações criança-escola, apontam que “todos os que se encontram envolvidos no processo educativo participam, de forma privilegiada, do processo de humanização do sujeito”. Para essas autoras, o trabalho psicopedagógico dentro da compreensão da abordagem da Gestalt-terapia “visa a ampliação da consciência, auxiliando a criança a redescobrir seu próprio ser, habilidades e potencialidades” (p. 156):

Mister se faz considerar a unidade significativa aluno – escola – família – professor como uma totalidade sobre a qual a intervenção dar-se-á, observando-se a forma promotora ou dificultadora de interação nos campos, ressaltando a intercomunicação e inter responsabilidade das partes para compreensão e ação conjunta . . . organizando as partes de forma a proporcionar-lhes o sentido da totalidade, é a atribuição central dos que com o aluno caminham (Dusi et al, 2006, p. 156-157).

Para Bastos (2015, p. 39), durante o diagnóstico ou a intervenção psicopedagógica “o acompanhamento dos pais, mesmo que esporádico, é necessário para lhes permitir a construção de um novo olhar sobre o filho e um maior comprometimento com as suas dificuldades”. Outros autores concordam com Bastos no sentido do “acompanhamento ou orientações de maneira esporádica” para os pais e/ ou familiares de crianças em acompanhamento psicológico ou psicopedagógico, mas sem realizá-lo com certa frequência, talvez pela dificuldade de lidar com os sentimentos observados e apontados por Costa e Dias (2005) de impotência e solidão diante da dificuldade de colaboração com o processo terapêutico da criança. Por outro lado, Norgren (2004) observa que ao envolver os pais no processo dos filhos se favorece a adesão, o apoio e a transformação no campo em que a criança ou adolescente se insere. Além disso, a autora aponta que

A transformação do outro (cliente, família) só se torna possível se ele sentir-se acolhido, valorizado, amado. E a partir daí o caminho se inicia: no momento em que ele não se sente julgado, mas aceito com suas limitações, dificuldades e vontade de crescer (Norgren, 2004, p. 201-202).

É importante questionar também que, se para estas áreas de conhecimento (Psicologia, Pedagogia e Psicopedagogia), a parceria com a família é considerada relevante para o desenvolvimento da criança/ estudante/ aprendiz, por que existem poucos trabalhos e publicações sobre as intervenções com a família para observar o que e como pode acontecer o desenvolvimento dos filhos? E quais efeitos podem ser observados nas relações entre pais e filhos após a intervenção com os pais em grupos terapêuticos, nesses tempos

pandêmicos? Esse tipo de intervenção pode ser considerado um “cuidado” com aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento infantil fora do contexto escolar?

A partir desta perspectiva, levanta-se a possibilidade de propor uma intervenção para pais e mães com o objetivo de atingir as relações destes com seus filhos, e conseqüentemente afetar todos os envolvidos neste contexto, considerando essa intervenção como uma maneira de oferecer cuidados para aqueles que cuidam de outros em tempos pandêmicos. Para a Gestalt-terapia “cuidar significa responsabilizar-se pela disponibilidade de testemunhar, acompanhar e compartilhar o caminho do outro, constituindo-se numa atitude amorosa” (Fukumitsu et al, 2009, p. 175).

A proposta desse trabalho é refletir sobre quais os efeitos de se oferecer suporte para pais e mães, por meio de grupos de intervenção presenciais realizados de acordo com a abordagem gestáltica com grupos, que serão chamados “Oficinas Criativas”, para as relações destes pais e mães com seus filhos. A pergunta da pesquisa é: Será que as oficinas criativas em tempos pandêmicos colaboram para a qualidade das relações parentais? A reflexão sobre as variáveis que interferem nas relações entre pais/ mães e filhos já é contemplada em outros trabalhos tanto na psicologia, quanto na pedagogia e na psicopedagogia, e não será abordada neste trabalho.

2.1 Relações parentais em meio à pandemia e o trabalho com grupos de pais e mães

O ser humano é um ser em relação. Desde o nascimento até o fim de sua vida, cada pessoa está em interação constante e permanente consigo mesma, com as outras pessoas e com o mundo e as situações que a rodeiam (Aguiar, 2014, p. 30). O ser humano demonstra maior fragilidade e necessidade de cuidados externos e por mais tempo do que os outros seres vivos, até que tenha condições de cuidar da própria sobrevivência. A família, independentemente de sua composição, constitui o primeiro grupo social responsável pelos cuidados iniciais com a vida de um ser humano.

Autores diferentes, em várias áreas de conhecimento, concordam com a importância da família para o desenvolvimento humano. Por exemplo, na psicopedagogia Visca (1995/2015, p. 140) aponta que “a família constitui o meio onde se constroem as aprendizagens mais fundamentais”, oferecendo modelos de identificação que servirão de base para os

vínculos de aprendizagem ao longo da vida; na Gestalt-terapia, Fernandes (2010, p. 177) aponta que:

É preciso considerar que a família é a primeira influência determinante na construção da identidade da criança, e também é extremamente afetada pelas interferências feitas pela própria criança ou pelas interações desta com as redes das quais participa. Nesse sentido, é um sistema vivo, pulsante, que a cada momento transforma e é transformado por inúmeras interferências decorrentes de diferentes variáveis.

Reconhecendo a importância da influência da família para o desenvolvimento humano, nas últimas décadas aumentaram os estudos sobre a criação dos filhos, surgindo um novo conceito para delimitar esse campo de pesquisas: “parentalidade” ou “estilos parentais” representam “o contexto em que os pais influenciam seus filhos através de suas práticas, de acordo com suas crenças e valores” (Böing & Crepaldi, 2016, p. 19). Os seja, o desenvolvimento humano é afetado e influenciado pelos adultos responsáveis pela criança nos anos iniciais de sua existência. Fernandes (2010, p. 187) propõe que:

Conversar temas que possibilitem a ponderação dos valores que norteiam as escolhas dos pais, além de facilitar um *rapport* entre estes e o terapeuta . . . promove a compreensão das dinâmicas interrelacionais que os pais estabelecem (no que concordam, no que discordam, como concordam e como discordam em relação a determinada temática). [grifo nosso]

Diante da pandemia por SARS-COVID19, como as famílias foram afetadas? O trabalho de Nova e Stelzer (2020) impulsiona a reflexão para esta questão. Os autores entrevistaram pais e mães para saber o que mudou e o que estes aprenderam com seus filhos e suas famílias em meio a pandemia em 2020. Foram entrevistadas nove pessoas, sendo cinco pais (todos casados), e quatro mães (apenas uma mãe em carreira solo, as outras casadas). Os filhos dos entrevistados tinham idade entre três semanas de vida e 12 anos.

Foram apontados aspectos positivos nas mudanças observadas, como alteração e melhora na qualidade e no tempo de convivência entre os irmãos, percepção e acompanhamento do desenvolvimento da linguagem e da autonomia dos filhos pequenos, exploração do espaço da casa e conexão familiar com este espaço. Mas também foram apontados aspectos negativos: sobrecarga mental dos pais para coordenar as rotinas domésticas e as rotinas dos filhos (citado por duas mães); pais que perderam seus trabalhos e conviveram com a frustração, a preocupação e a angústia em relação à situação financeira e ao futuro da família (citado por três pais entrevistados); tensão com a questão da escola e com as rotinas escolares suspensas (citado por uma mãe); isolamento e falta de suporte

externo durante a gravidez por conta das medidas necessárias à contenção da pandemia (citado por um casal). Tais aspectos negativos descritos por Nova e Stelzer (2020) podem inspirar os temas a serem abordados e trabalhados durante os encontros em grupo para pais, como possibilidade de cuidados com os adultos que cuidam das crianças nestes tempos pandêmicos.

Temos outro exemplo inspirador com a proposta de temas a serem abordados e trabalhados com os pais e mães em tempos pandêmicos a partir do trabalho do grupo de estudos sobre a abordagem Orientação à Queixa Escolar (OQE) da USP, que reuniu e disponibilizou em seu site¹ informações e reflexões sobre as consequências da pandemia de COVID19 para a comunidade escolar, considerando a compreensão e o atendimento a queixas escolares em tempos pandêmicos a partir dos destaques observados neste período, como o ensino remoto, o confinamento e as atividades escolares com distanciamento social.

O trabalho do grupo de OQE aponta, dentre outros, materiais sobre: alunos na pandemia: experiências (nove materiais), professores na pandemia: experiências e descobertas (quinze materiais), pais na pandemia: lidando com filho em tempos de COVID19 (cinco materiais). Considerando os materiais disponíveis reunidos pelo grupo OQE para pais na pandemia, observa-se que quatro destes são informações e orientações sobre como abordar a questão do coronavírus com os filhos, ou como estabelecer cuidados com crianças e adolescentes em tempos pandêmicos, e apenas um destes materiais aborda as dificuldades dos pais com o momento pandêmico (vídeo curto: “Pais professores? A rotina com os filhos estudando em casa” – Band Jornalismo, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dXGGbVvUYks>).

Comparando a quantidade de materiais reunidos pelo grupo de OQE, observa-se que a quantidade de materiais disponibilizada sobre pais na pandemia é a área com menor quantidade de materiais sugeridos, o que sinaliza uma área de estudos a ser abordada e explorada, com contribuições para o pensamento acadêmico e para a prática clínica. Bastos (2015) aponta os benefícios que a compreensão e a intervenção contextualizada e integrada de paciente, família e escola podem promover, reforçando a necessidade de oferecer a possibilidade de um espaço de escuta para os pais, onde seria “até passível de acarretar

¹ Disponível em <https://orientacaoqueixaescolar.ip.usp.br/pandemia/pandemiaeeducacao/> Acesso em 25/ março/ 2021.

algumas consequências, como uma nova maneira de pensar as relações familiares, as próprias dificuldades e o lugar ocupado pelo filho ou filha na família” (Bastos, 2015, p. 25).

Essas reflexões contribuem para o levantamento de temas básicos a serem trabalhados em um grupo com objetivo de oferecer suporte para pais e mães de crianças em meio aos tempos pandêmicos, como:

- a) pais e filhos em meio à pandemia: dificuldades e possibilidades encontradas;
- b) ensino remoto e atividades escolares;
- c) reorganizando rotinas sobrecarregadas.

Os aspectos positivos do trabalho com grupos já são conhecidos e divulgados, como expõe Cardoso (2009, p. 131): “Trabalhar o material emergente em relação ao tema proposto a partir das vivências dos participantes, enfocando o aspecto emocional, as crenças e ações de cada pessoa, tendo também conotação pedagógica, na medida em que, ocasionalmente, eram difundidas informações”.

Além disso, abordar tais temas em grupo com os pais e mães de crianças possibilita um fluxo de movimento diante da vida e do contexto da pandemia, ao mesmo tempo em que se propõe retomar com estes cuidadores o resgate da relação amorosa com seus filhos, fundamental “para o desenvolvimento fisiológico, para o desenvolvimento do corpo, das capacidades sensoriais, da consciência individual e social da criança” (Maturana & Verden-Zoller, 2004, p. 237, como citado em Cavanellas & Barbosa, 2020, p. 922).

2.2 Procedimento de desenhos-estórias com tema: possibilidades de análise e compreensão

O procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) é um recurso compreensivo de largo espectro, introduzido na clínica psicológica a partir de 1972 por Walter Trinca e sua equipe de estudos (Trinca, 2013, p. 27). É aplicável em “diferentes contextos da saúde pública, da odontologia, da fonoaudiologia, da psicopedagogia, do judiciário, da psicologia social e escolar dentre outros” (Trinca, 2013, p. 7-8), e enquanto técnica de investigação psicológica, auxilia na compreensão e delimitação do foco para onde direcionar as intervenções e os objetivos terapêuticos.

A identidade do D-E compõe-se em sua aplicabilidade: “Destina-se a sujeitos de ambos os sexos, de qualquer idade cronológica em que seja possível a aplicação, podendo pertencer a todos os níveis mentais, socioeconômicos e culturais” (Trinca, 2013, p. 14). Os materiais básicos necessários à aplicação são: folha de papel em branco sem pauta e lápis preto macio. Os procedimentos envolvidos são: pede-se um desenho. Após a conclusão do desenho, pede-se uma história: “Olhando o desenho, você pode inventar uma história, dizendo o que acontece” (Trinca, 2013, p. 21). Depois da história, faz-se um inquérito, para melhor compreensão do material produzido tanto no desenho como na história, e finaliza-se solicitando um título.

Ao longo dos anos, foram introduzidas modificações ao procedimento D-E para ajustar o instrumento a determinadas situações e proporcionar a ampliação da aplicabilidade à elucidação de questões específicas (Trinca, 2013, p. 13). De acordo com Tardivo (2013) o trabalho com D-E com temas é uma derivação e extensão utilizada para estudos específicos de determinados temas; “usado para a compreensão do imaginário coletivo, podendo, assim, embasar uma clínica diferenciada” (Tardivo, 2013, p. 343). Para essa autora:

O indivíduo ou o grupo é convidado a desenhar determinado tema e a escrever suas associações a partir do desenho. O D-E com temas . . . favorece a compreensão de como determinada pessoa, em seu grupo, dá significação a certa conduta ou situação, que pode ser fonte ou contribuir para o sofrimento psíquico (Tardivo, 2013, p. 343-344).

De maneira semelhante, a avaliação psicopedagógica inclui a aplicação de desenhos, ou melhor, a aplicação de “técnicas projetivas psicopedagógicas” para investigar a relação entre a inteligência e a afetividade envolvidas na aprendizagem e nas dificuldades de aprendizagem (Visca, 1995/ 2015, p. 15).

Jorge Visca na Argentina (Visca, 1995/ 2015, p. 203; Chamat, 2004, p. 127), foi um dos precursores da psicopedagogia a se preocupar com a delimitação e definição do objeto de estudo da psicopedagogia (a aprendizagem humana) e seus instrumentos próprios de avaliação. Buscou organizar e sistematizar a utilização de desenhos com temas, caracterizando-os como “técnicas projetivas psicopedagógicas”, coordenando e disseminando grupos de estudo e pesquisa sobre o assunto (Visca, 1995/ 2015, p. 8).

Visca (1995/ 2015) destacou a relevância da avaliação dos vínculos estabelecidos pelo sujeito com a sua aprendizagem através das “circunstâncias dentre as quais se opera essa

construção” (Visca, 1995/ 2015, p. 18), investigando esses vínculos durante a avaliação psicopedagógica através de desenhos com temas e com aplicação de inquérito após a produção para melhor compreensão dos materiais produzidos pelo sujeito. Visca (1995/ 2015) considera os vínculos escolares nos desenhos “Par Educativo”, “Eu com meus colegas”, e “Planta da sala de aula”; os vínculos familiares nos desenhos “Família educativa”, “Os quatro momentos do dia”, e “A Planta da minha casa”; e os vínculos do entrevistado consigo mesmo nos desenhos: “Fazendo o que mais gosto”, “Eu em minhas Férias”, “O dia do meu aniversário”, e “O desenho em episódios”.

Observam-se alguns aspectos em comum entre estes autores citados, embora sejam de áreas de conhecimentos diferentes e ao mesmo tempo correlatas. Seus trabalhos apontam a importância do uso dos desenhos como ferramentas auxiliares na compreensão da pessoa e as relações que estabelece consigo mesma, com as outras pessoas e com o mundo onde habita, ampliando as possibilidades de percepção e da própria consciência para tomada de decisões diante da vida.

Embasada por estes autores, foi selecionada a técnica projetiva psicopedagógica “Par Educativo Familiar” (Visca, 1995/ 2015, p. 139-142) como instrumento de investigação dos vínculos familiares dos participantes da pesquisa. Para fins didáticos, a versão utilizada na aplicação do instrumento foi adaptada e descrita por Chamat (2004, p. 127-129): materiais necessários à aplicação: papel sulfite, lápis preto e borracha dispostos sobre a mesa. Elaboração do desenho a partir da comanda: “Desenhe uma família com alguém ensinando e alguém aprendendo”. Relato de uma estória verbalmente para registro por escrito da pesquisadora. Inquérito sobre o desenho e a estória, finalizando com um título.

Essa técnica psicopedagógica é semelhante ao procedimento Desenho-Estória (D-E) com tema, indicando a possibilidade de integração dos conhecimentos entre psicopedagogia e psicologia. Espera-se complementar essa compreensão psicopedagógica com o auxílio da Gestalt-terapia, por meio de uma análise fenomenológica-existencial dos mesmos casos.

A Gestalt-terapia, também conhecida como abordagem gestáltica, “é uma síntese coerente de várias correntes filosóficas, metodológicas e terapêuticas, formando uma verdadeira filosofia existencial, uma forma particular de conceber as relações do ser vivo com o mundo” (Ferraz, 2012, citado por D’Acri, Lima & Orgler, 2012, p. 137). Foi criada por Frederick Perls a partir de 1946 e durante toda sua vida, pois em cada momento da história e da busca pessoal de Perls, o contato com as correntes filosóficas, metodológicas e

terapêuticas disponíveis no tempo e no espaço onde viveu propiciaram novos questionamentos, novas buscas, novas compreensões, e novas integrações entre os conhecimentos que alicerçam essa teoria.

Dentre as influências filosóficas que compõem a base teórica da Gestalt-terapia estão a fenomenologia, o existencialismo, o humanismo e as teorias orientais do zen-budismo e do taoísmo. A fenomenologia se destaca enquanto método de estudo investigativo nesta abordagem, considerando que:

Ao fazermos um estudo fenomenológico, precisamos saber que o conhecimento obtido na entrevista e no processo de análise dos depoimentos tem duração contextualizada e depende da situação que o colaborador experiencia naquele momento. Em outras palavras, o que cada entrevistado percebe naquele momento sobre determinada vivência pode ser diferente em outro momento de sua vida (Fukumitsu, 2013, p. 35).

Essa modalidade de avaliação psicológica privilegia os resultados qualitativos e subjetivos sob a perspectiva do participante, pois a pesquisadora observa o fenômeno (a pessoa e seus vínculos de aprendizagem familiar) a partir do próprio relato de quem é observado, e não se busca interpretar as produções, mas sim compreender de maneira compartilhada e ampliada o que se apresenta em casa caso observado. Ancona-Lopez (2013, p. 164) descreve o manejo fenomenológico-existencial de compreensão diagnóstica:

. . . a compreensão é co-constituída e construída em conjunto pelo psicólogo e pelo cliente. . .
. Ao compartilhar com o cliente a sua compreensão, o psicólogo lhe oferece a possibilidade de uma tomada de consciência sobre certos aspectos, ou seja, ilumina o que se mostra obscuro.

Zanella (2019, p. 127) descreve que “em Gestalt-terapia não fazemos interpretações nem damos significados ao material”, pois o trabalho terapêutico “caminha para o distanciamento da análise e da interpretação da imagem, e encoraja a experiência descritiva do que se percebe; ao descrever as formas, os clientes estarão descrevendo a si próprios” (Belmino, 2021, p. 139). Norgren (2004, p. 207-208) descreve que é “importante avaliar a obra com o cliente, visando ampliar o nível de conhecimento sobre si próprio e buscando atualizar seus potenciais”, conversando e refletindo com ele sobre o que foi feito e vivenciado. Ciornai (2019, p. 17-19) aponta que “em termos de linguagem simbólica, o sentido não repousa no que está representado, mas na relação que cada observador

estabelece com o que foi representado”, ressaltando o papel do terapeuta enquanto facilitador no processo de ampliação da *awareness*², ou seja, da consciência de si mesmo e de suas percepções no tempo presente e busca de sentido protagonizado pelo autor da produção.

Em outro trabalho, Ciornai (2021, p.12) reforça o trabalho com a arte e o papel do terapeuta de “ensinar as pessoas a descristalizar o olhar e a ver o velho e o desconhecido de distintas perspectivas, por vezes ressignificando-os, . . . a perceber o que não vemos no que olhamos, a dar expressão à nossa complexidade.” Esta autora ainda reforça que “é possível, por exemplo, comparar trabalhos realizados ao longo de um período, percebendo quais características permanecem e quais se transformam” (Ciornai, 2021, p.17).

Assim, nesta pesquisa, propõe-se tecer uma análise fenomenológico-existencial individual compartilhada com cada participante logo após a reaplicação do procedimento Desenhos-Estórias, utilizando o tema da técnica psicopedagógica “Par Educativo Familiar”, para observar e avaliar posteriormente os efeitos da proposta de intervenção com a população estudada, comparando as percepções sobre si mesmo com cada participante. Espera-se observar diferenças nas percepções individuais por meio das produções realizadas pelos participantes antes e depois da proposta de intervenção, embora não seja possível antever se os resultados serão positivos ou negativos.

2.3. Fundamentos da Gestalt-terapia

Neste trabalho, para fins didáticos e compreensivos, faz-se necessário destacar e definir alguns aspectos teóricos da Gestalt-terapia que norteiam a visão de homem e a visão de mundo adotadas ao longo do processo de construção da pesquisa, pois sustentam a metodologia e o manejo terapêutico da pesquisadora ao longo do processo. Destacam-se os conceitos de: teoria de campo, teoria organísmica, ajustamento criativo, contato, fronteira de contato, Self e *awareness*.

² “tomada de consciência global no momento presente, atenção ao conjunto de percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental, consciência de si e consciência perceptiva” (Ginger, 1995, p. 254, citado por D’Acri et al, 2012, p. 33)

A Gestalt-terapia surge em meio à psicologia humanista, em que o homem é definido como um ser que “se autodetermina, interage ativamente com seu ambiente, é livre e pode fazer escolhas, sendo responsável por elas no universo interrelacional no qual vive” (Frazão, 2013, p. 12). O ser humano é um “ser-no-mundo, parte integrante e inseparável do sistema organismo-meio, . . . em constante processo de devir e intercâmbio criativo com o meio” (Ciornai, 2004, p.55). Foi desenvolvida a partir de 1946 por Frederick Perls (também conhecido como Fritz Perls) e um grupo de intelectuais que se intitulava “Grupo dos sete” e teve seu marco inicial em 1951 com a publicação do livro “*Gestalt-therapy – excitement and growth in the human personality*” por Frederick Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman (Ferraz, 2012, citado por D’Acri, Lima & Orgler, 2012, p. 137; Frazão, 2013, p. 11).

Para Ferraz (2012, citado por D’Acri et al, 2012, p. 137) a Gestalt-terapia “é uma síntese coerente de várias correntes filosóficas, metodológicas e terapêuticas, formando uma verdadeira filosofia existencial, uma forma particular de conceber as relações do ser vivo com o mundo”. Suas raízes se encontram na fenomenologia, no existencialismo, no humanismo, na teoria organísmica de Goldstein, na teoria de campo de Kurt Lewin, na psicologia da Gestalt, na psicanálise, nas filosofias orientais, no zen-budismo (Ferraz, 2012, citado por D’Acri et al, 2012, p. 139; Tellegen, 1984, p. 34; Aguiar, 2014, p. 27-34). A Gestalt-terapia se utiliza destas correntes para reordenar a compreensão de homem e de mundo a partir das relações e não dos objetos; a partir dos processos e não do conteúdo final, pois o homem é um ser essencialmente relacional (Aguiar, 2014, p. 30). Ferraz (2012, citado por D’Acri et al, 2012, p. 139) delimita que:

Em seu aspecto clínico, a Gestalt-terapia se apresenta como uma terapia existencial-fenomenológica que objetiva aumentar a *awareness* do cliente, no aqui-e-agora da relação terapêutica, e para isso, utiliza recursos como experimentos, frustrações, fantasias dirigidas, e outros, facilitando o desenvolvimento do autossuporte, a capacidade de fazer escolhas e a organização da própria existência.

Para Perls, Hefferline e Goodman (PHG) (1997, p. 42-43) “qualquer investigação sobre o homem deve partir da interação organismo/ meio”. Também pode ser definida como “campo organismo/ meio” ou “campo interacional” pois considera a relação do indivíduo com fatores socioculturais, animais e físicos.

A partir da teoria de Kurt Lewin, campo é o espaço vital, dinâmico, concreto e delimitado “caracterizado por uma rede de relações entre as partes (que o compõem), . . .

numa explicação sistêmica que se sobrepõe à explicação linear, histórica, causal” (Tellegen, 1984, p. 47) pois envolve “como”, “quando” e “onde” as relações se estabelecem e produzem algo diferente na percepção da pessoa (Rodrigues, 2013, p. 112-113), ao invés de envolver apenas “por que” as relações se estabelecem. Considerando o exemplo de Aguiar (2014, p. 29):

Ao conhecer o indivíduo, não nos interessamos apenas em listar suas várias características, mas principalmente em como elas se relacionam entre si e com os demais elementos do campo, tais como o grupo familiar e/ ou profissional e/ ou religioso e/ ou social.

Observa-se a importância de se considerar os diferentes fatores que constituem esse campo vital para a compreensão do ser humano como um ser em relação. Desta maneira, a teoria de campo se caracteriza como uma forma de estabelecer as possibilidades de compreensão do campo a partir do estudo dos aspectos dinâmicos dos acontecimentos e as forças presentes na relação do organismo com seu meio (Rodrigues, 2013, p. 121). À luz dessa teoria, a pessoa é retratada em seu contexto, em seus relacionamentos e em comunidade; considerando seu desenvolvimento no campo e na perspectiva do tempo (Poppa, 2018; Elídio, 2012, citado por D’Acri et al, 2012,); cada parte se relaciona com o todo, e qualquer acontecimentos envolvendo uma parte, influencia todo o campo (Elídio, 2012, citado por D’Acri et al, 2012).

De acordo com Robine (2003, p. 31-34), através da concepção fenomenológica de “campo da consciência” ou de “campo de experiência”, podemos ampliar o conceito de campo para “espaço vivido de percepções e ações, de sentimentos e significados de um determinado indivíduo”, onde as atividades humanas são fenômenos da fronteira de contato ou “modalidades de contatar”, como atividades situadas em uma situação. “A consciência do modo como uma situação tem impacto sobre nós é também uma maneira de compreender melhor como fomos impactados por certas situações ao longo de nossa história” (Robine, 2003, p. 31).

O ponto de vista do holismo, como proposto por Jan Smuts (citado por Lima, 2013, p. 147-148), acrescenta ao corpo teórico da Gestalt-terapia a compreensão de que o todo é mais do que a soma de suas partes, e em conjunto com a teoria organísmica de Kurt Goldstein propõe um olhar integrador para as diferentes dimensões humanas: física, emocional, cognitiva, energética (Lima, 2013, p. 148; Poppa, 2018, p. 25), pois segundo Goldstein, “o holismo era a base estrutural para o pensamento organísmico” (citado por

Lima, 2013, p. 148), e “existe uma tendência do organismo ao comportamento ordenado” (Lima, 2013, p. 148), uma busca da reorganização das partes no campo na medida em que o campo permite, para retomar um ponto de equilíbrio nas relações organismo/ meio: a lei da autorregulação organísmica (Lima, 2013, p. 150; Poppa, 2018, p. 26). Esta função autorreguladora vai além da regulação fisiológica do organismo, pois abrange a interação do organismo com seu meio, buscando um equilíbrio de modo dinâmico e constante, mesmo diante do processo de adoecimento:

. . . todo e qualquer sintoma é uma tentativa primeira de adaptação do organismo diante das prioridades que este discrimina no seu momento atual e a busca de atender a elas, da melhor forma possível, na negociação com as condições existentes no meio (Lima, 2013, p. 153).

Além disso, alerta Aguiar (2014, pp. 70-71) sobre a perspectiva de totalidade autorreguladora e relacional observada na família que compõe o campo da criança:

. . . se concebermos a família como uma totalidade autorregulada, ao trabalhar com uma criança vamos intervir em um equilíbrio que vai além dela e estende-se por toda a família. Por isso é fundamental levar em conta todo o contexto familiar, tanto em nossa compreensão diagnóstica quanto em nossa conduta terapêutica.

O processo de autorregulação organísmica busca alcançar o melhor acordo possível entre organismo e meio a cada momento, e recebe o nome de ajustamento criativo (Aguiar, 2014, p. 52). Esse processo envolve continuidade e mudança, autorregulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, sugerindo a “superação de estruturas relacionais que já não são funcionais, sem negá-las enquanto matriz” (Tellegen, 1984, p. 46), para formar uma nova configuração, que pode ser mais ou menos satisfatória dependendo das possibilidades do meio e dos recursos do indivíduo (Aguiar, 2014, p.53). Cardella (2014, p. 110-111) destaca que:

Contextualizar e compreender os conceitos de ajustamento criativo . . . é fundamental para o acolhimento dos recursos, das formas de sofrimento e de adoecimento com que deparamos no cotidiano da clínica, discernindo as modalidades de cuidado e as possibilidades terapêuticas em Gestalt-terapia.

O processo de desenvolvimento humano envolve o movimento constante de ajustamentos criativos que reconfiguram o campo a todo momento, imprimindo sua marca pessoal nos acontecimentos da vida inclusive diante das dores e sofrimentos que a constitui, com honestidade, abertura e responsabilidade (Ciornai, 2004; Aguiar, 2014; Cardella, 2014).

O ajustamento criativo pode levar a processo de crescimento saudável e funcional, ou não-saudável e disfuncional. De acordo com Ciornai (2004, p. 62), o funcionamento saudável se caracteriza por um “fluxo pleno, contínuo e energizado de *awareness* e formação perceptual de figura-fundo”, que impulsiona contatos satisfatórios e enriquecedores, ou interrompe contatos prejudiciais e intoleráveis; onde “a energia de uma pessoa flui livremente, como as ondas do oceano, num eterno processo de formação e destruição da figura-fundo, ou seja, de figuras da nossa atenção”. Porém, diante de adversidades e pressões sobrecarregadas do meio, a pessoa pode desenvolver defesas que limitam sua existência na tentativa de protegê-la (Ciornai, 2004, p.59). Para a Gestalt-terapia, o sintoma, o adoecimento e as organizações defensivas representam ajustamentos criativos disfuncionais, onde as estruturas estão “desatualizadas e desconsideram a existência de novos recursos e novos contextos no presente, refletindo o estancamento do crescimento” (Cardella, 2014, p. 117-118), “como se o indivíduo usasse óculos que colorisse qualquer possibilidade presente ou futura com as cores das experiências passadas” (Ciornai, 2004, p. 61-62). Mesmo assim ainda representam a melhor resposta que a pessoa conseguiu em determinado momento e situação (Ciornai, 2004, p. 59).

Contato “é toda atividade que ocorre na fronteira entre mim e o diferente de mim, no campo organismo-meio” (Ciornai, 2004, p. 57); é um todo processual que se dá na percepção da diferença, num limite denominado “fronteira de contato”; “é algo dinâmico, ativo e dependerá sempre de um acordo entre as partes envolvidas. Ademais, observa-se que o contato é seletivo: ele ‘escolhe’ o que deve ser assimilado” (Silveira, 2012, citado por D’Acri et al, 2012, p. 59). Ele acontece dentro de um campo composto por inúmeras partes, que são cada uma delimitada por uma fronteira onde os elementos são diferenciados numa relação interdependente (Tellegen, 1984, p. 49).

Zinker (1977/ 2007, p. 218) aponta que “sempre que dois limites claramente diferenciados entram em atrito, os indivíduos experienciam um sentimento vibrante de contato”, em um espaço denominado fronteira de contato, que é o lugar do encontro; é um conceito funcional em que se identifica e se diferencia o que é e o que não-é organismo; delimita-se e se estabelece o contato com o mundo e com o novo por meio de relações vivas que acontecem nesta fronteira, e que incluem assimilar ou rejeitar, aproximar ou evitar, a partir da percepção e da relação estabelecida com a novidade, “alcançando a diferenciação e a união, vivendo no tempo (movimento e esperança) e no lugar (raízes e confiança), aberto

ao novo e ao inédito” (Cardella, 2014, p. 107). Nesse lugar de encontro, o Self orienta, manipula e regula os processos do indivíduo, mobilizando os ajustamentos criativos no campo em busca do equilíbrio (Robine, 2003, p. 33).

Tellegen (1984, p. 46) define:

A ideia de “ajustamento criativo”, que inclui autorregulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante, em contraposição a controle externo, dependência, agarramento ao passado e comportamento estereotipado, é o que desdobra esse critério de saúde e norteia os procedimentos terapêuticos na abordagem gestáltica.

“A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente” (PHG, 1997, p. 41 e 43), de maneira que “todo contato é criativo e dinâmico . . . é um ajustamento criativo do organismo e ambiente” (PHG, 1997, p. 44-45). É na fronteira de contato que se regula as identificações e alienações na relação organismo/ meio (Schillings, 2012, citado por D’Acri et al, 2012; Tellegen, 1984), atualizando a experiência no tempo presente e nas relações que a envolvem, escolhendo o que fazer para manter o equilíbrio organísmico, assimilando ou rejeitando a novidade. “É no vínculo com uma situação, qualquer que seja ela, que o Self será levado a desenvolver-se ou não” (Robine, 2003, p.32).

Porém, “nem toda a interação, contudo, é contato, visto que esse só ocorre diante do novo e da diferença” (Dusi, Neves & Anthony, 2006, p. 151). O que significa que, enquanto o organismo não se dá conta da novidade, interage de maneira automática e não-consciente, reproduzindo um ajustamento criativo disfuncional, sem a atualização da experiência no tempo presente, e portanto, sem contato com a novidade, sem a possibilidade de escolha entre assimilar ou rejeitar o que se apresenta em sua fronteira, com padrões repetidos de forma automática e inconsciente, não se tem contato, tem-se uma interrupção ou um distúrbio do contato (Ciornai, 2004, p. 64).

Sendo assim, “contato é o trabalho que resulta em assimilação e crescimento” e “crescimento é o resultado da fronteira de contato no campo organismo/ meio” (PHG, 1997, p. 45); pois envolve o movimento articulado entre motivação, percepção, afeto, cognição e ação conscientes do organismo no meio (Tellegen, 1984, p. 49). “O contato é inerente à descoberta do novo” (Cavanellas & Barbosa, 2020, p. 922), o que pode desencadear uma maneira diferente da maneira conhecida de ser no mundo, ocasionando a mudança como “resultado inevitável do contato, na medida em que ocorre a assimilação do que é nutritivo e a rejeição do que é tóxico” (Polster & Polster, 2001, citado por D’Acri et al, 2012, p. 60).

Anthony (2009, p. 359) aponta que “quando não sabemos o que a criança tem, quando não nomeamos, não podemos curar, tratar com eficácia e muito menos orientar devidamente os pais”, pois não se estabeleceu um contato com o novo que se apresenta na fronteira, impedindo que um ajustamento criativo funcional se estabeleça a partir da identificação desta novidade que se apresenta. Aguiar (2014, p. 73) aponta que a família desempenha essa totalidade autorreguladora e relacional para o desenvolvimento da criança, ressaltando a importância do trabalho com esse elemento do campo relacional da criança.

Awareness pode ser definido como a capacidade humana “de dar-se conta daquilo que se passa com ela a cada momento em sua relação com o mundo, do que ela sente, pensa, faz e necessita nessa interação” (Aguiar, 2014, p. 51); é a “tomada de consciência global no momento presente, atenção ao conjunto de percepção pessoal, corporal e emocional, interior e ambiental, consciência de si e consciência perceptiva” (Ginger, 1995, p. 254, citado por D’Acri et al, 2012, p. 33); é a possibilidade de integrar de maneira consciente todas as percepções da relação organismo-meio, em todos os aspectos possíveis nesta relação “com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético” (Yontef, 1998, p. 215, citado por D’Acri et al, 2012, p. 33). Para Perls, Hefferline e Goldman (PHG, 1997, p. 42), todas as possibilidades propostas pela Gestalt-terapia tem um único propósito: “analisar a função de entrar em contato e intensificar a *awareness* da realidade”, pela instigação de situações inacabadas no tempo presente, pela experimentação de novas atitudes e novos materiais de experiência aqui-agora, visando novos ajustamentos criativos (PHG, 1997, p. 48).

As aplicações práticas da Gestalt-terapia na Pedagogia deram origem à Gestaltpedagogia (Burow & Scherpp, 1985): uma nova atitude pedagógica que surge no processo educacional, dentro da pedagogia, a partir de 1977, orientada pelas ideias teóricas e práticas da psicologia da Gestalt com foco na experiência subjetiva e na exploração da consciência (Moreira, Ferreira & Costa, 2007, p. 188). Dentro desta perspectiva, a aprendizagem acontece por meio de uma nova didática, centralizada na pessoa e nos princípios e métodos da Gestaltpedagogia:

O aspecto específico refere-se ao conteúdo de cada matéria, sua relação com o todo e a relação entre elas e o mundo dos alunos. O aspecto político-social compreende todas as condições em que o ensino ocorre, que influenciam tanto os alunos quanto as instituições e os professores. O

aspecto psicológico compreende os conteúdos de história de vida e dos alunos, a dinâmica do grupo e sua situação atual e individual. Dessa forma, é importante verificar como os alunos envolvidos na relação estabelecem contato consigo mesmos, com o professor e com o conteúdo. (Costa, 2002, citado por Moreira, Ferreira & Costa, 2007, p. 190).

Como será observado no próximo capítulo, o trabalho com grupos abrange uma relação de ensino – aprendizagem para todas as áreas de conhecimento interrelacionadas neste trabalho.

2.4. Processos criativos com grupos

“Cada pessoa percebe o mundo a partir de sua própria perspectiva. No grupo, não há uma perspectiva melhor ou mais correta do que a outra (nem mesmo a do coordenador). Portanto, cada pessoa deve buscar sua própria referência sobre o tema em questão e se situar diante do mundo a partir desta experiência” (Ribeiro, 1999, citado por Cardoso, 2009, p. 127).

Tanto a Gestalt-terapia quanto a Psicopedagogia buscam “encontrar o que se perdeu” no desenvolvimento humano e ressignificar a experiência no tempo presente, para que o caminho de desenvolvimento possa ser restabelecido (Anthony, 2009; Dusi et al, 2006; Bastos, 2015). Estas áreas de conhecimento desenvolvem suas propostas tanto em atendimentos individuais como em atendimentos em grupo. O potencial criativo e a capacidade de lidar com o novo que se apresenta nas relações é destacado para ambas, diante das situações da vida para a Gestalt-terapia, e diante das situações de aprendizagem para a psicopedagogia. Em relação ao manejo terapêutico de grupos, pode se estabelecer algum ponto de intersecção entre estas duas teorias?

A teoria de campo de Kurt Lewin traz contribuições significativas para a psicologia geral e principalmente para a psicologia social (Rodrigues, 2013, p. 115). Para Lewin (1973, p. 29, citado por Rodrigues, 2013, p. 120) “o espaço vital psicológico indica a totalidade de fatos que determinam o comportamento do indivíduo num certo momento, sendo dotado de duas regiões: a pessoa e o ambiente”.

Considerando que o homem é um ser em relação; ao mesmo tempo em que interage consigo mesmo, estabelece relações com o ambiente e com a totalidade composta por cada parte do ambiente, seja com outras pessoas, objetos ou situações. A teoria de campo de Lewin pode ser utilizada para a compreensão das relações tanto no trabalho psicoterapêutico individual quanto com grupos, pois na observação do fenômeno ao longo

do trabalho, a dinâmica das interações se estabelece “com o fluir das forças do campo, o próprio processo estudado se altera”, onde as forças no meio interno e externo são modificadas pelo próprio processo (Rodrigues, 2013, p. 122). Robine (2009, citada por Cardoso, 2009, p. 129) considera que “o conceito de campo tem aproximação com a fenomenologia, em razão de ele se referir ao espaço vital das percepções, ações, sentimentos e significados de cada pessoa”, incluindo o terapeuta.

Para Fernandes (2010, p. 180), na Gestalt-terapia o trabalho com o campo possibilita a compreensão das interconexões entre todas as pessoas que constituem a rede de relacionamentos da criança e de sua família, considerando que “o importante é constatar que a interferência em um dos elementos do sistema provoca uma reorganização do sistema como um todo” (Fernandes, 2010, p. 183); Boris (2013, p. 1146) concorda com essa interrelação. Norgren (2004, p. 202) relata que busca uma compreensão sistemática da dinâmica familiar da criança ou adolescente considerando pais e filhos, corroborando as contribuições de Lewin, pois as pessoas que moram juntas e constituem uma família podem ser consideradas um grupo a partir da perspectiva de campo.

As contribuições do trabalho de Lewin para a psicologia social ampliam as possibilidades de compreensão sobre o trabalho com grupos para algo diferente e além do que a simples soma de suas partes: “de acordo com Lewin, o grupo é uma entidade em seu próprio direito, com qualidades particulares e únicas que são diferentes dos indivíduos dos quais é composto (...)” (Kaplan & Sadock, 1983, p. 04, citado por Boris, 2014, p. 209). Tanto a pessoa influencia o grupo alterando seu funcionamento, quanto o grupo influencia a pessoa modificando seu comportamento (Boris, 2014, p. 209). Ribeiro (1994, citado por Cardoso, 2009, p. 129) ilustra da seguinte maneira: “o grupo é uma realidade maior e diferente da soma dos indivíduos que o compõem. Tem tudo o que eles têm e transforma esse conteúdo em um continente de imensas e vastas possibilidades...”

Tellegen (1984, p.72-73) descreve os modelos de trabalho com grupos em três categorias:

- a) corrente psicanalítica com enfoque na compreensão de cada participante na relação com o terapeuta: a questão individual é tratada genericamente no grupo, com escassa atenção aos processos grupais;

- b) corrente psicanalítica com enfoque na relação “grupo-como-um-todo” com o terapeuta: as questões emergentes das situações grupais são tratadas com o estímulo de dinâmicas relacionais típicas;
- c) corrente de origem psicossocial: enfoca as relações interpessoais entre os membros do grupo, incluindo o terapeuta como parte do sistema, com a compreensão dos eventos no grupo de maneira fenomenológica e transversal, em que compreensões diferentes não se excluem e se dá importância para as relações estabelecidas. Nesta categoria, a autora insere o trabalho com grupos na abordagem gestáltica.

Boris (2013, p. 1125) propõe que o objetivo dos grupos gestálticos é a facilitação e aprendizagem de atitudes cooperativas, pois considera o grupo como sistema onde “as pessoas, ao longo do tempo, criam um padrão de forma de estar juntos” (Boris, 2013, p. 1127). Este autor, com base nos trabalhos de Schutz (1974, 1978, citado por Boris, 2013, p. 1128) e Kepner (1980, citado por Boris, 2013, p. 1128-1129), aponta três categorias de necessidades que se interrelacionam e emergem sequencialmente no trabalho com grupos em uma perspectiva sistêmica:

- a) necessidade de se afiliar ou pertencer, ter uma identidade, numa relação de dependência;
- b) necessidade de autonomia, perceber-se capaz de poder e influência no grupo, numa relação de contra dependência, influenciando e sendo influenciado;
- c) necessidade de afeição, de intimidade com os membros do grupo, numa relação real frente a frente com o diferente e com o outro em relação a si mesmo – necessidade de contato, estabelecido na fronteira de contato.

Complementando esta perspectiva sistêmica, Ciornai (2016, p. 175) propõe que as intervenções oferecidas no grupo gestáltico têm “o objetivo de estabelecer pontes sistêmicas no grupo, favorecendo a criação/ percepção de ressonâncias e identificações, a construção de vínculos e a formação de uma rede de apoio grupal”.

Tellegen (1984, p. 114-116) aponta como características da abordagem gestáltica com grupos:

- a) modelo sistêmico, com características que, em conjunto, representam a postura, o modo de pensar e de agir da Gestalt-terapia;

- b) emergência de um tema: delimitado desde as conversas iniciais, os indicadores não-verbais, os conteúdos e a forma do que se diz e do que não se diz...;
- c) experimento: mediante a mudança da linguagem expressiva, a ação corporal, com objetivo de contatar e aprofundar uma temática emergente que mobiliza o grupo, intervindo com sugestões que guiam passo a passo os acontecimentos, ultrapassando pontos de paralização, mobilizando a fluidez do movimento de energia no grupo;
- d) exercício: programado e organizado previamente de acordo com os objetivos do grupo e com o movimento de sua evolução.
- e) polaridades: trabalhadas quando se percebe unilateralidades no funcionamento do grupo ou de uma pessoa, abrindo a possibilidade de expor o lado oposto também.
- f) suporte: “toda proposta contém um convite a arriscar-se, ampliar limites, aventurar-se no desconhecido . . . O terapeuta, portanto, deverá cuidar de um balanço adequado entre suporte e risco” (Tellegen, 1984, p. 115).
- g) finalização: “terminando com uma frase de reflexão, na qual se compartilha e elabora verbalmente o que foi vivido” (Tellegen, 1984, p. 117).

Todas estas características propostas por Tellegen exemplificam os objetivos da Gestalt-terapia: “O propósito de todos os experimentos práticos e discussões teóricas ... é analisar a função de entrar em contato e intensificar a *awareness* da realidade” (PHG, 1997, p. 42), para que cada participante, responsável por si mesmo e por suas escolhas, estabeleça novas relações consigo mesmo, com os outros e com o ambiente. PHG (1997, p.59) relacionam o uso das técnicas e experimentos sensoriais e artísticos no trabalho psicoterapêutico considerando que:

. . . é a interação sensório-motora, a aceitação do impulso e o contato atento com o material ambiental novo que resultam numa obra de valor. Tanto obras artísticas como brincadeiras de criança consomem pouca riqueza social e não tem, necessariamente, consequências danosas. O mesmo modo intermediário de aceitação e crescimento pode operar na vida adulta em assuntos mais sérios? Acreditamos que sim.

Para Toledo (2021, p. 35), o trabalho terapêutico com a arte e seus múltiplos recursos expressivos “tem sido de enorme valia para se introduzir suavemente assuntos que, de outra maneira, seriam árduos, sofridos, incomunicáveis (...)”, considerando o encontro paradoxal entre o bom treinamento do olhar do terapeuta e a suspensão fenomenológica de suas convicções pessoais para auxiliar a pessoa a trilhar um novo caminho, “excluir a

subserviência à suposta crítica alheia, à tentação da vontade de ser aceito e aplaudido” (Toledo, 2021, p. 33). Belmino (2021, p. 131), com base nos trabalhos de Zinker (1997/2007), afirma que “o motivo pelo qual desenhar ou pintar pode ser terapêutico é o fato de que, quando vivido como processo, leva o artista a se perceber como uma totalidade, revelada pela tomada de consciência de suas produções”, pois através do experimento com tais recursos terapêuticos, prioriza-se “a vivência por meios dos sentidos e não do intelecto ou do racional, é um dar-se conta de si, do vivido no corpo, por meio dos sentidos” (Belmino, 2021, p. 132).

A partir da inserção da arte no trabalho psicoterapêutico, temos o surgimento da arteterapia. Ciornai (2021, p.15) relata que a arteterapia “como área do conhecimento mais formal, teve início nos anos pós-guerra, com a constatação de que imagens de arte podem representar a realidade interna das pessoas e ajudar a expressar percepções, ideias e sentimentos que, muitas vezes, as palavras não conseguem alcançar”, e a partir daí, oferecer uma porta “mágica” de entrada para a expressão da intersubjetividade. Além disso, a autora ressalta que a arteterapia gestáltica é uma abordagem processual, onde “tanto o processo criativo como o da reflexão sobre o que foi criado são considerados potencialmente valiosos do ponto de vista terapêutico” (Ciornai, 2021, p.18-19), estabelecendo uma tríade relacional para o desenvolvimento do potencial criativo:

- a) **expressão**: onde o criador representa de maneira pessoal e criativa e por meio da linguagem simbólica e da forma, sentimentos, percepções ideias, etc;
- b) **impressão**: observação do trabalho realizado por si próprio (e também pelos participantes do grupo), seguido de compartilhamento de reflexões e elaborações sobre o trabalho criado;
- c) **transformação**: possibilidade de transformar simbolicamente na obra de arte o que se quer transformar na vida.

Zinker (1997/ 2007, p. 17) descreve que o terapeuta “cria um ambiente, um laboratório, um terreno experimental em que o cliente procede a uma ativa investigação de si mesmo como organismo vivo”, que resulta em uma criação. Mas “a criação é um processo, não um ato ou experiência única. O processo parece ter algumas características ordenadoras que tanto se aplicam aos sentimentos particulares do artista como à natureza intrínseca do trabalho que realiza” (Zinker, 1997/ 2007, p. 280).

Cardella (2014, p. 112) relaciona a criatividade que se ajusta, e o ajustamento que cria como “polaridades que se inter-relacionam e compõem a totalidade”, marcando a vida e os acontecimentos a partir da relação única que cada pessoa estabelece consigo e com o mundo. Acrescentando com Norgren (2004, p. 200) “O cliente aprende a usar seus sentidos internos e externos de modo a tornar-se autossustentado . . . torna-se capaz de escolher e/ou organizar a própria experiência de modo significativo”, pois “os trabalhos de arte realizados durante a sessão facilitam o contato com conteúdos mais profundos e internos” (Norgren, 2004, p. 204).

Belmino (2021, p. 138), citando Ciornai (2004), destaca que “é fundamental que todo trabalho com arte no contexto terapêutico seja pautado pelo respeito absoluto à singularidade do cliente, pelo posicionamento fenomenológico e não interpretativo na leitura das produções, pela observação e relação da linguagem das formas e dos simbolismos, pelo olhar para a configuração total . . .”, para que ao longo do fazer criativo, ao longo do processo de criação e experimentação dos recursos disponíveis, o autor perceba sua relação com a obra consciente de seu processo de expressão (Belmino, 2021, p. 140).

Ciornai (2004, p. 82) menciona que “o trabalho terapêutico com arte favorece a ênfase nos aspectos positivos e saudáveis do ser humano”, trabalhando mesmo aspectos sombrios, dolorosos e difíceis a partir dos recursos internos funcionais e saudáveis de cada pessoa. Faz uma síntese sobre os caminhos percorridos pela abordagem gestáltica com grupos (Ciornai (2016, p. 177), propondo uma dinâmica para esse trabalho a partir dos seguintes passos:

- a) sugestão ou emergência de um tema;
- b) aquecimento temático;
- c) **expressão plástica** das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal;
- d) **compartilhamento** as produções individuais em subgrupos;
- e) identificação de similaridades em cada subgrupo;
- f) **criação grupal**, em cada subgrupo, **sobre os temas comuns identificados**, utilizando a combinação de linguagens expressivas que desejarem;
- g) **apresentação** aos demais participantes;
- h) identificação de possíveis temas comuns nas apresentações dos subgrupos;
- i) elaboração de um projeto global, com base nesses temas, que inclua a todos.

Alguns dos benefícios do trabalho gestáltico com grupos apontados por Ciornai (2016) são: “incentiva o pertencimento e a inclusão, sem perder a identidade pessoal . . . Permite que cada um amplie, descristalize e eventualmente reconfigure seu olhar pelo contato com as percepções dos demais participantes do grupo” (Ciornai, 2016, p. 178), concordando com os apontamentos de Boris (2013, p. 1125). Considerando estas necessidades interrelacionadas no trabalho com grupos, Fonseca (1980, p. 150, citado por Boris, 2013, p. 1130) conclui, a respeito dos grupos vivenciais, “o que de melhor se pode oferecer neles é a disponibilidade eventualmente farta de objetos humanos de interação, sob a forma de pessoas concretas, sob a forma de interação imediata com essas pessoas concretas em múltiplos níveis . . .” Tempos de pandemia e isolamento social afetariam essas conclusões?

Ampliando as percepções sobre o manejo terapêutico com grupos e as relações com a Gestalt-terapia e a psicopedagogia, é necessário apontar como a psicopedagogia trabalha com grupos. A psicopedagogia é uma área interdisciplinar de avaliação e intervenção em dificuldades de aprendizagem, com foco principal nas relações entre o sujeito e a aprendizagem, como ele aprende ou como não aprende (Bastos, 2015, p. 21); visando “a melhor compreensão do processo de aprendizagem humana e suas repercussões no desenvolvimento do indivíduo” (Bossa, 2000, citado por Dusi, Neves & Anthony, 2006, p. 153).

Um aspecto fundamental da prática psicopedagógica é “devolver à criança o anseio por saber, pois em algum lugar ela o perdeu” (Pain, 1985, citado por Bastos, 2015, p. 21). Ampliando a compreensão desta prática para todos os envolvidos no processo educacional, pode-se incluir tanto os professores e educadores, quanto os familiares, como sujeitos que precisam reencontrar o anseio por saber, “pois em algum lugar ela (ele) o perdeu”. Os trabalhos com a psicopedagogia institucional apontam intervenções realizadas com professores e educadores visando esta ampliação da prática psicopedagógica (Alessandrini, 1996, p. 113; Bastos, 2015, p. 45). Não foram encontrados trabalhos na Psicopedagogia que abordassem como desenvolver uma proposta de intervenção com os pais como possibilidade de ampliação dessa mesma prática, durante o levantamento bibliográfico realizado no banco de dados virtual das bibliotecas BVS-Saúde, Pepsico, Scielo no período de março/ 2020 a março/ 2023.

Considerando que “todos os que se encontram envolvidos no processo educativo participam, de forma privilegiada, do processo de humanização do sujeito” (Dusi, et al, 2006, p. 153), faz-se necessário pensar em propostas de intervenção para pais e mães de crianças inseridas no processo educativo regular, ampliando a prática psicopedagógica para esses agentes que, em meio aos tempos pandêmicos, estiveram mais próximos das crianças e por mais tempo do que os professores.

Buscando “reencontrar o anseio por aprender que em algum lugar se perdeu” (Pain, 1985, citado por Bastos, 2015, p. 21), a proposta é trabalhar com grupos de pais e mães considerando a possibilidade do reencontro com o próprio potencial criativo, e com isso favorecer as relações destes pais e mães com seus filhos em meio aos tempos pandêmicos em que o confinamento social, o ensino remoto, e as rotinas sobrecarregadas compõem o cenário do “novo normal” observado (Nova & Stelzer, 2020). Bastos (2015, p. 43) sinaliza na psicopedagogia o trabalho com grupos:

A aprendizagem realizada nos processos grupais e coletivos coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é compreendida nesta perspectiva teórica como um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros.

Alessandrini (1996) propõe na psicopedagogia o trabalho com “oficinas criativas” como possibilidade de “desenvolvimento das funções de aprendizagem a partir de um trabalho expressivo e criativo” (Alessandrini, 1996, p. 47), pois:

Oficina criativa é o trabalho, em psicopedagogia, de atendimento individual ou grupal, composto de certas etapas, no qual o sujeito expressa criativamente uma imagem interna por meio de uma experiência artística para, posteriormente, organizar o conhecimento intrínseco a esse fazer expressivo (Alessandrini, 1996, p. 39).

De acordo com a autora, a arte e a expressão funcionam como facilitadoras “para que o indivíduo volte a criar, estabelecendo uma relação positiva com o aprender” (Alessandrini, 1996, p. 42) e, através delas, estabelecer também uma relação entre a arte e a cognição, capaz de ressignificar a aprendizagem do participante envolvido (Alessandrini, 1996, p. 15), pois “a construção e elaboração de projetos através da arte se dá da mesma maneira como o indivíduo constrói sua aprendizagem ao longo da vida” (Alessandrini, 1996, p. 43).

As etapas propostas por Alessandrini (1996) para as oficinas criativas são:

- a) **sensibilização** (relação diferenciada de contato com o mundo apoiada na sensibilidade e percepção do seu eu e dos objetos no mundo que o cercam): utilizando os canais sensoriais integrados aos sentidos, organizar as impressões através de imagens, vinculando o sujeito à situação proposta ao experienciar e experimentar com o corpo inteiro: exercícios lúdicos, atividades corporais, observação sugerida ou dirigida, construções imaginárias (p. 39);
- b) **expressão livre**: expressar e registrar a experiência vivida com uma linguagem não-verbal, pois “o sentimento eclode como uma imagem interna e toma forma” (p. 40);
- c) **elaboração da expressão**: aprimoramento da linguagem utilizada, acrescentando contornos, linhas e cores. Reflexão a partir da própria produção sobre “o que minha produção diz sobre quem eu sou?” (p. 41);
- d) **transposição**: traduzir em linguagem verbal a mensagem expressa na produção criada, apresentando a própria produção e as reflexões a partir dela (p. 42).;
- e) **avaliação**: olhar para o próprio processo de criação pessoal e individual, identificando o que foi mais significativo para si mesmo e expressar em linguagem verbal (p. 42).

Para Alessandrini (1996), esta proposta pode ser aplicada tanto com crianças, quanto com adolescentes e adultos, sempre visando restabelecer o potencial criativo como ponte facilitadora na relação com a aprendizagem.

Comparando-se a proposta de Ciornai (2016, p. 177), e a proposta de Alessandrini (1996, p. 41-42), não se observou contradições ou discrepâncias entre elas. Pelo contrário, observa-se certa semelhança, que pode auxiliar na integração do trabalho psicoterapêutico e psicopedagógico. Neste trabalho, usou-se a proposta de Ciornai (2016) descrita na página 41.

Faz-se necessário refletir sobre a postura do psicoterapeuta (ou do psicopedagogo) na condução do trabalho com grupos. Zinker (1977/ 2007, p. 177) considera que as pessoas:

Podem ser criativas juntas. O grupo ideal é um local para cada pessoa testar seus limites de crescimento . . . Nesse contexto, o grupo pode ser definido como uma comunidade de aprendizagem, ou seja, indivíduos que, com objetivo de resolver problemas pessoais e interpessoais, se reúnem com um líder treinado.

Pereira (2021, p. 91) aponta que “o manejo clínico, em si, depende da habilidade, vivência e experiência do terapeuta com o recurso” para que o recuso expressivo utilizado

esteja a favor do cliente, facilitando o processo deste dar-se conta e compreender a própria história, reconectando os fragmentos de sua existência e integrando-os ao momento atual de sua vida (Pereira, 2021, p. 97).

Toledo (2021, p. 38) relata que “ao preparar o cliente ou o grupo para um experimento, é preciso ‘fazer o chão’, deixá-los à vontade para entrar em território desconhecido, sabendo onde estão pisando” (grifo do autor). Para formar este chão e estabelecer uma relação de segurança e confiança entre o terapeuta e o cliente ou grupo, Toledo (2021, p. 55) propõe:

. . . começar-se com algo mais neutro, para sentir o tom do grupo (cansaço, curiosidade, harmonia, confronto...). Propõe-se uma atividade de corpo com ou sem inibição de comunicação verbal . . . com o conseqüente compartilhar dessa 1ª aproximação. É muito importante, antes de tudo, explicar por que estamos lá, qual é o objetivo e, se possível, dar voz aos desejos de cada um”.

Tellegen conclui que “vários autores, dentro e fora da abordagem gestáltica, baseando-se na teoria de sistemas aplicada em ciências sociais, entendem grupos como sistemas complexos e a função do terapeuta como sendo uma função reguladora nas fronteiras sistêmicas” (Tellegen, 1984, p. 74), pois é o terapeuta que cuida das intervenções que serão propostas, principalmente quando se considera o tipo de trabalho a ser realizado em um grupo enfocado como “pequeno grupo”, em que o grupo:

Existe em função de um objetivo, uma tarefa a ser cumprida, ou um projeto a ser realizado e, como tal, constitui uma entidade social temporária . . . com uma natureza abrangente e aberta . . . o projeto consiste em alguma forma de investigação, compreensão, aprendizagem e mudança de: comportamentos, atitudes e relações de seus próprios membros (Tellegen, 1984, p. 75).

Tellegen (1984, p. 75-78) aponta como aspectos importantes da função reguladora do terapeuta: demarcar as fronteiras contratuais, detectar e explicitar os fatores que influenciam as relações e as defesas e resistências no grupo, olhar o fenômeno do desenvolvimento dos vínculos positivos e negativos entre os participantes e as ressonâncias na mobilização dos processos grupais, sem perder de vista os pontos de articulação com o contexto social e com a realidade. “Para todos vale que tudo que acontece no grupo tem ressonâncias que diferem em intensidade e tonalidade emocional para cada participante, conforme o nível em que um determinado evento o atinge” (Tellegen, 1984, p. 83), pois “o terapeuta desempenha o papel de guardião e intérprete da história do grupo. Isto se refere

não só à sucessão factual dos eventos, mas sobretudo ao seu significado dentro do processo como um todo” (Tellegen, 1984, p. 121).

Da mesma maneira como a postura do terapeuta implica assumir responsabilidades significativas diante do processo grupal, Zinker (1977/ 2007, p. 187) aponta regras básicas para os participantes de grupos terapêuticos, das quais se destacam neste trabalho:

- a) falar sempre na primeira pessoa do singular (EU);
- b) compartilhar a experiência presente do aqui-agora: sentimentos, pensamentos, sensações, incômodos;
- c) ouvir com atenção, respeitando a pessoa que compartilha sua vida, sua história;
- d) confidencialidade: o que acontece no grupo, fica no grupo, respeitando o que foi compartilhado dentro de um momento único na vida de cada um dos participantes.

Tais regras contribuem para o processo individual de consciência de si mesmo e de responsabilização por suas escolhas diante da vida e das situações, considerando a singularidade de cada participante, as diferenças e as semelhanças entre os membros do grupo (Zinker, 1977/ 2007, p. 184), essenciais para o desenvolvimento pessoal e individual de cada participante.

2.5. Mãos à obra: pesquisando

2.5.1. Objetivos

Geral

Investigar se oficinas criativas com pais e mães podem contribuir para melhor compreensão e qualidade das relações parentais em tempos de pandemia.

Específicos:

- a) contribuir para os cuidados parentais em relação ao sofrimento emocional desencadeado em meio à pandemia por SARS-COVID19;
- b) contribuir para o aprofundamento da compreensão dos conceitos de contato, fronteira de contato e *awareness* na Gestalt-terapia;

- c) contribuir para o aprofundamento da compreensão sobre suporte familiar para o trabalho pedagógico e psicopedagógico;
- d) contribuir para a ampliação da compreensão sobre intervenções com pais e mães na Gestalt-terapia e na Psicopedagogia;
- e) investigar se o uso do procedimento de Desenhos-Estória (D-E) com temas apresenta eficácia para a compreensão fenomenológica sobre as relações parentais em tempos de pandemia.

2.5.2. Método

2.5.2.1. Participantes e caracterização da amostra

A amostra foi coletada por conveniência em meio à pandemia por SARS-COVID19, quando começaram as orientações sobre o início da flexibilização das medidas de isolamento social durante os meses de maio a julho de 2021, através de convite e divulgação da proposta da pesquisa em meios eletrônicos e mídias sociais, solicitando a aderência voluntária de participantes de acordo com os critérios de inclusão: adultos; maiores de dezoito anos; pais, mães ou responsáveis por estudantes matriculados no ensino fundamental do 2º ao 5º anos; para contatar a pesquisadora por telefone ou por WhatsApp. Os critérios de exclusão foram pais e mães de estudantes matriculados em outros níveis de ensino, ou que não tenham condições físicas e/ ou emocionais para participar das oficinas.

Dezenove pessoas voluntariaram-se para participar da pesquisa durante o período de recrutamento. Todas eram mulheres; uma era divorciada (5%), duas eram solteiras e namoravam (10%), e dezesseis eram casadas e moravam com os companheiros (85%). Quatro mulheres possuem um filho (21%); cinco mulheres possuem três filhos (26%), e dez mulheres possuem dois filhos (53%); sendo que sete mães declararam que os filhos estudam em escola pública (37%) e doze mães declararam que os filhos estudam em escola particular (63%). Sobre a escolaridade das participantes, sete delas possuem o ensino médio completo (37%), e doze delas possuem o ensino superior completo (63%). Sobre o tipo de moradia, três declararam que moram em imóvel cedido com outros familiares agregados (16%); seis

declararam que moram em imóvel alugado (31%); e dez declararam que moram em imóvel próprio (53%). Sobre como conheceram a pesquisa, onze participantes conheceram pelas mídias sociais (58%), e oito participantes receberam a indicação em grupos de WhatsApp (42%).

2.5.2.2. Aspectos éticos da pesquisa

O projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do IPUSP (CAAE: 46246621.3.0000.5561 - aprovado Parecer nº 4.702.400). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e assinado pelos participantes no primeiro encontro individual, e será mantido sob sigilo com a pesquisadora e descartado após cinco anos.

A pesquisa avaliou se a proposta interventiva traria ou não efeito benéfico diretamente aos participantes. Inicialmente, o benefício em participar do estudo foi indireto, pois os dados coletados contribuiriam para ampliar o conhecimento sobre o assunto. Os eventuais riscos nesta pesquisa relacionaram-se com a percepção de sentimentos e emoções que poderiam ser abordados ao longo das oficinas, considerando principalmente constrangimento, medo ou vergonha pelos assuntos desencadeados nos encontros. Outro risco que também pode ser relacionado a esta pesquisa se refere ao risco de julgamentos subjetivos envolvendo aspectos culturais e espirituais dos participantes, considerando que estes não eram da mesma comunidade e/ ou do mesmo contexto sociocultural, mas deveriam conviver com respeito durante a pesquisa, e caso aconteçam eventos desfavoráveis, estes seriam trabalhados assim que identificados. Em ambos os riscos, caso aconteçam, as providências tomadas imediatamente seriam: acolher os envolvidos no grupo oferecendo suporte psicológico, retomar os princípios éticos norteadores do trabalho com o grupo todo e, quando necessário, encaminhar o participante para acompanhamento psicoterapêutico na rede pública mais próxima.

2.5.2.3. Instrumentos:

- a) entrevista inicial individual, TCLE (ANEXO A) e questionário sociodemográfico (ANEXO B);
- b) aplicação individual do procedimento “Desenhos-Estórias com temas” (Tardivo, 2013) com a elaboração de um desenho a partir da comanda “Desenhe uma família com alguém ensinando e alguém aprendendo” (Visca, 1995/ 2015, p. 139);
- c) quatro encontros em grupo com temas definidos previamente, com duração média de 1h30min cada encontro, denominados “Oficinas Criativa” seguindo a metodologia da abordagem gestáltica com grupos proposta por Ciornai (2016);
- d) reaplicação individual do procedimento “Desenhos-Estórias com temas” (Tardivo, 2013) com a elaboração de um desenho a partir da comanda “Desenhe uma família com alguém ensinando e alguém aprendendo” (Visca, 1995/ 2015, p. 139); seguido pela compreensão fenomenológica realizada junto com o (a) participante da pesquisa ao comparar as próprias produções do primeiro e do último encontro.

2.5.2.4. Procedimentos

A pesquisa foi realizada no consultório da pesquisadora: uma sala com capacidade para dez pessoas seguindo os protocolos de distanciamento necessários à prevenção da COVID19, porém com redução da quantidade de participantes para cinco pessoas por grupo. A sala dispõe de cadeiras plásticas, mesa lateral de apoio, flipchart, álcool gel, caixa plástica para condicionamento dos materiais expressivos que foram utilizados a cada encontro.

Parte 1: Entrevista inicial individual e presencial para apresentação da TCLE; aplicação do questionário sociodemográfico; aplicação do procedimento “Desenhos-Estórias com temas” (Tardivo, 2013) com a elaboração de um desenho a partir da comanda “Desenhe uma família com alguém ensinando e alguém aprendendo” (Visca, 1995/ 2015, p. 139), seguido pela narração verbal de uma estória a partir do desenho e declamado a seguir para ele confirmar ou modificar a produção registrada; quando for necessário, aplicação de um inquérito posterior para melhor compreensão do material produzido. Finaliza-se solicitando um título.

Foram apresentados os horários dos encontros e as vagas disponíveis em cada grupo, para que cada participante escolhesse o melhor horário de acordo com sua disponibilidade para participar da pesquisa, sendo:

- a) “Grupo 1”, encontros na 2ª feira das 19h30 às 21h30 durante os meses de junho e julho/ 2021;
- b) “Grupo 2”: encontros na 3ª feira das 18h00 às 19h30 durante os meses de junho e julho/ 2021;
- c) “Grupo 3”: encontros na 3ª feira das 15h00 às 16h30 durante os meses de julho e agosto/ 2021;
- d) “Grupo 4”: encontros na 3ª feira das 09h00 às 10h30 durante os meses de julho e agosto/ 2021.

Parte 2: Participação em quatro encontros em grupo com temas previamente definidos, denominadas “Oficinas Criativas”, seguindo a metodologia da abordagem gestáltica com os grupos proposta por Ciornai (2016):

- a) emergência de um tema e aquecimento temático;
- b) expressão plástica das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal. Além do diálogo reflexivo, foram utilizados recursos expressivos como: massinha de modelar, palitos de sorvete, lápis de cor, canetinhas hidrocor, papéis diversos, cola, tesoura, colagens etc.;
- c) compartilhamento das produções individuais com o grupo;
- d) identificação de similaridades;
- e) criação grupal sobre os temas comuns identificados, utilizando as combinações de linguagens expressivas que o grupo desejar (artes visuais, movimento, música, dramatizações etc.);
- f) apresentação aos demais participantes;
- g) elaboração de um projeto grupal, com base nestes temas, que incluía a todos.

Os temas dos encontros foram definidos a partir de Nova e Stelzer (2020):

- a) **1º encontro:** “Pais e Filhos em meio à pandemia: Dificuldades e possibilidades observadas”;
- b) **2º encontro:** “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”;

- c) **3º encontro:** “Pais e Filhos em meio à pandemia: Reorganizando rotinas sobrecarregadas”;
- d) **4º Encontro:** “Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de relações saudáveis” (sugestão da pesquisadora para o tema de encerramento dos grupos).

Descrição dos encontros propostos:

1º ENCONTRO: Pais e Filhos em meio à pandemia: Dificuldades e possibilidades observadas (Material utilizado: Massinha de Modelar)

Aquecimento temático:

- a) olhos fechados, para facilitar o contato consigo mesmo;
- b) respirar/ expirar profundamente, para relaxamento corporal (Pereira, 2021, p. 89);
- c) escolher uma cor da massinha de modelar para manusear. Perceber a textura, o cheiro, as possibilidades de uso. Escolher uma forma para modelar a massinha, e se apresentar a partir da cor escolhida e da representação expressa.

Emergência de um tema - Conversa sobre “Pais e Filhos em meio à Pandemia - Dificuldades e possibilidades observadas”:

- a) como me percebo (emoções e sentimentos) a partir destas palavras, e da experiência que tenho vivido?;
- b) expressão plástica das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal, utilizando a massinha de modelar;
- c) compartilhamento das produções individuais para o grupo;
- d) identificação de similaridades.

Elaboração de um projeto grupal com base nas percepções individuais dos participantes a partir deste encontro. Vivência do “Bazar da Troca”, onde cada participante apresenta uma palavra que o representa antes do encontro, e outra palavra que o representa após as atividades deste encontro (Militão, 2000, p. 202).

2º ENCONTRO: Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares (Material utilizado: Palitos de sorvete e cola de madeira)

Aquecimento temático:

- a) olhos fechados com auxílio de uma viseira, para limitar o contato com o externo e aguçar a percepção através de outros órgãos dos sentidos, como o tato, a audição e o olfato.
- b) respirar/ expirar profundamente, para relaxamento corporal e conexão consigo mesmo (Pereira, 2021, p. 89).
- c) manusear objetos que serão disponibilizados pela pesquisadora, atento à percepção das texturas, das formas, dos pesos, e das possibilidades de uso para lidar com as palavras-tema do encontro de hoje. Objetos que serão oferecidos um de cada vez, e trocados ao longo da proposta:
 - bolinha de massagem lisa;
 - bolinha de massagem esporada;
 - bala mastigável;
 - conjunto com 20 palitos de sorvete presos em um elástico.
 - tirar as vendas e compartilhar sobre a experiência vivida.

Emergência de um tema - Conversa sobre “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”:

- a) expressão plástica das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal: Utilizando os palitos de sorvete, como posso expressar a minha percepção, minhas emoções e sentimentos, minha experiência, em relação às palavras propostas neste encontro?
- b) compartilhamento das produções individuais com o grupo.
- c) identificação de similaridades.
- d) elaboração de um projeto grupal com base nas percepções individuais dos participantes a partir deste encontro. Vivência do “Bazar da Troca”, onde cada participante apresenta uma palavra que o representa antes do encontro, e outra palavra que o representa após as atividades deste encontro (Militão, 2000, p. 202).

**3º ENCONTRO: Pais e Filhos em meio à pandemia: Reorganizando rotinas sobrecarregadas
(Material utilizado: Folhas de papel *colorset* coloridas, tesoura e cola)**

Aquecimento temático:

- a) olhos fechados com auxílio de uma viseira, para limitar o contato com o externo e aguçar a percepção através de outros órgãos dos sentidos, como o tato, a audição e o olfato;
- b) respirar/ expirar profundamente, para relaxamento corporal e conexão consigo mesmo (Pereira, 2021, p. 89);
- c) manusear uma folha de sulfite, expressando a intensidade das emoções a partir do amassar/ desamassar da folha de acordo com as situações que forem relatadas pela pesquisadora (situações agradáveis e desagradáveis) Jogo da Autoestima ³ (adaptado pela pesquisadora ao contexto do grupo).

Material - Folha de papel sulfite para cada membro do grupo.

Desenvolvimento:

- a) pergunte ao grupo se alguém sabe o que é "autoestima". Se ninguém souber, explique que a autoestima é a forma como uma pessoa se sente a respeito de si mesma, e que a autoestima está estreitamente relacionada com nossa família e nosso meio ambiente. Mostre que, a cada dia, enfrentamos situações que afetam o modo como nos sentimos a respeito de nós mesmos. Por exemplo, se brigarmos com nossos familiares ou se um amigo nos critica, isso nos afeta;
- b) entregue uma folha de papel para cada participante, explicando que representa sua autoestima. Explique que você lerá uma lista de situações que podem ocorrer e que nos afetam. Diga que cada vez que você ler uma frase, eles devem amassar a folha de papel na mesma proporção em que essa situação o afetaria de maneira desagradável; ou desamassar/ alisar a folha na mesma proporção em que a situação o afetaria de maneira

³ Jogo da Autoestima copiado do site: Revista *Adolescer – Compreender Atuar Acolher* – Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) Brasília/ DF Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html>. Acesso em 30/ março/ 2021.

agradável. Dê um exemplo: leia a primeira frase, amasse um pedaço de sua própria folha de papel, dizendo: "Isso me afeta muito, ou isso não me afeta muito";

- c) comente os pontos de discussão.

Observação: certifique-se de ter a mesma quantidade de frases para reforçar a autoestima e para enfraquecê-la. **Adapte ou crie frases**, de forma que reflitam o mais fielmente possível as situações vividas pelos jovens em sua comunidade.

Frases para afetar negativamente a autoestima, adaptadas pela pesquisadora ao contexto do grupo: "Imagine que, na última semana, aconteceu o seguinte":

- a) uma briga com um familiar;
- b) receber críticas em relação ao seu trabalho;
- c) receber críticas em relação à sua maneira de educar seus filhos;
- d) acompanhar os estudos de seu filho;
- e) professores reclamam de seu filho: comportamento, aprendizagem, notas...;
- f) percebe que seu filho não está aprendendo...;
- g) seu filho age com desobediência/ respondão;
- h) não te convidam para uma comemoração ou festa;
- i) alguém traiu sua confiança;
- j) surgiu um boato sobre sua reputação;
- k) fracassou no trabalho;
- l) seu time perde um jogo importante.

Frases para afetar positivamente a autoestima, adaptadas pela pesquisadora ao contexto do grupo: "Imagine que, na mesma semana, também aconteceu o seguinte":

- a) fazer as pazes com sua família;
- b) alguém pediu seus conselhos sobre um assunto delicado;
- c) percebe o filho se esforçando para aprender e recuperar as dificuldades;
- d) professores elogiam seu filho;
- e) professores percebem a melhora de seu filho;
- f) filho tira boas notas/ passa de ano;
- g) seu filho é gentil/ obediente;

- h) seus filhos lhe disseram que gostam muito de você;
- i) convite para festas/ comemorações;
- j) você recebe boas notícias sobre uma pessoa querida;
- k) você se saiu bem em seu trabalho;
- l) elogiaram seu trabalho/ sua comida...;
- m) seu time ganhou um jogo importante.

Emergência de um tema: conversa sobre “Pais e Filhos em meio à pandemia: Reorganizando Rotinas sobrecarregadas”:

- a) expressão plástica das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal. Utilizando recorte e colagem com os papéis coloridos disponíveis, como posso expressar a minha percepção, minhas emoções e sentimentos, minha experiência, em relação às palavras propostas para a reflexão deste encontro?;
- b) compartilhamento das produções individuais com o grupo;
- c) identificação de similaridades.

Elaboração de um projeto grupal com base nas percepções individuais dos participantes a partir deste encontro. Vivência do “Bazar da Troca”, onde cada participante apresenta uma palavra que o representa antes do encontro, e outra palavra que o representa após as atividades deste encontro (Militão, 2000, p. 202).

4º ENCONTRO: Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de Relações Saudáveis (Material utilizado: Folha de papel e canetinhas hidrocor)

Aquecimento temático:

- a) Olhos fechados com auxílio de uma viseira, para limitar o contato com o externo e aguçar a percepção através de outros órgãos dos sentidos, como o tato, a audição e o olfato.
- b) Respirar/ expirar profundamente, para relaxamento corporal e conexão consigo mesmo (Pereira, 2021, p. 89).
- c) Alongamento dirigido, identificando pontos de tensão corporal para concentrar-se nestes pontos e alongá-los/ relaxá-los.
- d) Fantasia dirigida: Armadilha (Oaklander, 1980, p. 33):

“Você esteve caminhando por muito tempo... está muito cansada(o)... Encontra um lugar para deitar e descansar, e adormece. Quando acorda, está presa(o) numa armadilha... Como é essa armadilha? Onde você está presa(o)? O que você faz? Depois de certo tempo, você resolve explorar a armadilha, e percebe algo que pode te ajudar a sair da armadilha. O que você encontra? Como sai da armadilha? Como se sente, e se percebe, após tudo que acabou de acontecer?”

Emergência de um tema: Conversa sobre Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de Relações Saudáveis:

- a) expressão plástica das experiências de cada participante com o tema na perspectiva de sua vida pessoal. Utilizando os materiais disponíveis (papel e canetinhas hidrocor), como posso expressar a minha percepção, minhas emoções e sentimentos, minha experiência, a partir da fantasia dirigida?;
- b) Como relaciono a fantasia dirigida com as palavras propostas para a reflexão do encontro deste dia?;
- c) compartilhamento das produções individuais com o grupo;
- d) identificação de similaridades.

Elaboração de um projeto grupal com base nas percepções individuais dos participantes a partir deste encontro. Vivência do “Bazar da Troca”, onde cada participante apresenta uma palavra que o representa antes do encontro, e outra palavra que o representa após as atividades deste encontro (Militão, 2000, p. 202).

Parte 3: Entrevista final individual e presencial para reaplicação do Procedimento “Desenhos-Estórias com temas” (Tardivo, 2013) com a elaboração de um desenho a partir da comanda “Desenhe uma família com alguém ensinando e alguém aprendendo” (Visca, 1995/2015, p. 139), seguido pela compreensão fenomenológica realizada junto com o (a) participante da pesquisa ao comparar as próprias produções do primeiro e do último encontro.

2.5.2.5. Análise dos dados:

Foram realizadas duas análises qualitativas dos dados: uma análise qualitativa a partir das percepções dos processos grupais, e outra análise qualitativa a partir das percepções individuais de cada participante realizada junto com a pesquisadora através da compreensão

fenomenológica, com a comparação entre os dados obtidos com o procedimento “Desenho-Estória com Tema” aplicado no início e após o final do processo com as oficinas criativas. A análise dos processos grupais auxilia na observação dos processos intrínsecos de cada participante dentro de um sistema integrado, ao passo que a comparação individual entre as produções de cada um possibilita a observação das aprendizagens a nível cognitivo e de mudança de atitudes nas relações interpessoais de maneira particular e individual.

A análise das percepções dos processos grupais foi realizada a partir do terceiro modelo de grupos descrito por Tellegen (1984) apresentado à página 39 deste trabalho, onde o foco principal está direcionado para as relações interpessoais estabelecidas entre os membros do grupo, dos quais o terapeuta é um membro também, embora com uma função especial: regular as trocas nas fronteiras sistêmicas buscando a compreensão “de vínculos e papéis, dos padrões, normas e pressões grupais, a nível afetivo e funcional” (Tellegen, 1984, p. 73), de maneira fenomenológica e transversal. Para a autora

“a ordenação compreensiva dos fenômenos - a “leitura grupal” – parte de um olhar flutuante sobre diversos níveis de análise possível, seus pontos de articulação e é, portanto, uma leitura sistêmica orientando a escolha das intervenções por parte de quem conduz o grupo. Este exerce uma função reguladora na medida em que cuida do reconhecimento, da antecipação ou compensação da estrutura grupal” (Tellegen, 1984, p. 75).

A análise qualitativa individual de cada participante foi realizada a partir da comparação entre os dados obtidos com o procedimento “Desenho-Estória com Tema” aplicado antes e depois das oficinas criativas, de acordo com a perspectiva fenomenológico-existencial enquanto método de investigação da Gestalt-terapia, conforme proposto por Ancona-Lopez (2013, p. 162), em que o profissional/ pesquisador compartilha suas impressões sobre os materiais produzidos com o sujeito participante, e o participante adiciona suas próprias percepções e experiências, esperando obter-se uma imagem mais complexa da situação.

2.5.3. Resultados obtidos

Os resultados das oficinas criativas com os grupos foram organizados da seguinte maneira: descrição da caracterização do grupo e para preservar a identidade das

participantes da pesquisa seus nomes foram substituídos por letras do alfabeto; descrição da oficina realizada em cada encontro com a figura das produções das participantes; análise da percepção dos processos grupais à luz da Gestalt-terapia.

As análises individuais foram organizadas da seguinte maneira: descrição dos dados sociodemográficos das participantes protegendo sua identidade, figura contendo dois desenhos: o desenho anterior às oficinas na parte superior da figura, e o desenho posterior às oficinas na parte inferior da figura, possibilitando a comparação das percepções e observações simultaneamente; transcrição da estória anterior às oficinas; transcrição da estória posterior às oficinas; comentários com a compreensão fenomenológica realizada individualmente com cada participante, comparando os desenhos antes/ depois da participação nas oficinas. Os nomes citados nas estórias foram alterados para preservar a identidade das participantes, visto que todas descreveram sua própria família. Foram excluídos os dados coletados das participantes que desistiram de participar das oficinas, pois não seria possível comparar suas percepções antes/ depois da intervenção.

GRUPO 1

Grupo composto inicialmente por 05 pessoas, todas eram mulheres, todas com ensino superior completo; uma era solteira e quatro, casadas. Uma delas estava desempregada e era veterinária (participante A), três delas eram professoras (participantes B, C e D), uma delas era técnica de informática (participante E). As participantes foram organizadas em um grupo denominado “Grupo 1”. A participante “E” desistiu após o 1º encontro, sem informar o motivo, e seus dados não foram incluídos na análise individual. O grupo ficou constituído por quatro participantes.

Descrição das oficinas

Grupo 1 - 1º Encontro (descrito na página 52)

Durante a apresentação inicial utilizando a massinha de modelar, as participantes foram instruídas a escolher uma cor da massinha e se representar modelando um objeto. Depois foram direcionadas para falar espontaneamente e se apresentar a partir do objeto modelado. A participante “E” iniciou apresentando-se como um computador quadrado e azul representando seu trabalho e suas rotinas organizadas; a participante “D” se

apresentou como uma árvore verde com longa copa para acolher todos embaixo de si; a participante “B” se apresentou como um lápis verde que deixa marcas na vida e que tem esperança de que as coisas ruins sempre vão melhorar; e a participante “A” se apresentou como uma casa azul onde ela e o filho sempre estão juntos. A participante “C” chegou atrasada 30 minutos, no momento da conversa sobre “Pais e Filhos em meio à pandemia – Dificuldades e possibilidades observadas”.

Conversaram espontaneamente a partir do tema deste encontro. Na representação com a massinha de modelar, também comentaram espontaneamente, sem seguir uma ordem de apresentação.

A participante “D” começou descrevendo que se percebe à parte no tempo, como uma árvore aguentando tudo sozinha em seus diferentes papéis: como mãe, como profissional, com muita pressão e cobranças por todos os lados, com o tempo externo fechado com raios e trovoadas, sem tempo para estar sozinha consigo mesma, com falta de controle e muita ansiedade em relação ao seu futuro e o futuro de suas filhas; sente-se presa dentro de casa com suas filhas, pressionada com as dificuldades externas, correndo uma maratona com todos os caminhos externos fechados.

A participante “B” descreveu sua percepção com todos de sua família juntos no coração como em um ninho, com excesso de convivência dentro de casa, e com as viagens e os momentos de ir e vir que realizavam em família roubados, com dificuldades financeiras por conta da redução da carga horária do trabalho, mas também com a oportunidade de tempo para fazer um check-up na saúde e descansar um pouco.

A participante “C” descreveu que o convívio familiar melhorou pois fizeram coisas em família, seu filho tocou violão em família, assistiram filmes e séries juntos, coisas que antes da pandemia não faziam; compartilhou também que teve COVID, ficou internada e, no retorno da internação, a rotina da casa foi se modificando, embora ainda seja muito difícil conciliar sua rotina como mãe, dona de casa e professora online.

A participante “E” descreveu que se percebe em uma caixa vermelha, fechada, com excesso de convivência dentro de casa e conflitos com o esposo por estarem restritos em casa, inclusive ambos trabalhando online; com dificuldade de pensar fora da caixa, tendo que se dividir para dar conta das demandas de casa, do trabalho e da filha.

A participante “A” descreveu-se como um cubo mágico, que estava organizado antes da pandemia, mas que se embaralhou para ter que se remontar, pois perdeu o trabalho em

meio à pandemia, sente-se frustrada e com dificuldades financeiras, morando com seu filho de 10 anos “de favor” na casa de sua mãe.

Durante o compartilhamento das produções e experiências, as participantes foram se descontraindo, e se percebeu um clima de entrosamento no grupo; em alguns momentos, uma ou outra participante relatava “nossa, que bom saber que não é só comigo que essas coisas acontecem”. A participante “B” saiu neste momento, antes do encontro terminar, pois estava “de carona”.

No momento de elaborar o projeto grupal com a participação de todas, optou-se pela vivência do “Bazar da Troca”, e as participantes relataram que:

- a) participante “D”: trouxe para o encontro “Expectativa de troca e conversa”; e leva do encontro “Feliz por participar do grupo”;
- b) participante “C”: trouxe para o encontro “Expectativa de encontrar ferramentas para lidar com as dificuldades deste momento da vida”; e leva do encontro “Autoconhecimento”;
- c) participante “E”: trouxe para o encontro “Expectativa de trocas de experiência”; e leva do encontro “Perceber que pode agregar ao grupo”;
- d) participante “A”: trouxe para o encontro “Expectativa de novas experiências”; e leva do encontro “Empatia pelas histórias que ouviu”.

Finalizamos agradecendo a participação de todas, e confirmando dia e horário do próximo encontro.

Figura 1 - Registro do 1º Encontro do Grupo 1.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante D, participante E, participante A, participante B, participante C.

Grupo 1 – 2º Encontro (descrito na página 52)

Neste encontro, a participante “E” desistiu de continuar com sua participação, e não compareceu, nem respondeu às mensagens de confirmação enviadas para seu celular. Após o aquecimento temático, as demais participantes relataram que é difícil confiar sem ver. As participantes “C” e “D” relataram que sentiram acelerar o coração quando vendaram os olhos, mas que ao mesmo tempo, ouvindo a voz da pesquisadora com as orientações sobre essa atividade, ficaram se convencendo de que “estava tudo sobre controle, e que não iria acontecer nada de ruim ou de mau contra elas”. As participantes “A”, “B” e “D” se sentiram confortáveis em abrir e comer a bala durante a manipulação dos objetos; a participante “C” relatou que percebeu que poderia ser uma bala, mas queria ver que tipo de bala era antes de comer, e por isso não abriu a bala enquanto não tirou a venda no final do aquecimento. A participante “D” relatou também que além de confiar, também teve dificuldade com o tempo de manusear os objetos, pois quando conseguia identificar o que era e começava a

imaginar como poderia usar no dia a dia com as filhas, já mudava o objeto, e ela tinha que se reorganizar e começar tudo de novo.

A conversa foi conduzida para relacionar essa experiência de confiança com o tema do encontro desse dia: “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”. Nesse grupo, três participantes são professoras, e uma foi complementando o relato da outra em meio aos desafios de estar dos dois lados: como mãe em ter que acompanhar as filhas nos estudos, e ao mesmo tempo em que tem que trabalhar como professora tentando ensinar seus alunos e alunas. Durante este relato compartilhado, a participante “A” ficou em silêncio, ouvindo atentamente; quando convidada a compartilhar sua experiência dentro do tema deste encontro, disse que estava espantada de ouvir o lado dos professores, e que ela nunca tinha parado para pensar nisso, só pensou a partir de onde estava, com seu filho, e com as dificuldades que ele tem, pois ele tem deficiência intelectual e precisa de muito auxílio para cumprir as tarefas escolares tanto presencial e mais ainda online...

As participantes foram convidadas a criar uma figura utilizando os palitos de sorvete, que representasse suas percepções a partir da experiência e da conversa deste encontro, para depois compartilhar espontaneamente com o grupo.

A participante “C” montou duas casas representando a parceria entre a família e a escola, e entre as casas montou raios de trovões relacionando com as dificuldades do ensino remoto ambos os lados tanto em casa quanto na escola; relatou por fim que também há os raios do Sol iluminando esta parceria para enfrentar e vencer as dificuldades.

A participante “A” representou uma casa descrevendo que dentro dela encontrava proteção e apoio para auxiliar o filho em seu desenvolvimento e dentro da casa era possível olhar para os dois lados: para a dificuldade do filho e dos pais em estudar, e para a dificuldade dos professores em meio à pandemia e o ensino remoto.

A participante “D” se descreveu como um palet, e relatou que em cima dela se colocaram muitas coisas e que se sentia sobrecarregada; mas olhando para sua colagem naquele momento também disse que sua colagem poderia representar uma jangada em alto mar com muitos comunicados e tarefas para cumprir porém sem remos para ajudar, e se sentia sozinha na jangada para descobrir e desbravar o alto mar, e só quando chegar no fim em algum lugar que nem sabe onde é, vai descobrir e ganhar os remos e avaliar o que foi que encontrou.

A participante “B” representou uma casa e relatou que era uma casa estruturada mas que se sentia presa dentro dela e não aguentava mais em vista de tudo o que perdeu com as restrições da pandemia, tanto que para se opor a isso não colou os palitos pois não via o momento de poder desmontar essa prisão e reconstruir a rotina anterior e dizendo isso desmanchou a casa (por isso, não foi possível fotografar...). Todas as participantes riram com essa ação da participante.

Para finalizar esse encontro, novamente foi proposta a vivência “Bazar de Trocas”, e uma das participantes perguntou se poderia só dizer uma frase. A sugestão foi acolhida, e cada uma finalizou com a sua frase de como se percebia a partir deste encontro. As frases foram:

- a) “Tenho esperança de encaixar as coisas”;
- b) “Ainda estou digerindo o que vivi hoje...”;
- c) “Vou refletir a partir das trocas de experiências e vivências”;
- d) “A vida é uma descoberta”.

Figura 2 - Registro do 2º Encontro do Grupo 1.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante D – palet/ jangada, participante A - casa, participante C – raios de sol/ casa/ raios de trovoada escola.

Grupo 1 – 3º Encontro (descrito na página 54)

Nesse encontro, após o aquecimento, cada participante descreveu sua sensação. A participante “C” contou que amassando e desamassando o papel tinha a sensação de não poder voltar ao normal e que sua família era sua maior motivação para continuar tentando seguir. A participante “A” descreveu que amassar e desamassar dava a sensação de não ter fim o movimento de dobrar e calcular e voltar e desdobrar sem fim. A participante “D” descreveu que se percebia como o papel que dobra e desdobra para atender às expectativas dos outros e assim perde um pouco de si mesma, perde-se de quem é, e ao dizer isso começou a cortar pedaços da folha descrevendo que o que estava perdido não podia ser reencontrado. Com essa experiência compartilhada, as outras participantes demonstraram apoio e incentivo a não desistir de seguir; a participante “D” agradeceu o apoio do grupo. A participante “B” relatou que amassar e desamassar o papel a fez lembrar que ainda podia usar e se reinventar, então dobrou um avião e arremessou-o ao ar dizendo que era para voar livre para o trabalho e escapar da rotina restritiva da pandemia de trabalhar em casa sem sair dela. Novamente, todas as participantes riram com a ação desta participante.

A conversa foi direcionada para o tema do encontro deste dia “Pais e Filhos em meio à pandemia: Reorganizando Rotinas sobrecarregadas”. Em vista dos aspectos que já estavam mobilizados com o aquecimento e observando a diversidade de papeis coloridos disponíveis, as participantes se apressaram em representar a relação entre o aquecimento e o tema do dia utilizando os materiais disponíveis para este encontro.

A participante “C” relatou *“eu estou na ponte torta, com subidas e descidas, presa no momento para não afundar com o vento... está soprando um vento forte e eu estou buscando o equilíbrio, para a depressão não tomar conta de mim, e me pergunto: como lidar com as escolhas dos outros que não são as escolhas que eu quero???”* Assim que terminou de relatar, foi acolhida pelas outras participantes, com frases de incentivo e apoio a seguir em frente e sair da ponte para a terra firme.

A seguir, a participante “A” descreveu que se sentia e se percebia escondida e desastrada, não conseguia falar porque os outros não deixavam; e que em sua colagem representou as linhas retas que eram como os horários e a sua tentativa de fazer sozinha para encaixar os horários, os pensamentos e as rotinas, antes dos outros (mãe e irmão) chegarem em casa, tentava agradar todo mundo, e ficar em silêncio para não ter conflito pois isso a incomodava (mora de favor na casa deles), por isso estava buscando colocar

ordem na desordem interior, mas estava difícil. A pesquisadora apontou para ela a ordem que percebia em sua colagem: linhas, pedaços diversos, e uma parte sem nada; a participante se espantou, pois não tinha percebido como se ordenou em meio à desordem, e chorou emocionada. Foi acolhida pelas outras participantes, com palavras de incentivo também a continuar os cuidados com seu filho e com sua vida.

A participante “B” relatou que tentou representar sua vida com várias partes no coração e na vida; descreveu que seu mundo era rosa pois só tem filhas meninas, o amarelo representava o dinheiro e as questões financeiras que ficaram difíceis na pandemia, e a esperança estava representada de verde pois acredita que as coisas vão melhorar em algum momento e que vários outros sentimentos confusos estavam no coração e na vida e está buscando suportar e lidar com as adversidades do tempo presente.

Por fim, a participante “D” relatou que se sente cansada de falar sem ser ouvida, pois falar não é garantia de ser ouvida; descreveu que representou um relógio que tem como função cumprir o tempo, mas que sai do controle e se descontrola, perde os ponteiros que passam para fora do relógio, e lembrou que se sente tão cansada e descontrolada que se colocava em risco sem perceber, pois nesse mesmo dia tinha caído de moto, de tão perdida e de tão angustiada por falar e não ser ouvida. A pesquisadora lhe perguntou “como você se sente/ se percebe aqui nas oficinas?” Os olhos da participante se encheram de lágrimas, e ela compartilhou *“Faz muito tempo que eu não me sinto como me sinto aqui... Aqui eu me sinto ouvida... Vocês não me ignoram nem me dão “vácuo”... É muito bom eu me sentir que sou vista...”* as outras participantes também a acolheram, com palavras de incentivo, dizendo que ela não estava sozinha. A participante “A” pediu para falar, e disse que estava preocupada, pois os encontros estavam chegando ao fim, e como elas iriam fazer depois que as oficinas terminassem... A pesquisadora acolheu a angústia e a preocupação compartilhada, e retomou que ainda teriam um encontro para aproveitar, e concluiu as atividades deste encontro com um momento de recolhimento com fundo musical instrumental, para cada participante acalmar suas sensações e percepções interiores, sem comentários.

Figura 3 - Registro do 3º Encontro do Grupo 1.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante D – relógio com ponteiros, participante A – linhas e pedaços de papel em fundo preto, participante B – coração e as partes que o compõe; participante C – ponte torta.

Grupo 1 – 4º Encontro (descrito na página 56)

Este seria o último encontro. A participante “B” enviou mensagem de texto se justificando que não poderia comparecer pois foi convocada no trabalho para uma reunião extra. Todas as outras participantes, logo que foram chegando, relataram a preocupação com o término dos encontros, e foram falando como se percebiam diferentes nas relações com os filhos e com a própria vida a partir das reflexões que aconteciam consigo mesmas, na sua interioridade, entre um encontro e outro, e como as atividades das oficinas ressoavam nessas relações.

A pesquisadora acolheu os comentários e, diante das emoções mobilizadas, perguntou se gostariam de um outro encontro extra, duas semanas após este encontro, para finalizar o trabalho com a pesquisa e também para que tivessem tempo de lidar com a

despedida. Todas as participantes concordaram. Depois conversou-se sobre o tema proposto para o encontro: Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de Relações Saudáveis, e cada participante descreveu como se percebe nesta relação com seus filhos.

A participante “C” iniciou seu relato descrevendo que se percebe em busca de sua própria identidade, em busca de um equilíbrio consigo mesma em meio à pandemia, aos filhos, à depressão, ao trabalho remoto, ao luto pela perda do pai (que aconteceu há 4 anos) e à quase perda da mãe por COVID, e o quanto se sentia sozinha nesta busca, sem poder contar com ninguém, com o peso das responsabilidades, e sozinha “só eu e minha filha” que é pequena, tem sete anos e é a mais dependente dela, pois seu filho já tem 18 anos e seu companheiro se coloca à parte da família, sem compartilhar muito a convivência por motivos outros que ela não gostaria de expor no grupo. Fez um breve instante de silêncio, e disse que a próxima pessoa que quisesse poderia falar.

Quando a participante “C” finalizou seu comentário, a participante “D” relatou que iria “aproveitar o embalo” e descreveu que se sente sem saber como lidar com a situação que se apresenta em cada momento da vida: como mãe é difícil saber lidar com seu interior, sente-se sozinha; com as filhas é difícil lidar com as frustrações e os problemas que surgem, principalmente com o problema de saúde da filha mais nova (de 3 anos) que está em investigação médica mas não se descobriu o que é; entediada com tantas coisas para dar conta e ter que se inventar e resolver... mas que em meio a tudo isso, essas oficinas foram um momento “que resgatou uma parte boa de mim mesma...”, que se percebia mais paciente nas interações com as filhas.

A participante “A” descreveu que se sente buscando o equilíbrio para ter saúde física e mental; relatou que tem crises frequentes de enxaqueca, está procurando trabalho em sua área para poder cuidar de sua vida e de seu filho, e que encontrou nas oficinas forças para continuar e seguir. Compartilhou com o grupo que fez uma entrevista de emprego na semana que passou, estava esperando o resultado, e o quanto a participação nas oficinas foram importantes para que ela se encontrasse consigo mesma, em meio a tantas dificuldades na vida e na pandemia...

Então foi feito o aquecimento temático deste encontro com a fantasia dirigida (Oakalnder, 1980). E antes de comentarem sobre sua experiência pessoal durante a fantasia dirigida, as participantes foram convidadas a registrar sua experiência utilizando os materiais

disponíveis neste encontro (papel e canetinhas hidrocor), e depois compartilhar a experiência a partir dos desenhos.

A participante “C” relatou que durante a fantasia dirigida percebeu-se em um campo florido, com borboletas em volta, contemplando as maravilhas do mundo, e saiu da estrada para descansar em uma cabana de madeira que parecia abandonada mas segura; e quando acordou do descanso estava presa dentro da cabana, num calabouço; parou para observar e encontrou uma escotilha fechada com madeiras e um martelo num canto oposto à escotilha, e usou as próprias mãos e o martelo para quebrar as madeiras que estavam meio podres, machucou-se um pouco, mas conseguiu sair e retornar à estrada de onde se desviou para descansar; desenhou-se no retorno à estrada, na dúvida entre voltar para a segurança do início do caminho ou seguir o caminho para chegar na sua meta, que nem ela sabia qual era, e que diante da dúvida, escolhia se sentar e ficar um pouco mais contemplando a situação para escolher depois o que fazer.

A participante “D” relatou que durante a fantasia dirigida se imaginou em uma estrada, e que tinha uma ponte/ viaduto; ela estava no meio da ponte, e se sentou para descansar na mureta do viaduto, com a sensação de estar presa, sem saída. Olhava para baixo e via um lago fundo e escuro... pensou em pular... mas continuou caminhando no beiral da ponte... pensou em pular e cair, mas percebeu que queria continuar e caminhar; então saiu do beiral, continuou caminhando e viu uma estradinha ao lado da ponte, que dava em um penhasco... foi até lá para ver melhor e estava muito cansada, mas a pedra estava bem quentinha, então deitou e adormeceu. Quando acordou, percebeu o perigo e disse para si mesma: eu me coloquei aqui, agora eu tenho que sair; e observando melhor o entorno da pedra e o penhasco, percebeu uma estradinha onde podia contornar e seguir... quando retornou à estrada de onde se desviou, decidiu continuar e seguir, pois teve a certeza de que se voltasse, pularia da ponte sem medir as consequências.

A participante “A” relatou *“nossa, que impactante...”*, e perguntou para “D” como ela estava agora. “D” respondeu *“Estou seguindo... e sei que se eu voltar, não terá volta... terá fim... obrigada ao grupo por me ouvir... isso resgata uma parte boa de mim...”* houve um breve instante de silêncio.

A seguir, a participante “A” pediu para compartilhar sua experiência. Durante a fantasia dirigida, se imaginou caminhando em um parque grande e amplo, com muitas pessoas circulando livremente, diferente do tempo de pandemia que estamos vivendo, e ela

e seu filho caminhando no parque; relatou que seu filho ficou brincando perto dela, e ela se sentou em um banco para descansar e sentir o vento no rosto. Depois, ela e o filho foram caminhar novamente, e ela percebeu que estava com ansiedade de chegar logo ao fim do caminho e conseguir dar conta de tudo: do seu trabalho, da casa, do filho... como o caminho pelo parque era longo, ela se sentia muito cansada de tanto caminhar, e com muito choro acumulado... então começou a chorar (tanto na fantasia dirigida, quanto durante o relato, lágrimas escorreram de seus olhos)... então ela encontrou uma árvore para deitar e descansar e pediu que o filho brincasse perto de onde ela poderia ver; durante seu breve descanso, as raízes da árvore a entrelaçaram e fecharam ela presa no chão, ela sentiu-se desconfortável, travada, com muita angústia e aperto no peito... então ela foi virando, movendo-se, até conseguir mudar de lado e esticar os braços, escalar as raízes, sair da armadilha, e procurar onde estava seu filho... que brincava tranquilo no mesmo local onde ela o viu antes de adormecer. Então ela pegou na mão do filho e segurou forte, e ele pediu para ela ir com ele até o lago que tinha no parque, para molhar os pés e se acalmar antes de ir embora do parque. E foram juntos. Ela relatou também que no seu desenho, essa árvore com raízes é a árvore que ela pintou, e que ela e o filho estão desenhados de costas, antes dela parar e descansar na árvore.

Diante de todos os relatos, a pesquisadora pediu que as participantes pensassem e relacionassem o tema do encontro deste dia “Pais e Filhos em meio à pandemia: Nutrição de Relações Saudáveis” com a vivência da fantasia dirigida, e finalizassem com uma frase que refletisse suas descobertas. As participantes fizeram um breve instante de silêncio, e na mesma ordem em que se apresentaram neste encontro, cada uma disse uma frase:

- a) “A vida é uma incógnita... é preciso seguir seu coração e não desistir”;
- b) “Após a tempestade vem a bonança”;
- c) “Um fim de tarde no parque traz paz e esperança”.

Finalizamos esse encontro, e combinamos um encontro extra, após 15 dias, para encerrar o grupo.

Figura 4 - Registro do 4º Encontro do Grupo 1.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante D – a ponte e o penhasco; participante A – o parque e a árvore; participante C – dúvida entre seguir ou voltar.

Grupo 1 - Encontro Extra...

Como este encontro não estava previsto no cronograma inicial, a pesquisadora escolheu o tema “Eu – Mãe” considerando os aspectos compartilhados pelas participantes nos encontros anteriores; e a proposta deste encontro seguiu a mesma metodologia dos encontros anteriores.

A participante “B” foi informada sobre este encontro extra, mas não conseguiu participar por conta da alteração de seu horário de trabalho. Ao chegarem para o encontro, as demais participantes perguntaram sobre a participante “B”, se ela foi avisada e se conseguiria vir para este encontro, e foram informadas sobre o impedimento. Lamentaram o imprevisto, e deu-se seguimento à oficina do dia.

Ao invés de conversar sobre o tema proposto para este encontro, as participantes foram convidadas a refletir sobre o assunto em silêncio com os olhos fechados, em um breve momento para se interiorizarem com os movimentos de respiração/ expiração, percepção/ relaxamento/ alongamento corporal, criar e representar um símbolo que representasse “Eu – Mãe” utilizando os materiais disponíveis da forma que melhor lhes conviesse. Todos os materiais dos encontros anteriores estavam dispostos no centro da sala para serem manuseados e utilizados pelas participantes (massinhas de modelar, palitos de sorvete, colas bastão/ líquida/ de madeira, papéis coloridos, tesoura, cola, canetinhas hidrocor). Após as

composições, cada uma apresentou. A participante “C” pediu lápis e borracha para se expressar, e os materiais foram providenciados e disponibilizados.

A participante “C” pediu para começar a apresentação. Relatou que escolheu desenhar com lápis e borracha, pois nos outros encontros não pôde fazer isso, e é sua maneira mais confortável de se expressar. Descreveu-se como a “Mulher Maravilha” num final de uma missão, machucada, ferida, cansada, mas sempre disposta a se reerguer e continuar oferecendo caminhos para seus filhos seguirem; descreveu as palavras “família, filhos, guerreira, teimosa” como parte de sua missão.

A participante “A” pediu para falar em seguida, e disse que não queria ser a última a falar, como na maioria dos encontros anteriores. Apresentou sua produção, relatando que escolheu a colagem de papeis, pois foi o material que mais gostou de manusear, por se permitir fazer algo que considera bonito mas que não se imaginava capaz de fazer. Descreveu-se como *“sou um cubo mágico com os quadrados em cores espelhadas, eu estou no centro, me reinventando e reformulando a cada momento de um jeito novo...”* As outras participantes a aplaudiram e ela se emocionou e chorou, relatando em meio às lágrimas o quanto participar das oficinas a fez acreditar mais em si mesma, e disse que passou no processo seletivo para trabalhar na sua área, e não imaginava que isso fosse possível, mas que foi para a entrevista pensando nas conversas das oficinas, e que tinha potencial sim para ser uma boa profissional e retomar a vida mesmo em meio às restrições impostas pela pandemia.

A participante “D” relatou que estava tão impressionada com a composição, que se a dona não quisesse guardar sua produção, ela levaria como recordação das oficinas e de tudo que vivenciou; relatou também que era professora de Arte, e comentou sobre o equilíbrio da composição estética que percebia na produção da colega. A participante “A” agradeceu os comentários, e disse que iria levar de recordação deste processo e emoldurar essa produção.

A participante “D” se apresentou no final. Descreveu-se como “A Bandeira do Amanhã”; relatou que essa bandeira era um coração saudável de uma mãe saudável. Descreveu cada símbolo que inseriu na sua produção: uma haste de madeira firme para segurar a bandeira em meio às variações de tempo e clima simbolizando a esperança de que dias melhores virão; setas espalhadas que se encontram indicando caminhos curativos que encontram; o sol representando a alegria e o calor de ter filhos, um coração pequeno

indicando outros corações que cabem no seu coração, como o namorado/ marido, a profissão de professora, e as marcas de preto que representam as mágoas que ficam acumuladas ao longo do caminho, mas que não podem tomar o espaço nem invadir o coração, pois luta a cada dia contra essas mágoas. Relatou que queria finalizar sua participação assim, como uma “Bandeira do amanhã” que um dia vai chegar.

Para finalizar o encontro, a pesquisadora propôs que cada participante escolhesse uma palavra que traduzisse o significado de sua produção, e que pudesse ser o título de sua produção final. A participante “A” disse “Descoberta”; a participante “D” disse “Reflexão”, a participante “C” disse “Conforto”. E assim concluiu-se os encontros deste grupo, recordando que seria agendado individualmente para a última atividade da pesquisa.

Figura 5 - Registro do 5º Encontro do Grupo 1.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante A – “um quadrado com cores espelhadas e eu no centro”; participante C – “Mulher Maravilha e sua missão”; participante D – “Bandeira do Amanhã”.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS GRUPAIS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Como Tellegen já alertou, quem trabalha com grupos sempre se surpreende com a perplexidade, a complexidade e a imprevisibilidade dos eventos que acontecem (Tellegen, 1984). Cada grupo é único, pois as pessoas que o compõem se relacionam de maneira única em cada configuração (Zinker, 1977/ 2007).

Neste grupo, observa-se entre as participantes no primeiro encontro certa disposição e abertura ao contato com o novo e o desconhecido, sinalizando uma fronteira de contato flexível às possibilidades de interação e aprendizagem com as outras participantes do grupo, expressas pelas verbalizações no bazar de trocas. Ao longo dos encontros, foi identificada a formação de um espaço de pertencimento “no qual os membros encontram um suporte emocional” (Tellegen, 1984, p. 81), percebendo ressonâncias e identificações entre as participantes que contribuíram para a formação de uma rede de apoio grupal, conforme também propõe Ciornai (2016, p. 175).

No segundo encontro, observa-se que o entrosamento e a confiança entre as participantes aumenta, e as palavras que representam esse movimento de aprendizagens no grupo são “esperança – digerir – refletir – descobrir”.

A partir do terceiro encontro, a mobilização interior e a preocupação com o fim das oficinas exteriorizam a sensação de abandono, ao mesmo tempo em que no encontro foram trabalhadas as polaridades “sobrecarregar” X “descansar” como etapas do processo de identificar, recolher, acolher e se acalmar.

O quarto encontro permitiu a reflexão sobre como as oficinas ressoaram na vida de cada participante integrando suas polaridades individuais: quem “buscava identidade” encontrou “a vida é uma incógnita”; quem “estava perdida” se “resgatou” e percebeu que “após a tempestade vem a bonança”; e quem “buscava o equilíbrio” percebeu que “fim de tarde no parque traz paz e esperança”.

Zinker (1977/ 2007, p. 206) aponta que “a coesão de um grupo às vezes está relacionada com sua noção de um propósito (...) especialmente quando o trabalho tem um prazo limitado”. Tal afirmativa auxilia a compreensão do processo de mobilização emocional observado no relato das participantes compartilhando a cada encontro suas dores e dificuldades, e ao mesmo tempo, apoiando e incentivando umas às outras, como se observou explicitamente nos encontros 3, 4 e 5, estimulando o desenvolvimento pessoal a partir do contatar-se com o grupo e no grupo.

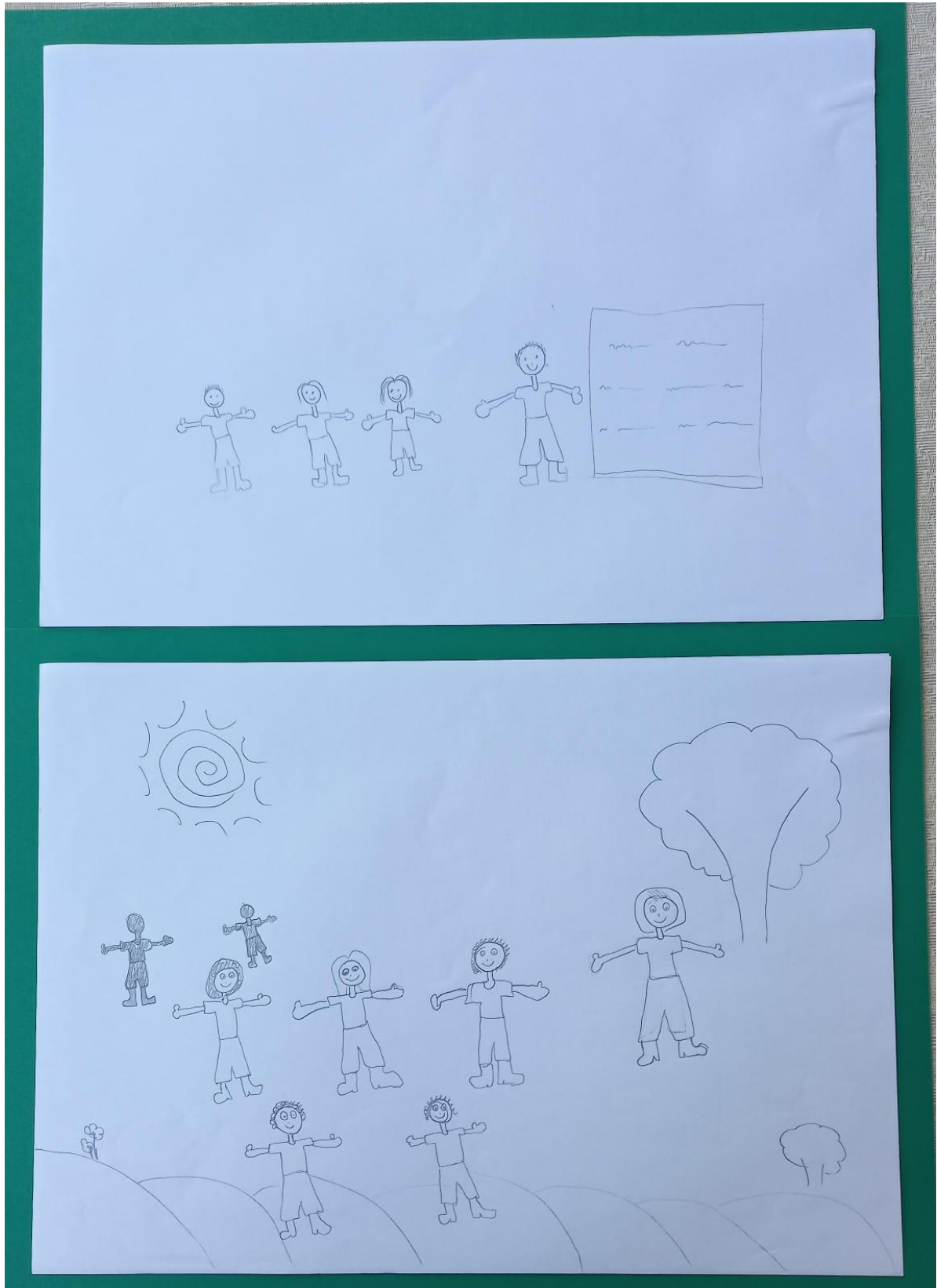
Identifica-se certa angústia diante da finalização do grupo na medida em que o prazo dos encontros vai se esgotando, exigindo da pesquisadora uma postura de acolhimento ao mesmo tempo em que autorregula a percepção das ressonâncias e aprendizagens ao longo do percurso em que caminharam juntas. Tal situação torna-se mais visível nos encontros 3 e 4, em que foram acolhidas pela pesquisadora como parte do processo, e reordenadas dentro das possibilidades da pesquisa para um encontro extra além do previsto, com um período maior de distanciamento no espaço-tempo ante esse encontro. De acordo com Tellegen (1984, p. 83), esse movimento de acolhimento e ao mesmo tempo autorregulação da pesquisadora auxilia no desenvolvimento de um clima grupal mais descontraído ao mesmo tempo em que permite o trabalho com relações e conflitos em nível atual e manifesto.

Encerra-se essa breve análise dos processos grupais observados, para poder direcionar nossa atenção para a avaliação individual de cada participante.

ANÁLISE INDIVIDUAL DO DESENHO-ESTÓRIA COM TEMA DAS PARTICIPANTES

Participante “A”: mulher, solteira, 30 anos, mora com o filho de 10 anos, na mesma casa de sua mãe e seu irmão. Antes da pandemia, estudava e trabalhava o dia todo para se sustentar e sustentar seu filho; perdeu o trabalho em meio à pandemia e mesmo assim conseguiu terminar a graduação em medicina veterinária no mesmo período.

Figura 6 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante A.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "O convívio entre 4 paredes". Título do desenho depois das oficinas: "Um bom lugar para se aprender".

Estória do desenho anterior às oficinas

“São pessoas da mesma família. (Da esquerda para a direita) Mãe, filha e neto, que tem um convívio diário. Eles estão em uma sala de aula, em uma palestra sobre convívio familiar, com uma doutora psicóloga.”

(Pesquisadora pergunta: quem é cada pessoa, o que está fazendo, como se sente neste local, como se sente com o que está fazendo).

Mateus, é um menino mimado de 10 anos. Ele é o caçula da família, tem toda proteção e atenção de todos. Ele se sente bem nesse lugar, está à vontade, sabe que é sobre ele que as pessoas na sala estão falando.

Fabiane, é a mãe do Mateus. Ela tem 30 anos, ela é chata com o Mateus, pois quer dar ordens e ter rotina para ajudar o desenvolvimento dele, mas também cede um pouco, não consegue ser firme. Ela se sente bem, porque sabe como é o convívio entre eles, e quer fazer a coisa certa para educar ele.

Avó Jô, tem 65 anos. Ela é chata, pois tira as ordens que a mãe do Mateus dá, dá bronca na Fabiane, que é a filha dela, na frente do Mateus e de qualquer pessoa... ela dá as coisas para mimar o Mateus que a mãe do Mateus não deixou, depois quando explode, ela quer tirar tudo de uma vez. Ela se sente incomodada nesse lugar, mas sabe que precisa para ter um convívio bom entre os três.

A doutora psicóloga, tem 50 anos. Ela tem uma formação familiar e é aberta para orientar outras famílias. Ela sente prazer por ajudar uma família que está com problemas no cotidiano. Ela está do lado dessa lousa para ensinar.

A pesquisadora perguntou como a estória termina.

Que tenha uma compreensão entre a mãe e a filha para orientar essa criança, e que enquanto eles conviverem na mesma casa, que tenham diálogo e que convivam bem. E fim.

Título: “O Convívio entre quatro paredes”

Estória do desenho posterior às oficinas

“Estamos em um parque, em um evento em área aberta, em um evento de autoajuda e troca de experiências, mais descontraído, com outras famílias.”

A pesquisadora pergunta quem está nesse evento, o que está fazendo, como se sente; a participante descreve da direita para a esquerda.

A palestrante, o Mateus, a mãe do Mateus, a avó do Mateus, aqui embaixo o avô do Mateus, que não mora com a avó dele, e o namorado da mãe. Esses aqui o fundo (duas pessoas de preto) são de outras famílias que também foram aprender com a atividade.

Quem ensina é uma psicóloga, ela é a palestrante, ensina como ouvir, compreender um ao outro, sobre saber conversar, saber interagir, e isso é bom... Ela se sente à vontade, ela domina o que ela fala, ela compreende as famílias.

Quem aprende, é a minha família, e as outras famílias que precisam de ajuda, pois não tem estrutura, mas estão indo atrás dessa estrutura. Esses se sentem esperançosos com a ajuda para manter a família unida, para se ter uma família.

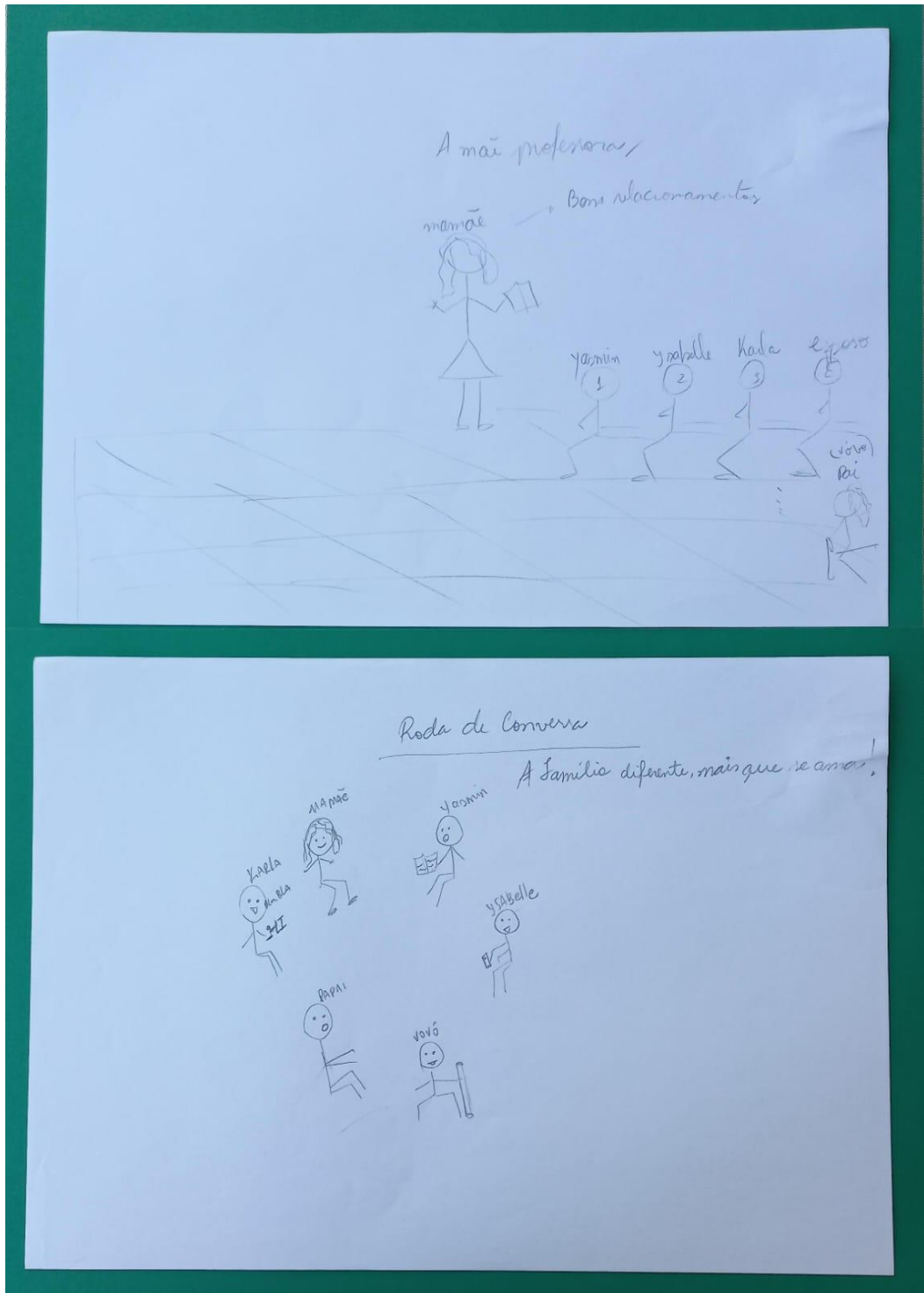
Título: “Um bom lugar para se aprender”

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas

Conversando com a participante e comparando suas produções, a mesma se deu conta das mudanças perceptíveis nos desenhos: reordenou a posição dos membros de sua família (de “filho – avó – mãe”, para “filho – mãe – avó”), colocando-se entre o filho e a avó ampliou sua percepção sobre o espaço-tempo das relações estabelecidas (de uma sala fechada, para um parque aberto), ampliou as percepções das relações familiares (incluindo seu pai e seu namorado no desenho pós-oficinas), além de ampliar o olhar das pessoas representadas em seus desenhos. A pesquisadora pontuou que percebeu que, em ambos os desenhos, a participante demonstrou a expectativa de que alguém externo à família interfira ou direcione o que devem fazer, e a participante relacionou com o ocorrido em uma das oficinas, onde não se percebe ouvida em sua família, sem vez nem voz por ser mãe solteira e morar “de favor” numa casa que não é sua, e que busca essa confirmação de que está na direção certa para ajudar o desenvolvimento de seu filho, e que recebeu isso do grupo de participantes durante as oficinas. Relatou sobre a entrevista de trabalho da qual participou nas semanas anteriores e o quanto a ressonância das atividades das oficinas a fizeram perceber que sim, poderia dar certo na vaga disponível, pois conseguia falar, ser ouvida e respeitada fora de sua casa, pois não eram as mesmas pessoas nem reagiam igual a sua família.

Participante “B”: mulher, 43 anos, casada, professora de biologia/ ciências na rede particular de ensino, mãe de três filhas. Mora com o esposo e as filhas na casa de seu pai, que é idoso e não pode morar sozinho e se recusou a ir morar próximo da filha. Antes da pandemia, dava aulas em três turnos. Com a pandemia, teve redução na carga horária das aulas e conseqüentemente na remuneração, o que limitou possibilidades de lazer em família.

Figura 7 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante B.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "A mãe professora". Título do desenho depois das oficinas: "A Família diferente, mas que se ama".

Estória do desenho anterior às oficinas

“Eu, mãe, de saia, ensinando, e as filhas e o esposo sentadinhos, aprendendo. E meu pai aqui (apontou a pessoa na parte de baixo da folha do lado direito) escutando, ele tem muito conhecimento, mas está prestando atenção e às vezes levanta a mão e participa também.”

A pesquisadora perguntou quem são as outras pessoas no desenho.

Essas são minhas filhas: número 1 fulana, número 2 fulana, número 3 fulana, meu esposo (foi falando e escrevendo no desenho).

A pesquisadora pergunta o que a mãe está ensinando.

Estou ensinando sobre bons relacionamentos, boa convivência, às vezes estou intermediando os conflitos, e ensinando química para fulana (filha número 1). Todos estão aprendendo.

A pesquisadora perguntou como cada pessoa se sente com o que está fazendo.

A mãe sente que fez seu dever, e tem sabedoria para falar sobre isso, com compromisso e amor. E tem também a amizade de todos eles.

A filha 1... ela acha que sabe mais do que eu... e eu deixo ela pensar assim para ter autoestima boa.

A filha 2, acha que a mãe está atrasada... que ela (a filha) é moderna e com ela (filha) é outra história, mas mesmo assim presta atenção na mãe.

A filha 3 está só olhando e captando a mensagem, e guardando para ela... às vezes ela dá razão para a mãe, às vezes não. Mas não fala nada.

O esposo, assina embaixo do que a mãe fala, pois ela está certa.

O pai da mãe, o avô, fala para as netas “Escuta sua mãe, ela está certa”; ele fica do lado da mãe.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória)

Termina assim como está, pois a vida continua.

Título: “A mãe professora”

Estória do desenho posterior às oficinas

“Estão a fulana (com um livro), a fulana (com um celular), e a fulana (falando “bla...hi”) que são as filhas (duas do lado direito da folha, uma do lado esquerdo da folha), o avô materno, o pai da fulana (que não é pai das duas filhas que estão ao lado direito da

folha) e eu, sentados em uma roda de conversas, na hora do almoço, estamos falando sobre o futuro.

O avô dizendo que se Deus quiser vai estar vivo até todas as meninas se casarem, se ajeitarem na vida. A fulana (com o celular) falando que vai se dar bem na vida e ser rica. A fulana (com o livro) falando sobre faculdades... ela está nessa fase... A fulana (falando) falando em japonês, o que ninguém entende, eles conversam com ela e ela responde em japonês. Meu marido, aqui, concordando com todo mundo, dizendo “Que bom, que bom... em breve cada uma vai cuidar da sua vida...” E eu dizendo “Estou feliz porque minha família está reunida...”

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina assim, já terminou. Fim.

Título: “A família diferente, mas que se ama”.

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas

Observando os dois desenhos simultaneamente, a participante se deu conta da mudança de disposição do desenho na folha (antes os elementos representados estavam concentrados ao lado direito em fila, e pós-oficinas os elementos estão mais centralizados e equilibrados na folha em roda); além disso, deu-se conta também de que está percebendo as pessoas de sua família de outra maneira, pois antes eram números, não tinham olhos nem boca, estavam enfileirados, e agora os representou com detalhes individuais que os representam (celular, livro, falatório). Em ambos os desenhos, ela (mãe) ocupa um lugar central, que mobiliza os outros.

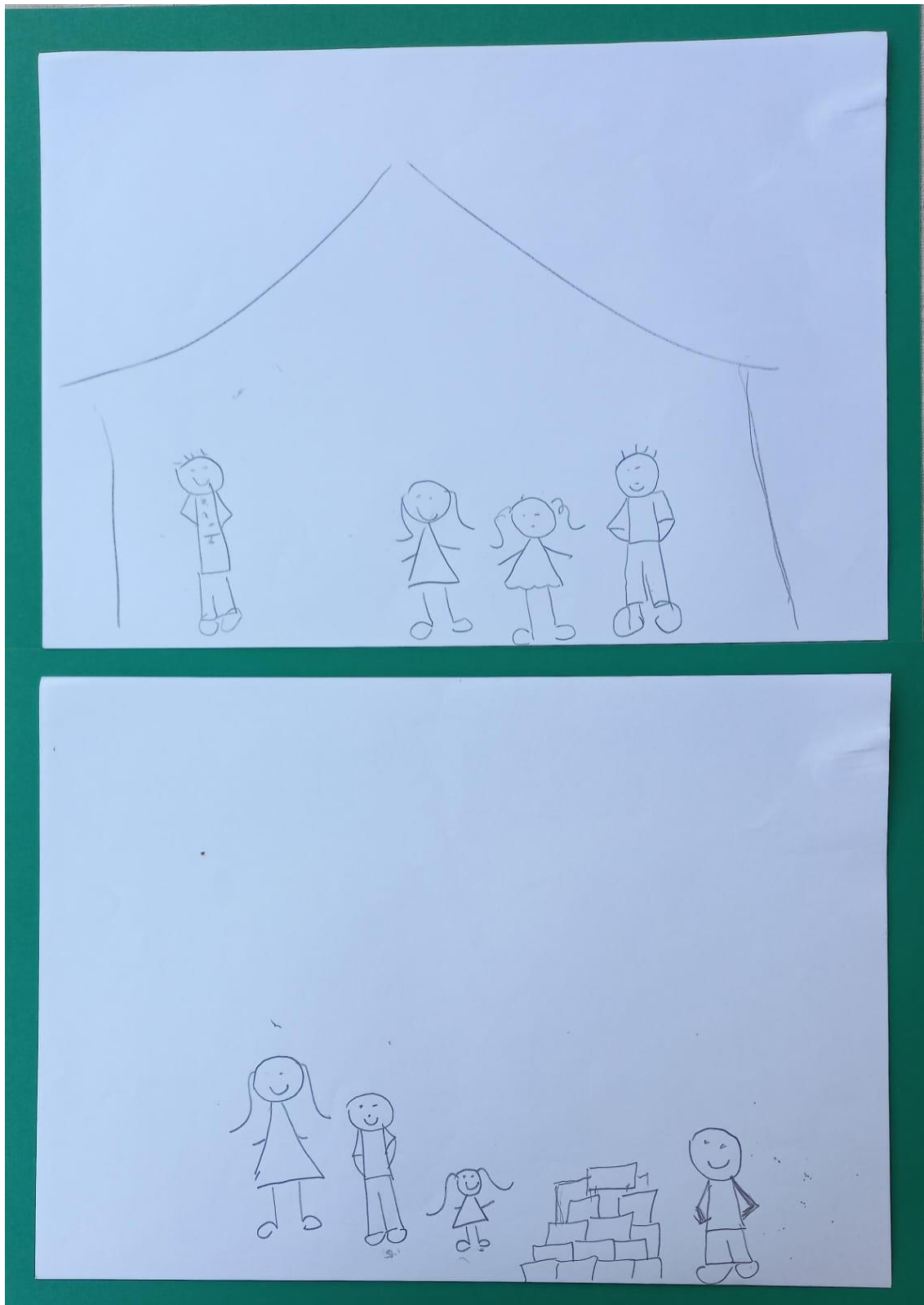
A pesquisadora questionou a participante sobre sua percepção das dores e alegrias de estar neste centro e ser este “motor”, e a participante relatou que tem consciência do esforço que faz para manter sua família unida, pois surgem conflitos com as filhas que são de idades diferentes, e além disso, surgem conflitos porque seu atual companheiro é pai apenas da filha mais nova e não concorda com algumas posturas que ela tem em relação às filhas mais velhas, e surgem conflitos com seu pai, que é idoso e é teimoso... Mas a vida precisa seguir, e ela não pode se deixar vencer pelas adversidades, pois a vida precisa seguir e ela ainda tem muita coisa para viver.

A pesquisadora pontuou a sensação de uma vida sobrecarregada de obrigações e deveres e a participante concordou, fazia sentido, se percebe assim, e por isso lhe pesa tanto a pandemia e todas as possibilidades de lazer que foram roubadas, pois com a redução de sua remuneração e as restrições de convívio social, ficou limitada a estes conflitos em casa, 24 horas por dia... E isso cansa muito... está sempre correndo para dar conta de tudo... A pesquisadora sugeriu, como ponto de reflexão, que a participante refletisse após essa devolutiva sobre “o que posso reorganizar ou mesmo delegar aos outros para conviver com mais leveza?”

Existem outras variáveis que não foram aprofundadas para compreender melhor essa relação; porém comparando os desenhos, observa-se que houve uma mudança no posicionamento das pessoas nestas relações familiares, saindo de uma perspectiva linear para uma perspectiva circular. Observa-se também uma mobilização nas fronteiras de contato das pessoas representadas, que antes não olhavam nem falavam, e que depois tem restituídas suas capacidades de ver e falar, mesmo diante das diferenças e conflitos que envolvem essas relações familiares. Tais indicadores observados sugerem mobilização de recursos internos da participante em direção à *awareness* das relações familiares e das percepções individuais de cada membro da família, visto que antes cada um só ouvia, e agora podem se expressam de maneiras diferentes e ser percebidos em suas diferenças. Administrar os conflitos observados fica para um outro momento...

Participante C: mulher, 37 anos, casada, professora do ensino fundamental 1 na rede particular de ensino, mãe de uma menina e um menino. Mora em casa própria, compartilha o quintal com outros parentes. Teve COVID, ficou internada, enfrenta quadro depressivo desde 2017 após o falecimento de seu pai com câncer de intestino. Sua mãe quase faleceu por COVID19, ficou 10 dias internada na UTI. A participante faz acompanhamento para depressão desde 2018 com psiquiatra e psicóloga pelo convênio médico de seu trabalho.

Figura 8 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante C.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "Sem título". Título do desenho depois das oficinas: "Vivendo entre altos e baixos".

Estória do desenho anterior às oficinas:

Aqui tem (da esquerda para a direita) o filho, de 18 anos, a mãe de 37 anos, a filha de 07 anos, e o pai de 48 anos. A mãe e a filha estão bem perto, muito ligadas... o filho está ensinando e aconselhando a família toda sobre como se relacionar e ajudar uns aos outros; ele é muito diferente, muito maduro para a idade dele. O pai está por último porque ele não presta muita atenção no que os outros falam... ele pensa muito com ele mesmo, sem falar. Mas sempre que um precisa, o outro está ali para ajudar.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com o que está fazendo.

O filho se sente diferente dos outros na forma de pensar e de agir, como se ele não se encaixasse nem nessa família, nem em nenhum lugar... a conversa dele é muito intelectual...

A mãe se sente sobrecarregada... sem forças para nada...

A filha se sente perdida em ver todos juntos, e saber que estão separados, pois ela não tem o abraço do irmão, o pai não brinca com ela, então ela gruda na mãe...

O pai se sente magoado e sem perspectiva de vida para ele, apenas sobrevivendo...

A pesquisadora pergunta como termina a estória).

Não sei como vai acabar... não consigo imaginar...

Título: não consigo dar um título... pode ficar sem título?

Estória do desenho posterior às oficinas:

São as mesmas pessoas do outro desenho... a mãe, o filho, a filha.

O filho está no meio, pois nesse momento da família, ele é quem mais parece emocionalmente estabilizado, com suporte, conselho... Ele às vezes ocupa o lugar do pai, impõe limites, ensina coisas... ele nos ensina muito...

Aqui é uma parede quebrada, que a gente foi quebrando em relação ao pai, quebrando essa parede par se unir mais, ficar mais juntos... ele está saindo de trás da parede para vir ficar perto de nós...

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente).

A filha se sente mais feliz, porque é o momento que ela está tendo a atenção que nunca teve do pai, mais a atenção do irmão, ela está menos ansiosa também.

O filho se sente mais confiante em relação às amizades, ao trabalho, e às outras relações...

O pai se sente um pouco mais feliz da gente estar mais próximos, mas ainda está confuso em relação a muitas coisas...ele não conseguiu pular a parede que a gente quebrou...

Eu ainda me sinto triste, confusa, mas estou um pouco mais confiante para seguir a vida.

Título: “Vivendo entre altos e baixos”

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas

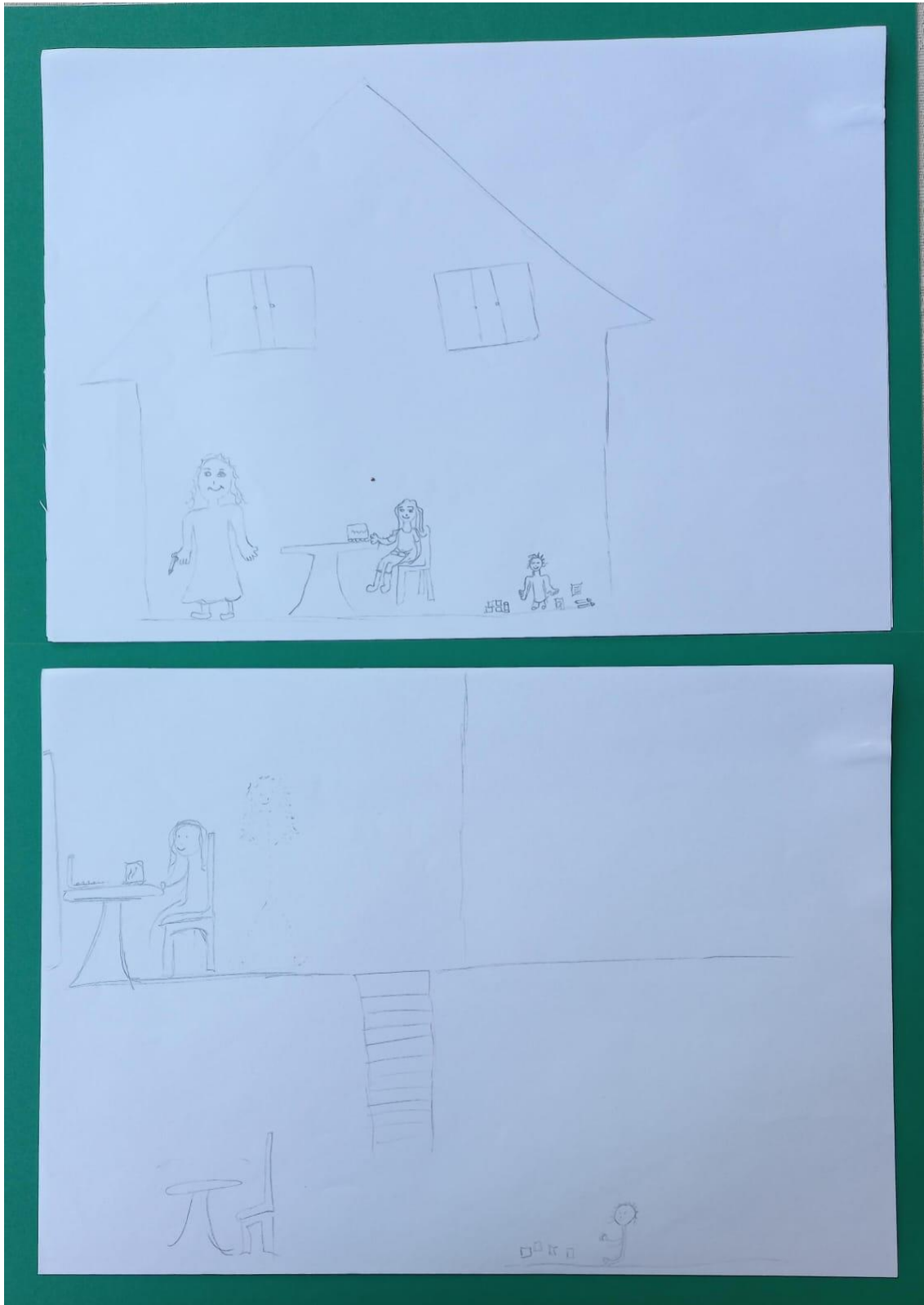
Nessa devolutiva, a pesquisadora fez comentários pontuais e a participante falou espontaneamente. Observando os dois desenhos simultaneamente, a pesquisadora e a participante conversaram sobre as diferenças perceptíveis nos desenhos: antes a mãe e a filha estavam do mesmo tamanho, no centro do desenho, o filho estava distante, o pai estava perto; depois, observou-se tanto a reordenação das posições das pessoas quanto a reordenação dos tamanhos, a mãe estava maior que as outras pessoas, os filhos mais ao centro, o pai continuava no mesmo local; porém a barreira “velada” que afastava o pai das relações familiares agora estava visível e quebrada, na tentativa de reordenar as relações familiares e reaproximar os membros da família. A participante se emocionou e chorou durante essa conversa devolutiva, relatou que tem enfrentado muitas dificuldades e conflitos com o companheiro e recordado a atividade da fantasia dirigida em uma das oficinas, sente-se na mesma dúvida que expressou no desenho: ir ou ficar? Voltar ou seguir? Relatou também que antes percebia a dúvida e a angústia, mas nem conseguia nomear que eram dúvida e angústia. Agora, já sabe que são dúvida e angústia, e olha para elas quando as percebe, ao invés de ignorá-las como se não existissem; e isso tem ajudado a melhorar as relações com os filhos, sendo mãe deles: cobrando quando precisa cobrar, cuidando das necessidades básicas de alimentação e higiene, reorganizando o trabalho online para acompanhar a filha menor nas aulas online que ela precisa cumprir. A pesquisadora acolheu a experiência expressada pela participante, agradecendo por compartilhar sua riqueza interior.

Após as oficinas, o desenho aponta para uma reorganização das relações familiares, inclusive indicando que barreiras “veladas” são percebidas, apontadas e quebradas; ainda,

que as reações são movidas mais por impulso do que por reflexão, mas a direção do olhar das pessoas representadas tem outro foco: as barreiras que os impediam de estar juntos.

Participante “D”: mulher, 28 anos, casada, professora de artes na rede pública de ensino, mãe de duas meninas, uma com 07 anos, e outra com 02 anos e 07 meses que faz acompanhamento médico investigando doença autoimune. Mora em casa própria.

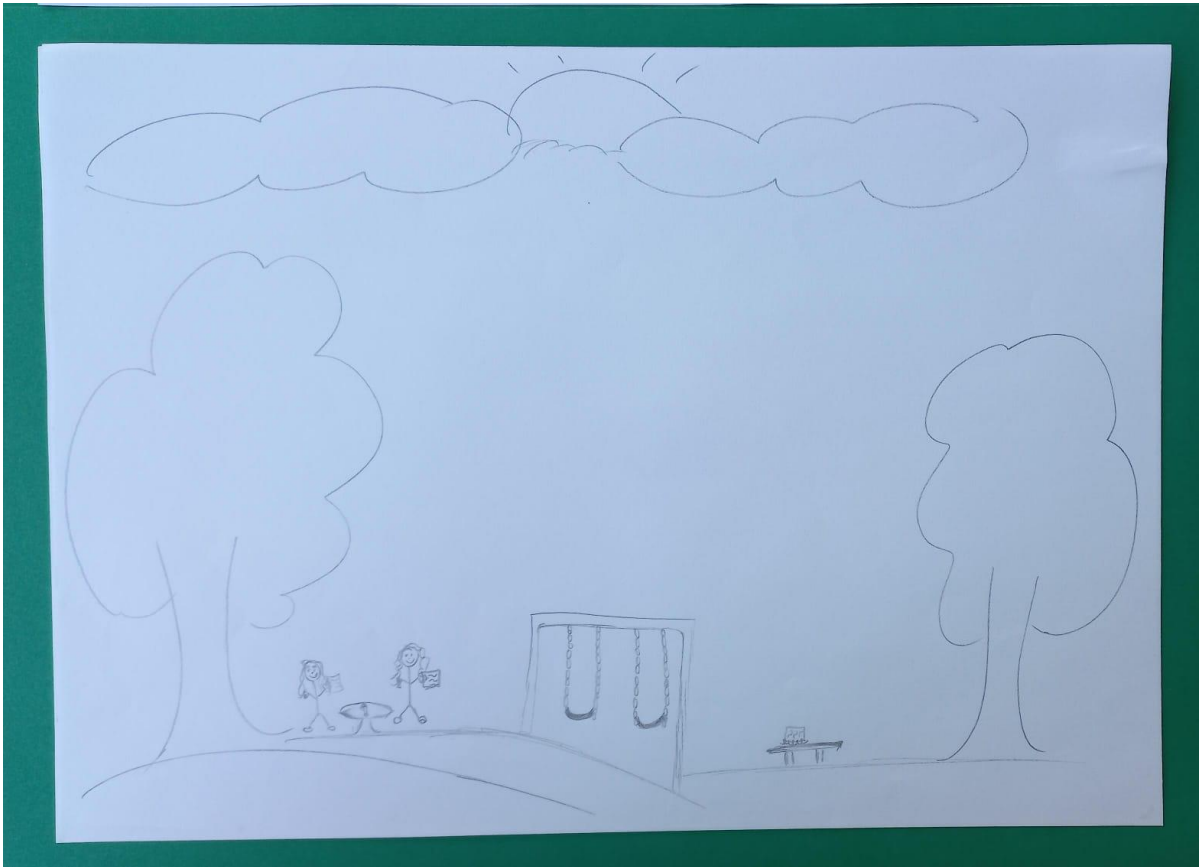
Figura 9 - Desenhos-Estórias com tema antes das oficinas - Participante D.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho 1 antes das oficinas: "O difícil ato de ensinar". Título do desenho 2 antes das oficinas: "O difícil ato de ensinar".

Figura 10 - Desenhos-Estórias com tema depois das oficinas - Participante D.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho depois das oficinas: "Um estudo no parque".

Estória do desenho anterior às oficinas:

Aqui tem (da esquerda para a direita) a mãe, a filha mais velha e a filha mais nova. É um dia quente, e essa mãe tem que ensinar para a filha mais velha uma lição da escola. Uma lição de português. A filha mais nova está brincando, ali do lado.

A mãe se sente frustrada porque está ensinando para a maior e também precisa ensinar algo para a menor; está frustrada porque tem duas tarefas ao mesmo tempo.

A filha mais velha se sente frustrada com a cobrança da mãe, o tempo todo, e com o fato de ter que se sentar para fazer lição e não estar com a irmã menor brincando.

A filha menor se sente... buscando atenção... ansiosa... sozinha... buscando atenção...

A participante para o relato, e olha seu desenho, segurando com as duas mãos.

A pesquisadora pergunta: Está acontecendo mais alguma coisa? Ela responde: não.

A pesquisadora pergunta: Como essa estória termina?

A mãe fala para a filha mais velha guardar a lição e fazer em outro momento. Então a mais velha se junta com a mais nova para brincar. Elas vão brincar de escolinha... tenho a sensação de que a mais velha sente que não está aprendendo... (A pesquisadora pergunta se já perguntou isso para a filha). Sim, a mãe já perguntou isso para a filha, a criança disse que sim, que aprende... mas a mãe fica na dúvida...

Eu fico num conflito: eu tenho que ensinar para ela, ou deixo ela aprender sozinha, com o ensino remoto? E quem está ensinando quem? Faltou uma porta no meu desenho... me sinto sem muita saída... Nossa... posso fazer outro desenho? Não gostei desse...

A pesquisadora fornece outra folha em branco, e a participante começa outro desenho.

Pronto. Terminei.

Aqui tem (de cima para baixo, da esquerda para a direita) a filha mais velha; ela está estudando com o notebook, na mesa, e com o caderno. A mãe está aqui (apontou atrás da filha), está apagada, fiz ela de pontilhado, porque por conta do trabalho ela não acompanha a filha tão de perto como gostaria... parece um fantasma... Aqui embaixo tem a cozinha, ela está vazia, para ser só cozinha. A filha menor está lá embaixo, brincando sozinha, sem atrapalhar a mais velha. Fim da estória.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo)
Não sei como elas se sentem. Fim da estória.

Título: "O difícil ato de ensinar". O outro desenho também pode ser chamar assim.

Estória do desenho posterior às oficinas:

Sou eu (mãe) e minha filha mais velha. Estamos em um sítio, nesse 1º momento, estudando alguma atividade que tivesse que ser ao ar livre, com uma lousa/ quadro branco que imita o que tem nas escolas e universidades ao ar livre... Depois, nós duas vamos ao parquinho brincar um pouco, e depois vamos sentar e ler um livro.

No 1º momento, eu estou ensinando e ela está aprendendo. Eu me sinto realizada e esperançosa. Ela se sente feliz, percebida, porque foi vista. Depois, ela está ensinando ela mesma, lendo sozinha. Ela se sente feliz, e eu também com os progressos dela.

A pesquisadora pergunta como a estória termina.

Termina assim: elas parando para tomar um lanche, depois de tanta brincadeira e estudos. Elas estão bem.

Título: Um estudo no parque.

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas

Junto com a participante, comparou-se as três produções, conversando sobre os aspectos visíveis e perceptíveis. A participante falou espontaneamente, como se estivesse pensando em voz alta, e a pesquisadora foi ouvindo e acompanhando os relatos. A participante contou que percebeu que o incômodo com os espaços melhorou, tanto que nesse último desenho, desenhou-se em um parque bem grande, bem aberto. Comparando os desenhos, relacionou o espaço fechado da casa, sem ver as saídas, com o momento que enfrenta com a filha mais nova, que passa por vários médicos buscando descobrir qual problema de saúde tem, pois fica doente e internada com muita facilidade, com crises de falta de ar e descompasso do coração, mesmo sendo muito pequena. Relatou também que se deu conta que só cobra a filha mais velha, por conta dos cuidados que a mais nova exige com sua saúde, que se deu conta disso quando fez os desenhos na entrevista inicial e que, desde então, tem tentado pelo menos uma vez por semana, fazer alguma coisa com cada filha, separada uma da outra. E como sempre sai com a mais nova para os acompanhamentos médicos, e brincam no ônibus ou nas salas de espera dos consultórios, no sábado à tarde tem tentado ficar só com a mais velha, e cozinham juntas porque a mais velha gosta, e também quando chegava em casa das oficinas, quando a mais velha vinha ao seu encontro perguntando onde ela estava e o que tinha feito, ela mostrava suas produções para a mais velha e combinava de usarem os mesmos materiais no outro dia pra fazer alguma coisa e se divertir, mesmo em meio às lições de casa remotas que não acabam nunca e em meio às suas tarefas de professora online que também não acabam nunca... Comentou que se sentia mais leve em relação à filha mais velha, menos culpada em vista de tudo que estão vivendo em meio à pandemia e à doença da filha mais nova.

A pesquisadora perguntou se além das percepções sobre o lugar representado nos desenhos, a participante observava e percebia mais alguma coisa. A participante relatou que não. A pesquisadora apontou para as percepções sobre a posição das pessoas representadas em cada desenho nas relações entre perto/ longe/ em cima/ embaixo/ pontilhado como fantasma/ presente de corpo inteiro. A participante exclamou: “nossa, é mesmo! E eu pensando que já tinha visto tudo!” A partir desse apontamento, a participante comentou

que, como mãe, o quanto se sente sozinha para cuidar e acompanhar a filha mais nova nos exames e consultas médicas, pois seu esposo e o restante da família a criticam por buscar uma resposta ao quadro de saúde tão delicado da filha, e muitas vezes ela tem que faltar no trabalho para cuidar da filha mais nova, pois não tem com quem contar. E que, por isso, sente-se culpada por deixar a mais velha com autonomia para se cuidar sozinha, cobra muito da mais velha, e não estava tão perto dela em momentos agradáveis, só estava cobrando. Relatou que as atividades manuais das oficinas a fizeram se repensar como mãe, principalmente da filha mais velha, pois ela (a mãe) é professora de artes, e tem disponível em casa todos os recursos usados durante as oficinas, mas nunca tinha pensado que poderia utilizá-los de maneira mais livre com as filhas, principalmente com a mais velha, que é mais reservada e tímida.

A participante terminou seu relato comparando o lugar do último desenho com seu momento de vida: percebe-se pequena, junto com a filha, num parque imenso de possibilidades, que ela pode e precisa explorar com as filhas, mas principalmente com a mais velha, pois é com quem fica menos tempo, e que tem menos sua atenção de mãe.

Destaca-se no relato desta participante o processo de *awareness*, de “dar-se conta” do que acontece consigo mesma, e a partir desse conhecimento sobre si mesma, a tentativa de se reorganizar no campo, no mundo, nas relações com os familiares.

Participante E: mulher, 29 anos, casada, técnica de informática, mãe de uma menina de 07 anos. Mora em casa cedida, em quintal compartilhado com outros parentes de sua família.

Observação: a participante interrompeu seu contato com a pesquisadora após a 1ª oficina; não respondeu às mensagens enviadas para o celular, nem atendeu às ligações da pesquisadora. Os dados coletados não foram incluídos pois não seria possível comparar suas percepções antes/ depois da intervenção.

GRUPO 2

Grupo composto inicialmente por três pessoas, todas eram mulheres, uma delas com ensino médio completo (participante F) e duas delas com ensino superior completo (participantes G e H); todas eram casadas e trabalham; uma delas trabalha como empregada doméstica (participante F); uma delas trabalha como comerciante (participante G), a outra trabalha como bancária (participante H). Estas participantes foram organizadas no grupo denominado “Grupo 2”. A participante “F” não compareceu ao primeiro encontro e por telefone relatou para a pesquisadora que desistiu após a entrevista inicial, pois desejava que o grupo fosse ofertado para seu filho e não para ela (mãe); seus dados foram excluídos da pesquisa, e o grupo ficou constituído por duas participantes.

RELATO DAS OFICINAS – Grupo 2

Grupo 2 – 1º Encontro (descrito na página 52)

As duas participantes demonstraram um olhar de surpresa e tensão logo que entraram na sala onde as oficinas seriam realizadas, perceptível pela pesquisadora apesar de todas estarem usando máscaras de proteção individual. A pesquisadora iniciou as atividades desse grupo foram iniciadas retomando os enquadres sobre a pesquisa, sobre os protocolos de prevenção necessários à pandemia por COVID19, sobre os protocolos de higienização com os materiais pós-encontros. Depois, perguntou às participantes como se sentiam naquele momento, se alguma coisa as estava preocupando ou incomodando, ou se elas gostariam de mais alguma informação que não foi oferecida anteriormente. As participantes responderam que não, estava tudo bem, uma delas respondeu que estava com muito frio (e realmente, a noite estava muito fria). A pesquisadora continuou e realizou as atividades propostas para esse 1º encontro.

Durante a apresentação inicial com a massinha de modelar, a participante “G” apresentou-se como uma bola vermelha, que escorrega e circula por diferentes lugares, que se perde, mas que se encontra depois de um tempo, e escolheu a cor vermelha por ser uma cor forte. A participante “H” apresentou-se como um cubo azul, que pode ser um dado num jogo, ou pode ser um peso para segurar papeis, e escolheu o azul por ser uma cor de tranquilidade. A pesquisadora perguntou às participantes se elas percebiam a relação entre os objetos que escolheram e suas profissões, e ambas se surpreenderam e responderam que

nem pensaram nisso; e conversaram sobre a relação entre “ser como uma bola escorregadia e trabalhar como comerciante”, e “ser um cubo que pode ser dado e tem números, e trabalhar como bancária”.

Depois, a pesquisadora conduziu a conversa para o tema deste encontro “Pais e Filhos, Pandemia – dificuldades e possibilidades”, e solicitou às participantes que cada uma expressasse utilizando a massinha de modelar suas percepções das relações com seus filhos para depois compartilhar com o grupo.

A participante “H” começou seu relato, desculpando-se por não ser muito criativa como a outra participante, descrevendo-se como um computador (notebook), portátil, e executando o que tinha que fazer em cada momento; ela modelou duas plaquinhas que abre-fecha como se fosse um notebook com a massinha azul. Relatou que ficou 30 dias em home office, depois retornou ao trabalho presencial, e monitorava o filho e a filha pelo computador, como se fosse um robzinho automático. Sentia-se desconfortável e cansada nessa posição, mas fazia o que tinha que fazer; e desculpou-se novamente por não ter criatividade, comparando-se com o trabalho da colega. A pesquisadora agradeceu sua participação e seu esforço de fazer o que foi solicitado da sua maneira, ressaltando o quanto isso era importante.

A participante “G” modelou uma flor em um jardim com um sol escaldante; e relatou que se sente a flor derretendo em meio ao sol escaldante, pois perdeu dois familiares com COVID em meio à pandemia, teve COVID também, o marido quase morreu por complicações do COVID, e ela em meio a tudo isso teve que administrar as situações domésticas e a rotina de sua filha, que tem muita dificuldade de acompanhar as atividades escolares online... Sente-se derretendo... consumida em meio a tudo isso...

A pesquisadora conduziu a conversa para a importância do que estavam fazendo neste momento, olhando para a própria vida e descrevendo as situações que cada uma enfrenta, a partir do lugar onde estão, seja um lugar de “cumprir regras”, seja um lugar de “sol escaldante”, para que, a partir do lugar onde cada uma se encontra, possa identificar possibilidades de mudança, desejos e expectativas para o futuro. A participante “H” relatou que sente falta de momentos com brincadeiras lúdicas com os filhos, compartilhando experiências, e que percebeu o quanto isso lhe falta ao olhar e perceber a produção da outra participante. A participante “G”, ouvindo esse relato, disse que sente falta de dar conta das

regras necessárias ao dia a dia, pois em vista da dificuldade que sua filha tem, não consegue cumprir nada, terminar nada, nada anda...

A pesquisadora conduziu para a conclusão desse encontro, solicitando que cada participante fechasse seus olhos para concentrar-se em si mesma, em suas percepções, e descrevesse em poucas palavras o que levava desse encontro. Uma participante relatou que levava o desafio entre ser criativa e correr os riscos, seguindo o roteiro. A outra participante relatou que levava o compartilhar da experiência para ouvir os outros sem julgamentos.

Quando a pesquisadora pediu para fotografar as produções, a participante “H” já havia modelado e guardado a massinha da maneira como estava na caixa... A pesquisadora contornou a situação, agradeceu a participação de todas, e combinou de registrar as produções dos próximos encontros. Finalizou confirmando dia e horário do próximo encontro.

Grupo 2 – 2º Encontro (descrito na página 52)

Neste segundo encontro, as participantes estavam mais descontraídas. Durante o aquecimento temático de olhos vendados e manuseio de objetos, a participante “H” relatou que se sentia desconfortável por não ver o que seria colocado em suas mãos; foi acolhida e tranquilizada pela pesquisadora de que nenhum objeto traria danos nem faria mal às participantes, e questionada se gostaria de participar da atividade sem a venda; a participante relatou que seguiria como um desafio a si mesma. Após o aquecimento, as participantes descreveram a aceleração dos batimentos cardíacos diante da novidade e da perda de um dos sentidos, e a pesquisadora conduziu a conversa para o tema deste encontro: “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”, questionando: qual a relação do aquecimento temático com o tema deste encontro? Como cada uma se sentia em relação a isso? E convidou a expressar suas percepções utilizando palitos de sorvete e cola, e depois compartilhar com o grupo.

A participante “H” montou uma balança (em 3D) empilhando pedaços de palito de cada lado e relatou sobre o desafio de equilibrar os filhos estudando em casa, ser a provedora da casa pois não mora com o pai das crianças, e equilibrar as situações externas que parecem como dias nublados e de baixa temperatura, onde não dá para brincar lá fora, preocupações envolvendo a economia mundial, a pandemia, seu trabalho e o futuro dos

filhos. Relatou que se sente nesse desafio de equilibrar tudo, o tempo todo, sem trégua, e sente-se cansada com tanto esforço e tanta luta.

A participante “G” montou uma casa e relatou que era a casa dos seus sonhos, com muitos cômodos, arejada, com quintal, e que também era uma porta para junto de Deus e continha uma passagem no centro que é apertada para entrar na casa. Relatou que essa é a casa dos seus sonhos, que espera conquistar um dia, e que será muito diferente da casa onde mora atualmente: pequena, úmida, apertada, desconfortável... mas ainda é melhor do que não ter casa para morar... e que se sente assim em relação à sua filha, as dificuldades de aprendizagem de sua filha, e os sonhos para o futuro... E perguntou para a participante “H” se ela não emprestava a sua balança para ela aprender a equilibrar as coisas, pois estava muito apertado e difícil...

A participante “H” sorriu, e disse que emprestava sim... depois, relatou espontaneamente que “meus vizinhos me incomodam muito... se eu prestar atenção, eu fico mais irritada... eu tento filtrar e não focar no barulho deles, mas é difícil... inventei aula de costura, minha filha faz junto, mas meu filho não se interessa por atividades manuais... ele só quer mexer nos eletrônicos, mas para se divertir, só... para as aulas online, é uma guerra... eu que fico equilibrando...” fez uma pausa para refletir...

A participante “G” aproveitou a pausa e completou: “eu vou ganhar na mega sena e comprar uma chácara de 30 hectares, nu lugar isolado e sem vizinhos... é muito ruim morar numa comunidade (favela) barulhenta...”

A participante “H” se animou, e acrescentou “boa ideia... aí eu embrulharia a minha casa, e levaria para esse outro lugar, porque eu gosto da minha casa, mas não gosto da vizinhança... eu ampliaria a TV, como se fosse tela de cinema... e colocaria uma piscina também, para molhar os pés e refrescar nos dias quentes... acabaria com a pandemia (doença, contágio, mortes, isolamento social) em meados de 2021, e a paz mundial seria restabelecida...”

Todas os presentes riram do fluxo para onde a conversa caminhou, na fluidez de sonhos e esperanças para o futuro... Para finalizar esse encontro, foi proposta a vivência “Bazar de Trocas”, para que cada participante relatasse uma palavra que representasse sua expectativa inicial, antes do encontro, e outra palavra que representasse o que leva desse encontro. A participante “G” relatou que trouxe “ansiedade” e leva “sonhos”; a participante “H” relatou que não sabia definir o que trouxe, mas levava esperança. Concluiu-se o

encontro fotografando as produções, agradecendo a participação de todas, e confirmando dia e horário do próximo encontro.

Figura 11 - Registro do 2º Encontro do Grupo 2 – Vista aérea



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo, na sequência): participante H – Balança, participante G – Casa dos Sonhos.

Figura 12 - Registro do 2º Encontro do Grupo 2 – vista lateral (observe o detalhe da balança)



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante G – Casa dos Sonhos; participante H – Balança.

Grupo 2 – 3º Encontro (descrito na página 54)

Durante o aquecimento temático, as participantes demonstraram através do olhar tranquilidade e confiança no que seria proposto. A participante “G” relatou “dó” de amassar a folha tão lisinha, e que poderia ser usada para muitas outras coisas... a participante “H” relatou que não queria fazer nenhum comentário, só observar.

A pesquisadora introduziu o tema deste encontro, direcionando a conversa para a relação entre o movimento de amassar/ desamassar e as rotinas sobrecarregadas dos pais, observadas em meio à pandemia, e convidou as participantes a expressar com os materiais disponíveis suas percepções.

A participante “H” começou o relato descrevendo que pensa em sua vida como um quadro de *post-its*... e que vai reorganizando na medida do possível... na pandemia, além dos *post-its* que eram dela (trabalho, a casa, a alimentação da família), teve que administrar também os *post-its* dos filhos... e que algumas vezes uns se sobrepõem aos outros, mas ela tenta não perder nenhum... e fica muito cansada, e tem vontade de jogar todos fora (e jogou para cima os que estavam soltos na mão, que caíram espalhados sobre ela), mas quando pensa no trabalho extra que vai dar arrumar a bagunça (começa a recolher os papéis espalhados), desiste e prefere o esforço de tentar encaixar cada coisa no seu lugar (e

recomeça a ordenar e colar os quadradinhos na folha). A pesquisadora perguntou o que representavam cada cor que ela escolheu. A participante relatou que não pensou nisso antes, mas que pensando nisso nesse momento, o verde era seu filho, que tem dificuldades escolares e precisa de supervisão e monitoria, o rosa era sua filha, o laranja era seu trabalho, e o vermelho era sua família, sua casa, seu marido (que não é o pai das crianças). A pesquisadora agradeceu por compartilhar sua história e suas percepções no grupo.

A participante “G” relatou que estava impressionada com a organização da colega, e que precisava aprender um pouco disso, e mostrando sua produção, disse que só consegue chorar e se abanar diante das dificuldades (fez um abanador colorido com recortes dos papéis coloridos disponíveis), mas faz isso disfarçado, “as pessoas nem percebem que estou chorando de verdade”, mas o que queria mesmo era viajar de avião para bem longe (fez um avião de dobradura com a outra metade da folha do aquecimento), para um lugar sem pandemia, sem escola, sem dificuldades com a filha... porém sabia que isso não é real... relatou que fez a si mesma escondida em meio às lágrimas, que parecem gotas de chuva... e que o abanador ajuda nos dias mais sufocantes... A pesquisadora perguntou “por quê precisa deixar escondido as dificuldades que enfrenta na vida?” A participante pensou em silêncio um pouco, e respondeu “para não piorar o quadro da minha filha, que não é fácil...” A pesquisadora perguntou se gostaria de compartilhar algo sobre o quadro de sua filha, e a participante respondeu que nesse momento não.

A pesquisadora agradeceu à participante por compartilhar sua história e suas dificuldades com o grupo, e para encerrar esse encontro, fez uma proposta diferente: cada participante deveria pensar em uma frase que sintetizasse o que leva consigo deste encontro, a partir do trabalho da outra participante, trocando as percepções.

A participante “G” iniciou relatando que leva do encontro “Não dá para se abstrair da tarefa. É preto no branco e ponto. O que tem que fazer, tem que fazer e ponto.” A participante “H” relatou que “não adianta chorar as lágrimas do que não foi feito, se você não puder rir disso depois.” Encerramos esse encontro fotografando as produções e confirmando a data do próximo encontro; a participante “G” mostrou e colocou sobre sua produção inicial um “abre-e-fecha” que fez para brincar com sua filha depois.

Figura 13 - Registro do 3º Encontro do Grupo 2



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante G – um avião, um abanador (de papel), escondida em meio às lágrimas, um abre-e-fecha de dobradura; participante H – os *post-its* e as rotinas.

Grupo 2 – 4º Encontro (descrito na página 56)

Nesse último encontro, as participantes começaram questionando se seria mesmo o último encontro... A pesquisadora confirmou que sim, seria o último encontro, e perguntou às participantes como cada uma delas avaliava esse período, o que tocou mais, o que se destacou na percepção, se gostariam de compartilhar com o grupo, mas se não quisessem, não precisavam comentar. A participante “H” começou relatando que para ela, se destacou que precisa despertar sua criatividade contra o automático que permeia sua vida, e que isso é bem difícil... A participante “G” relatou que, para ela, destacou-se o espaço de poder falar e compartilhar suas experiências sem receio de ser julgada ou condenada por estar errada, e que era ruim pensar que esse era o último encontro nesse lugar, com esse propósito...

A pesquisadora acolheu a angústia das participantes e agradeceu os comentários, e perguntou se teriam disponibilidade para um encontro extra, duas semanas após esse

encontro, para que tivessem mais tempo de lidar com a finalização deste trabalho de pesquisa e as participantes concordaram; a participante “G” perguntou se elas (participantes) poderiam escolher o tema do encontro extra, e a pesquisadora respondeu que sim, e que faríamos isso no encerramento deste encontro. Depois desse acolhimento inicial, a pesquisadora conduziu o grupo ao aquecimento temático do dia, solicitando ao final do aquecimento que registrassem através de um desenho qual etapa da fantasia dirigida se destacou-se para si mesma, para depois compartilhar com o grupo.

A participante “H” começou seu relato, descrevendo que seguindo o caminho a conduziu para um lugar reservado, com um lago cristalino, uma colina, algumas árvores... e que resolveu se deitar embaixo de uma das árvores para descansar. A armadilha que a prendeu parecia uma bolha translúcida, que permitia que ela olhasse e percebesse o redor, mas não permitia que ela saísse de debaixo da árvore... podia contemplar a beleza da paisagem, mas não podia sair dali, estava prisioneira do descanso... E isso a deixou angustiada e apreensiva, pois precisa cuidar de seus filhos, pois não pode contar com o pai das crianças, e seu atual marido não tem obrigação de cuidar dos filhos que não são dele... Para sair da armadilha, foi empurrando a bolha contra a árvore, e a bola enroscou num galho, e rasgou, e ela conseguiu sair... Aproveitou mais alguns instantes o belo lugar, e voltou pelo mesmo caminho por onde foi, para não correr o risco de surpresas desagradáveis de novo...Fez uma pausa para refletir... A pesquisadora perguntou se queria acrescentar algo ao relato, a participante respondeu que não; a pesquisadora agradeceu por compartilhar sua experiência.

A participante “G” relatou que se desenhava no caminho, em cada etapa do caminho, para não se perder... relatou que tentou prestar muita atenção aos comandos, pois tem dificuldade de memorizar e se distrai com facilidade... Em meio à caminhada, ficou cansada e parou embaixo de uma árvore, adormeceu, e foi presa em uma rede, que a suspendeu no ar... Mas não ficou apreensiva, pois estava com sua mochila nas costas e, como faz tricô e crochê, sempre tem uma tesoura na mochila (pegou sua mochila, e retirou um trabalho de tricô preso nas agulhas, e uma tesoura de costuras também para mostrar ao grupo), então cortou as cordas da rede, que eram grossas, pulou para fora, e seguiu o caminho até o fim, até chegar num muro verde, que pareceu que daria muito trabalho para atravessar... Então resolveu voltar pelo mesmo caminho, até o lugar de onde saiu, mas voltou mais devagar,

para não se cansar nem ter que descansar e correr o risco de outra armadilha... e fim, era só isso. A pesquisadora agradeceu por compartilhar sua experiência.

Ao final deste relato, a pesquisadora perguntou às participantes se percebiam alguma relação entre a vivência da fantasia dirigida e o tema deste encontro “Pais & Filhos em meio à pandemia: Nutrição de Relações Saudáveis”, e pediu que refletissem sobre esse assunto e expressassem com uma frase suas conclusões. As participantes fizeram um breve instante de silêncio.

A participante “G” comentou “Preciso parar para refletir e sair do automático, de quem só segue o caminho e não percebe os riscos e perigos... Preciso organizar minhas ideias e esfriar a cabeça para ver como ajudar minha filha, principalmente nas questões escolares... e isso é muito difícil...” Depois, ficou em silêncio contemplando seu desenho. A pesquisadora agradeceu sua contribuição.

Por sua vez, a participante “H” relatou “Preciso parar de sofrer na bolha... e só aproveitar os bons momentos com meus filhos, sem me culpar por ter que dar conta deles sozinha... gostaria de conversar mais sobre reorganizar as rotinas para ter tempo de descansar, percebi que preciso de ajuda nessa questão...” A pesquisadora agradeceu sua contribuição, e se colocou à disposição para conversar particularmente sobre as rotinas sobrecarregadas em outro momento. A participante agradeceu.

Para finalizar o encontro e o grupo, a pesquisadora comentou que dois aspectos se destacaram para ela ao longo do trabalho com esse grupo: carinho e firmeza. O carinho de quem olha a dificuldade de sua filha, de seu filho, e deseja ajudá-los no desenvolvimento, e a firmeza de quem precisa dar conta das rotinas internas da família, e externas com o provimento do sustento da casa... A busca de relações saudáveis entre pais e filhos é uma busca que persiste a vida inteira, pois cada momento da vida dos filhos demanda dos pais um olhar e um acompanhamento diferentes, amadurecidos e coerentes com as habilidades e dificuldades de cada filho, de cada filha. E que mais importante do que apenas evitar armadilhas, é necessário reconhecer onde estamos, e quais os cuidados que a vida nos exige no tempo presente, para oferecer a nós e aos nossos filhos, o carinho e a firmeza necessários... As participantes se olharam com olhar de surpresa, e comentaram que sim, isso fazia muito sentido... a participante “H” perguntou se esse poderia ser o tema do encontro extra, carinho e firmeza com os filhos, a participante “G” concordou e disse que seria muito bom encontrar um equilíbrio entre esses dois pontos; a pesquisadora acolheu a

sugestão. Todas, inclusive a pesquisadora, agradeceram a oportunidade de compartilhar experiências de vida nesses breves encontros, se despediram e finalizaram o grupo.

Figura 14 - Registro do 4º Encontro do Grupo 2



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações (de cima para baixo): participante H – uma bolha para descansar; participante G – o caminho e a armadilha.

OBSERVAÇÃO: não foi possível realizar o encontro extra por uma sequência de situações inesperadas: o sogro da participante “G” ficou internado com problema no coração por 20 dias, e ela revezou o acompanhamento dele durante a internação; depois sua filha teve COVID... Depois destes imprevistos, não conseguimos conciliar os horários das participantes para o encontro extra e devolutiva do grupo. A entrevista final individual das participantes foi agendada com uma diferença de dois meses.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS GRUPAIS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Observa-se inicialmente neste grupo o desconforto e a tensão diante do novo, seja o novo do encontro com o outro, seja o novo pelo encontro com o outro dentro do contexto da flexibilização inicial da pandemia e quase final da restrição de isolamento social, período em que os encontros aconteceram. As participantes experienciam ao longo dos encontros o contato com o outro ao mesmo tempo em que experienciam o contato consigo mesma na fronteira de contato, através das relações que estabeleceram entre as propostas das oficinas, a própria vida compartilhada em seus relatos particulares, e a escuta atenta e respeitosa da experiência do outro, propiciando um Self dinâmico e mobilizado em busca de equilíbrio (Robine, 2003, p. 33).

Destaca-se também o processo de fluidez que se estabeleceu nas conversas, sonhos e esperança permeados nos encontros, mobilizando as participantes ao contato, à diferenciação entre si e o outro, ao pertencimento, à confiança no grupo e no processo. Tellegen (1984, p. 83) relata que “para todos vale que tudo que acontece no grupo tem ressonâncias que diferem em intensidade e tonalidade emocional para cada participante, conforme o nível em que um determinado evento o atinge”, e essas ressonâncias foram descritas pelas participantes na devolutiva, apontado nas análises individuais.

Outro destaque observado neste grupo a partir das percepções e diferenciações relatadas pelas participantes é a busca por um ajustamento criativo funcional autorregulatório para equilibrar excessos e carências percebidos individualmente ao longo dos encontros, ilustrando o conceito proposto por Zinker: “enquanto houver diferenciação, haverá conflito, porém um conflito saudável” (1977/ 2007, p. 232). Através do manejo terapêutico oferecido ao grupo utilizando-se a emergência dos temas, as expressões plásticas individuais não-estruturadas e o compartilhamento das percepções e produções individuais, os trabalhos “realizados durante a sessão facilitam o contato com conteúdo mais

profundos e internos” (Norgren, 2004, p. 204) considerando o diferencial da Gestalt-terapia de “avaliar a obra com o cliente, visando ampliar o nível de conhecimento sobre si próprio e buscando atualizar seus potenciais” (Norgren, 2004, p.207-208).

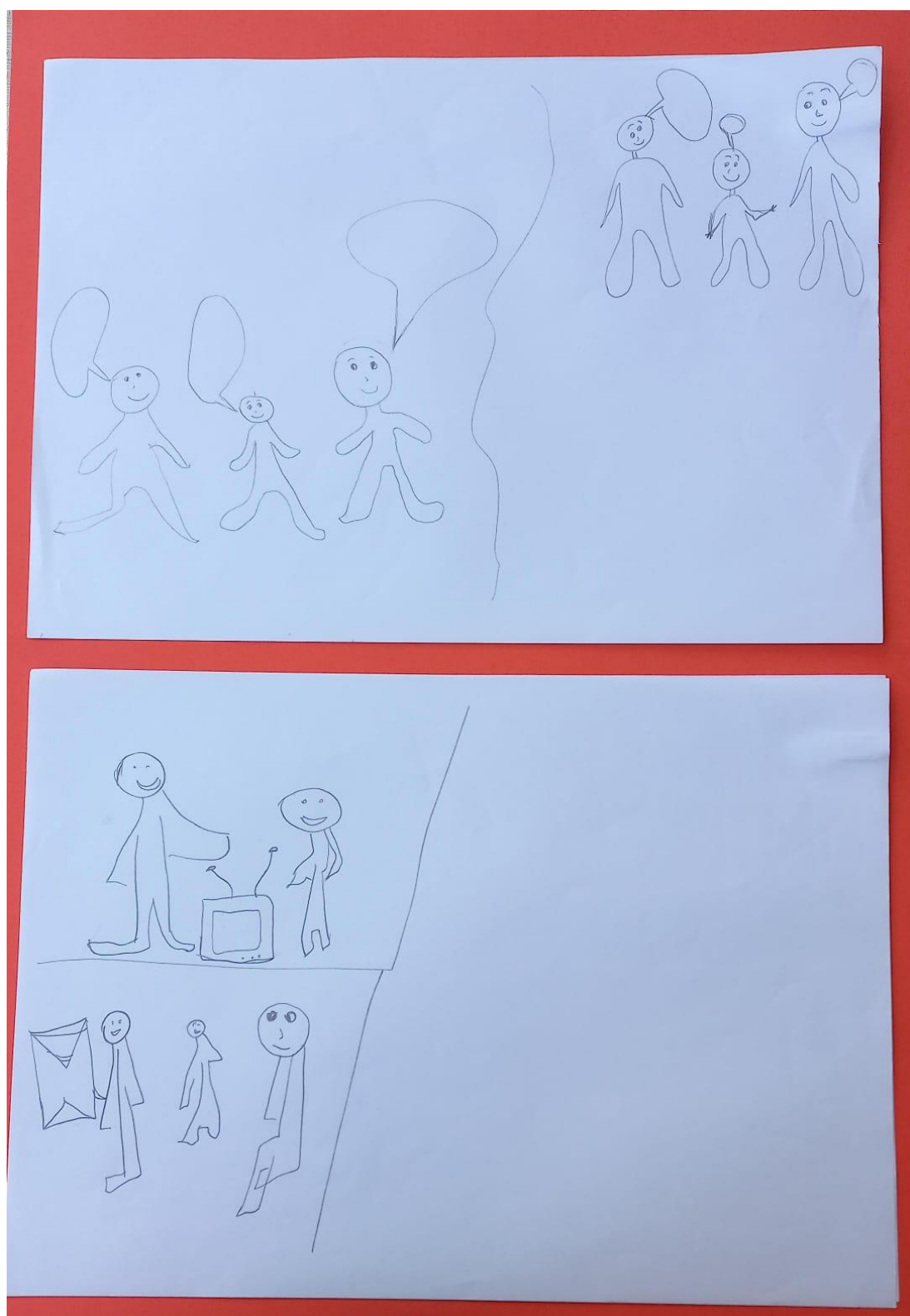
Destaca-se também a função da psicoterapeuta (pesquisadora) enquanto reguladora frente ao grupo, seja retomando e demarcando inicialmente as questões contratuais, seja estabelecendo pontes para a compreensão do processo e dos produtos finais a partir do olhar atendo às possibilidades e articulações possíveis em diferentes níveis: intrapessoal, interpessoal e grupal (Boris, 2013, p.1146; Tellegen, 1984, p.74-75), para “ajudar o grupo a chegar a algum fechamento, levando as aprendizagens e vivências para a vida, descobrindo estratégias de ampliação e integração destas novas experiências” (Boris, 2013, p. 1147).

ANÁLISE INDIVIDUAL DO DESENHO-ESTÓRIA DAS PARTICIPANTES

Participante “F”: mulher, 46 anos, casada, empregada doméstica, mãe de um menino de 07 anos e outro menino de 03 anos. Mora em casa própria, com o esposo que estava desempregado desde o início da pandemia, e os filhos. A participante desistiu de participar da pesquisa antes mesmo do primeiro encontro, relatou para a pesquisadora que pois desejava que o grupo fosse ofertado para seu filho e não para ela (mãe). Seus dados coletados não foram incluídos.

Participante “G”: mulher, 41 anos, casada, comerciante, mãe de uma filha. Mora com o esposo e a filha no mesmo quintal que os sogros. A filha tem diagnóstico de TDAH, e faz acompanhamento com neurologista infantil, fonoaudióloga e psicóloga no serviço público, e está na lista de espera para acompanhamento com psicopedagogo. Com a pandemia, perdeu dois familiares (cunhado e tio) por COVID19; relatou que sente muita falta do contato com outros familiares que não visita mais em função das restrições impostas pela pandemia.

Figura 15 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante G



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "Uma Família";

Título do desenho depois das oficinas: "Um dia comum, uma vida comum".

Estória do desenho anterior às oficinas

São duas histórias. Aqui (aponta para o 1º quadro) são duas irmãs gêmeas, Elisângela e Antonela, elas tem 12 anos; e o pai delas, Edi, tem 48 anos. O pai está ensinando como fazer comida, mexer na cozinha, e preparar os alimentos. As duas filhas estão aprendendo.

A pesquisadora pergunta como cada um se sente com aquilo que está fazendo. *O pai se sente feliz por ensinar; e as filhas sentem felizes de fazer alguma coisa com o pai.*

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina eles comendo o alimento preparado: arroz, salada e ovos mexidos. Era uma janta. Mas tem essa outra situação (aponta para o 2º quadro)... posso contar a estória?

(A pesquisadora responde “Claro!”)

Aqui é outra família, outra situação. Aqui é a Maria, de 31 anos, a filha Antônia de 8 anos, e o José esposo da Maria, de 31 anos. A Maria e o José são casados, e são os pais da Antônia.

A Antônia está contando para os pais como foi o dia dela, o que ela aprendeu hoje. Ela aprendeu a plantar no quintal uma muda de camomila. (A pesquisadora pergunta quem ensinou) Ela aprendeu na TV/ internet.

Os pais estão felizes porque a filha deles está ensinando algo que eles não sabiam. A filha se sente muito feliz porque conseguiu mostrar o que aprendeu. Ela está muito orgulhosa pelo fato de ter feito sozinha. Os pais estão felizes porque aprendem com a criança. Mesmo sendo mais velhos, eles sempre aprendem alguma coisa. Estão felizes e orgulhosos. E fim.

A pesquisadora pergunta qual título de cada estória.

Título: “Uma família” as duas histórias têm o mesmo título, porque nenhuma família é igual a outra, mas não deixa de ser família só porque é diferente.

Estória do desenho posterior às oficinas:

Aqui sou eu e minha filha (apontando para o quadro superior). A mãe tem 18 anos, e a filha tem 3 anos. Eu e a minha filha estamos assistindo e aprendendo a estória dos 3 porquinhos. Depois, aqui (aponta para o quadro inferior) sou eu contando a estória para ela e para o pai dela.

Era a estória dos 3 porquinhos, que ela gostava muito quando era pequena... ela ouvia a estória, e fazia os passos que eram contados na estória... ela soprava, ela corria, chorava de mentirinha, e corria muito para se esconder... (fez uma pausa; a entonação de

sua voz era de saudosismo. A pesquisadora pergunta como está se sentindo nesse momento). *Sinto saudades dessa fase... hoje minha filha tem muita dificuldade para aprender... ela tem TDAH... é muito dispersa e imatura... só tem tamanho, mas não amadureceu...* (embarga a voz, respira, engole o choro... e desconversa) *Mas eu tenho que terminar de te contar a estória do desenho* (e nem dá tempo para a pesquisadora perguntar mais nada, e completa o relato) *Aqui* (quadro inferior) *eu mãe achava engraçado e me sentia feliz porque ela estava aprendendo algo que a gente tinha ensinado; a filha se sente muito feliz porque aprendeu, e porque os pais estão muito felizes com ela. O pai observa tudo e fica admirado porque a filha aprendeu algo em pouco tempo.*

A pesquisadora relata que percebe que ela se emocionou e que conteve a emoção. A participante responde) *Sim, me emocionei, mas já passou. Tem mais alguma pergunta?* (o tom da sua voz é triste)

A pesquisadora pergunta como termina a estória

Termina com todos saindo juntos e indo assistir um filme e comer pipocas... Aqui esse lado vai ficar vazio (apontando para o quadro em branco na folha), *para as coisas que vão acontecer no futuro...* (deu uma gargalhada) *porque muita coisa boa ainda vai acontecer no futuro...*

Título: “Um dia comum, uma vida comum”

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas:

Observando os desenhos simultaneamente, a participante ficou em silêncio e contemplação por alguns instantes, e a pesquisadora acolheu esse tempo. Após isso, a participante perguntou “E agora, o que temos que fazer?” A pesquisadora perguntou sobre o que a participante estava pensando enquanto contemplava os desenhos, e ela respondeu que pensava em quantas coisas já viveu desde que se tornou mãe; relatou espontaneamente sobre a gestação da filha (que foi de risco, pois teve pressão alta durante toda a gestação e os últimos dois meses internada para não perder a filha), os primeiros anos de vida da filha, as dificuldades que foram surgindo pelo caminho até chegar neste momento, onde a filha tem 11 anos, é alta, mas parece uma criança de seis anos na imaturidade que tem com as atividades escolares, tem diagnóstico de TDAH, faz acompanhamento com neurologista, com fonoaudióloga e com psicóloga desde pequena, e que não é fácil lidar com tudo isso...

relatou também sobre seu esposo, que tem depressão maior há muitos anos, oscila muito nos comportamentos entristecidos que ficaram pior após os falecimentos dos familiares, e que não consegue ajudar a mãe na educação nem nas dificuldades escolares da filha... fez outra pausa para refletir. A pesquisadora perguntou como se sente, como se percebe enquanto pessoa em meio a todas estas reflexões e em meio a todas estas experiências vividas. “Me sinto cansada... mas não posso parar, assim como não parei na última atividade que fizemos no grupo... eu posso até não pular o muro para ver o que tem depois, mas eu volto o caminho para não perder o que já conquistei até aqui...” A pesquisadora pergunta o que percebe que conquistou, e ela responde: “Estou viva. Sobrevivendo a uma pandemia; perdi pessoas queridas, quase perdi meu esposo, mas não o perdi; tenho uma filha e tento ser uma boa mãe para ela; e ainda vou viver muita coisa boa lá na frente que nem eu imagino... Por isso eu preciso de espaço em branco, para continuar a história depois (e apontou para a parte branca da folha do desenho pós-oficinas) (deu outra gargalhada, e a pesquisadora sorriu junto).

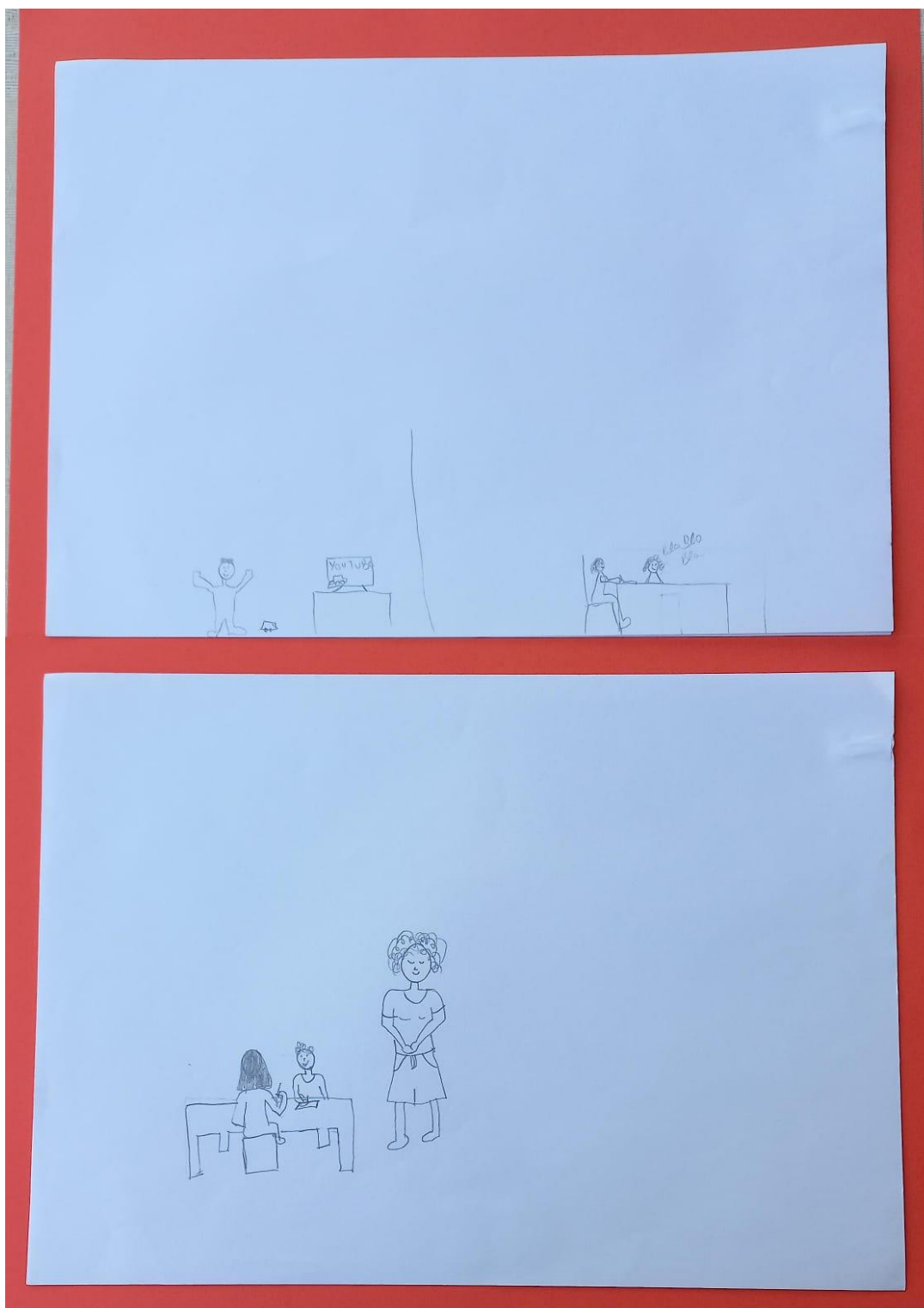
A pesquisadora questiona como ela se percebeu participando das oficinas, mesmo sem que o 5º encontro tenha acontecido. A participante respondeu que foi muito válido e importante, pois percebeu que precisa se organizar e ser firme para ajudar a filha que está crescendo, pois às vezes se sente presa na parte boa, criativa e dinâmica que viveu com ela quando ela era menor, mas agora que ela está grande se sente perdida... A pesquisadora perguntou se ela conseguia perceber isso nos desenhos que realizou, e ela disse que não. Então a pesquisadora mostrou: no primeiro desenho antes das oficinas eram duas irmãs; no último desenho após as oficinas eram mãe e filha pequena, com expectativas e possibilidades em branco para o futuro, para o crescimento, para o amadurecimento, para “muita coisa boa que ainda vai acontecer no futuro”. A participante arregalou os olhos e disse “Nossa, eu nem vi isso...” não conteve as lágrimas... e chorou... A pesquisadora acolheu a participante com um abraço apertado.

Após alguns instantes dentro do abraço, a participante agradeceu o abraço, as oficinas, as reflexões e perguntou se poderia entrar em contato no futuro, para conversar e contar sobre as coisas boas que aconteceram e que irão preencher a parte em branco, pois como o marido é depressivo, não tem muita oportunidade de conversar... E a pesquisadora se colocou à disposição. O encontro foi encerrado.

O processo reflexivo com esta participante remete à compreensão do processo de atualização da experiência na fronteira de contato, diferenciando as relações de tempo presente/ passado/ futuro, onde um ajustamento criativo disfuncional (presa saudosamente na 1ª infância da filha) é atualizado no tempo presente, e lança um olhar de esperança para o futuro, com espaço para novas estórias, novas percepções e novas experiências...

Participante “H”: mulher, 33 anos, divorciada e no 2º casamento, bancária, mãe de um filho e uma filha. Mora com o esposo e os filhos no mesmo quintal que os sogros, porém estão construindo sua casa em outro município vizinho, num local mais afastado e tranquilo do que o bairro onde moram atualmente. Seu filho tem diagnóstico de TDAH; fazia acompanhamento com psicóloga e psicopedagoga antes da pandemia, mas os atendimentos estão suspensos neste momento. Com a pandemia, relata que sente muita falta dos momentos de lazer em família, principalmente de ir a parques e outras atividades ao ar livre com os filhos.

Figura 16 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante H.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "A rotina";

Título do desenho depois das oficinas: "Aula em casa"

Estória do desenho anterior às oficinas:

São um filho, Antônio, de 10 anos, uma filha, Laura, de 09 anos, e uma mãe, Katia, de 33 anos. A mãe está na sala, ensinando matemática para a filha, e o filho está no quarto assistindo Youtube.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo.

O filho se sente feliz, porque faz o que mais gosta de fazer, que é assistir no Youtube. Para ele, sentar e fazer lição é muito sofrido, muito difícil. A mãe se sente satisfeita, pois a filha está entendendo e aprendendo o que ela está explicando, está sendo muito produtivo. A filha se sente satisfeita com a atenção, porque a mãe dela sentou com ela para fazer alguma coisa juntas.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina assim, do jeito que está.

Título: “A rotina”

Estória do desenho posterior às oficinas:

São as mesmas pessoas do outro desenho. Aqui, a mãe está mais calma do que antes, e os filhos, o menino e a menina, estão juntos à mesa, fazendo lição na mesa, sendo instruídos pela mãe.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo.

A mãe se sente bem, pois conseguiu sentar-se com os dois filhos para fazer as lições que a escola online pediu. Os filhos se sentem satisfeitos com a satisfação da mãe, e com o reconhecimento dos professores com as melhoras que tiveram.

A pesquisadora pergunta como a estória termina.

Essa estória ainda não terminou. É a estória da minha vida... na próxima reunião, os filhos tiveram boas notas na reunião, e a mãe não teve mais reclamações dos professores sobre seus filhos, e nem ficou mais triste com isso. E fim.

Título: “Aula em casa”.

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas:

Observando os desenhos simultaneamente, a participante relatou “É... agora estão todos juntos fazendo alguma coisa... e eu não me lembrava o que tinha desenhado antes...”

A pesquisadora perguntou o que mais percebia entre os desenhos; respondeu “Estou colocando ordem nas coisas de outra maneira... ninguém faz só o que gosta, e isso faz parte da vida...” e relatou sobre a postura diferente que passou a ter com os filhos a partir das reflexões das oficinas: ensinando-os a cozinhar os pratos que eles gostam no final de semana; comprou tecidos e está fazendo costuras com a filha; está cobrando a leitura de um livro em voz alta do filho para ela ouvir enquanto cozinha e conversam sobre a leitura... relatou que está tentando ser flexível quando isso é possível, e que até comprou jogos de tabuleiro para jogar com o filhos nos finais de semana, já que não podem sair para passear por conta da pandemia.

A pesquisadora perguntou se percebia mais alguma coisa na comparação dos desenhos, e a participante respondeu que não. A pesquisadora pediu que observasse e descrevesse como estava a figura da mãe em cada desenho; ela respondeu: “aqui está sentada na mesa, só com a filha, e aqui está em pé, com os dois filhos... o que mais tem além disso?”; a pesquisadora apontou a mudança na postura e na representação das pessoas no desenho, de maneira especial a figura da mãe: antes pequena e sem detalhes, de costas para o filho, agora em pé e com detalhes pontuais (sorriso no rosto, detalhes no corpo, em pé próximo aos filhos, com a impressão de que está caminhando na direção deles), e que de certa forma, se relacionam com a postura diferente que ela relatou que percebe em si mesma no começo da reflexão quando olhou e comparou os desenhos... A participante respondeu que sim, fazia sentido. A pesquisadora acrescentou “Tenho a impressão de que a mãe cresceu e apareceu...” A participante arregalou os olhos e disse “Nossa, é isso mesmo. Eu apareci para meus filhos, não mais só nas cobranças de robozinho, mas como mãe, ora triste, ora satisfeita, mas mãe...” a pesquisadora pergunta como se sente ao dar-se conta de ser mais do que robozinho, e ela respondeu: “É muito bom... faço tudo que posso por eles, porque são meus filhos, o que tenho de mais precioso...” Fez uma pausa. Acrescentou “É uma pena que não teremos o último encontro... mas foi muito bom... tenho pensado muito sobre carinho e firmeza... firmeza eu já tenho... carinho, estou buscando mostrar...”

Encerramos o encontro com a sensação de que o reencontro será em breve...

Junto com esta participante, reitera-se a capacidade de estar *awareness* diante da vida, abrir-se ao desafio do encontro e do contato consigo mesma a partir do contato com o outro, para abrir-se às possibilidades de ressignificar a própria história e agir como

protagonista da própria vida diante do que é possível fazer no tempo presente... perceber-se capaz de mudar e fazer diferente no mundo interior, na vida e nas rotinas com os filhos, mesmo diante de limitações exteriores...

GRUPO 3

Grupo composto inicialmente por 05 pessoas, todas eram mulheres, duas delas com ensino médio completo (participantes I e L), uma com ensino superior incompleto (participante J), e duas com o ensino superior completo (participantes K e M); uma estava solteira após 3 casamentos que não deram certo (participante I), as outras eram casadas; todas trabalham: duas trabalham como comerciante (participantes I e L); uma trabalha como diretora de uma ONG (participante J); uma trabalha como microempresária de eventos infantis (participante K), e a outra trabalha como bancária, mas estava afastada por ansiedade (participante M). Antes do dia do 1º encontro, a participante “M” entrou em contato com a pesquisadora relatando que não poderia participar pois teve alta e deveria retornar ao trabalho. A pesquisadora encaixou outra pessoa no grupo (participante N): mulher, ensino superior completo, casada, trabalha como fisioterapeuta domiciliar. As participantes foram organizadas no grupo denominado “Grupo 3”. As participantes L e N não compareceram ao 1º encontro; a pesquisadora enviou mensagens, mas elas não responderam; seus dados coletados não foram incluídos na pesquisa, e o grupo ficou constituído por três participantes.

RELATO DAS OFICINAS

Grupo 3 – 1º Encontro (descrito na página 52)

As três participantes se entreolharam na recepção logo que chegaram; havia a sensação de tensão pairando no ar apesar de todas estarem usando máscaras de proteção individual. A pesquisadora convidou as participantes a entrar na sala onde as oficinas aconteceriam, e perguntou se elas já se conheciam; responderam que não. Depois a pesquisadora perguntou como se sentiam naquele momento, se alguma coisa estava incomodando, e a participante “J” perguntou se realmente era seguro fazer os encontros nesse momento da pandemia, pois sentia medo de ter COVID e morrer; a pesquisadora

acolheu o medo da participante e retomou os enquadres sobre os protocolos de prevenção necessários à pandemia por COVID19, sobre o início da flexibilização da restrição de contato com as devidas precauções, sobre os protocolos de higienização com os materiais pós-encontros, sobre as etapas da pesquisa, e reiterou que a participação nos encontros é livre e voluntária na medida em que a pessoa se percebe em condições de participar, e que qualquer uma poderia deixar de participar sem prejuízo nenhum a qualquer momento, considerando que cada pessoa faz o que está em seu alcance para evitar a disseminação da pandemia, porém existem variáveis que não estão em nosso alcance e não é possível prever onde ou quando ou mesmo se seremos infectados ou em que nível de gravidade... A pesquisadora informou que duas pessoas não compareceram, e que suas vagas no grupo não seriam repostas, o grupo seguiria com as três pessoas presentes neste encontro. Depois, perguntou como elas se sentiam com essas informações, e se alguém gostaria de desistir de participar das oficinas. A participante “J” agradeceu as informações, pediu desculpas pelo medo, e disse que há muito tempo não saía de casa para atividades em grupo, e que não queria ir embora; a pesquisadora e as outras participantes a acolheram, agradecendo pela sua companhia naquela tarde em meio a tantos desafios e desconfortos vividos nos últimos tempos. As participantes “I” e “K” disseram que se sentiam tranquilas com as informações, e que desejavam continuar também. Depois, a pesquisadora perguntou se poderia seguir para as atividades previstas para a oficina deste encontro, e as participantes concordaram.

Durante a apresentação inicial com a massinha de modelar, a participante “I” apresentou-se como um coração verde, pulsando intensidade e amor, e contou que escolheu a cor verde porque tem esperança de que a pandemia vai passar e ela poderá retomar a vida com os filhos, passeando na natureza e ao ar livre, pois gostam muito de fazer isso, mas por enquanto estão se resguardando em casa. A participante “K” se apresentou como um “M” da palavra “mãe”, pois gosta muito da maternidade, tem duas filhas e por isso escolheu a cor rosa, que é sua cor preferida. A participante “J” se apresentou como um sol amarelo e vibrante, que faz a diferença na vida das pessoas que estão perto dela, que aquece quem está perto e que brilha onde está. A pesquisadora agradeceu as apresentações compartilhadas, e destacando o significado que as participantes deram para as cores que escolheram (verde – esperança; rosa – preferida; amarelo – vibrante), solicitou que elas se descrevessem com esses significados: “eu, I, sou verde como a esperança”; “eu, J, sou amarela e vibrante”; “eu, K, sou rosa e preferida”. As participantes aceitaram,

sorriram, acharam uma proposta engraçada e diferente, depois a pesquisadora aproveitando a descontração do grupo, direcionou a conversa para o tema do encontro “Pais e Filhos, pandemia: dificuldades e possibilidades” e para a expressão das percepções das relações entre elas e os filhos com a massinha de modelar.

A participante “I” se descreveu como um relógio (círculo vermelho), que coordena tempo, horários, rotinas, sempre em casa, sem previsão para sair de casa, e que é difícil para os filhos e para ela ficar presos dessa maneira, pois antes passeavam muito, os filhos visitavam as casas dos pais com mais liberdade (relatou que tem 3 filhos, cada um de um relacionamento diferente, e durante a pandemia os filhos ficam 1 mês com ela, e um mês na casa dos pais)... se sente angustiada com a situação, mas acredita que em breve a pandemia vai passar e vai retomar a vida com os filhos...

A participante “K” se descreveu como uma árvore torta (fez a árvore em 3D, e com o peso da copa, a árvore entortava para os lados), que resiste às chuvas, quer dar frutos, passar segurança para as filhas, e sobreviver em meio à tempestade; para ela essas dificuldades são alfabetizar as filhas em casa sem ser preparada para isso, pois percebe as professoras das filhas tão perdidas quanto ela (mãe) com as atividades online...

A participante “J” descreveu que percebe as dificuldades como pedras e barreiras para tirar do caminho (modelou várias bolinhas de diferentes tamanhos), e assim ajudar seus filhos a se desenvolverem e crescerem, mesmo com as adversidades da pandemia... Relatou que sente medo, sente muito medo de faltar (morrer), e pensa sempre “e meus filhos, como vão ficar?” Relatou que seu esposo teve COVID em maio desse ano (2021), ficou 10 dias internado, e ela ficou só em casa com os três filhos, sempre dizendo “vamos enfrentar isso juntos... não temos como evitar, não vamos nos esconder... não tem como correr... não podemos extrapolar...” Relatou que foi um tempo muito difícil... e mesmo com o esposo agora em casa, ainda percebe sequelas nele... e junta as forças para não desanimar nem desamparar os filhos e nem o esposo... A pesquisadora acolheu a participante, agradecendo por compartilhar as pérolas de sua vida neste momento tão delicado, segurou forte em sua mão, e perguntou às outras participantes “Quem mais tem medo de alguma coisa?”

A participante “I” relatou que teve COVID, seu namorado e sua mãe também tiveram, sua mãe ficou internada na UTI, e ela (participante) pensava “se minha mãe morrer, eu vou seguir... mas e se eu morrer, o que será dos meus filhos? Qual a hora certa para morrer? E as

coisas que eu ainda quero fazer na vida?” A partir dessa preocupação, começou a trabalhar com os filhos, a conversar com eles sobre a morte, e sobre o que poderiam fazer se isso acontecesse a ela (mãe): que eles iriam morar com os pais deles, e que daria tudo certo, que eles não ficariam sozinhos, e mesmo que não se vissem com frequência como antes quando ela estava com eles, eles ainda seriam irmãos e que ainda teriam uns aos outros... A participante “K” perguntou quantos filhos ela tem; ela respondeu “tenho 3 filhos, de relacionamentos diferentes que não deram certo... a melhor coisa que tenho de cada relacionamento são meus filhos... amo muito cada um deles, e brigo por eles, defendendo eles de qualquer um que os queira mal...” A pesquisadora agradeceu a vida compartilhada e perguntou se mais alguém gostaria de compartilhar algo sobre o medo.

A participante “K” relatou que também tem medo de morrer, mas que não deixa o medo tomar conta e dominar sua vida; recorre a Deus, participa da Igreja, faz as orações com as filhas e o esposo, faz as restrições necessárias à pandemia, deixou de visitar e de receber visita dos familiares... e neste momento tem mais medo de que sua mãe de 89 anos morra, do que ela mesma morrer... pois não é fácil ficar órfã, e que nem consegue imaginar essa dificuldade na vida das filhas...

A pesquisadora conduziu para a conclusão desse encontro, solicitando que cada participante fechasse seus olhos para concentrar-se em si mesma, em suas percepções, respirasse fundo e expirasse devagar, e compartilhasse uma palavra ou uma frase que represente o que leva do encontro desse dia.

A participante “K” relatou que sua palavra era “tempo”, e que sua frase era “é tempo de dar valor ao que eu faço, resistindo às tempestades e às pedras”. A participante “J” relatou que sua palavra era “família”, e que sua frase era “o tempo vai passar, e minha família é meu ministério; é o que tenho de mais precioso para cuidar e investir”. A participante “I” relatou que sua palavra também era “tempo”, e que sua frase era “o tempo vai passar... as dificuldades e a restrição vão passar... vou resistir e ficar bem, pois tudo vai passar...” A pesquisadora finalizou agradecendo a participação de todas, e confirmando dia e horário do próximo encontro.

Observação: os presentes se envolveram tão profundamente com o encontro, que a pesquisadora até se esqueceu de registrar as produções... Além disso, conforme as participantes foram falando sobre o medo, foram desmanchando as produções e remodelando a massinha na forma inicial para guardar.

Grupo 3 – 2º Encontro (descrito na página 52)

Na 6ª feira que antecedeu esse encontro, a participante “J” entrou em contato por mensagem com a pesquisadora para contar que estava com COVID, e ficaria afastada por 15 dias do convívio com outras pessoas. A pesquisadora ligou para a participante, para saber como ela estava e quando surgiram os sintomas; a participante relatou que surgiram um dia antes (na 5ª feira) e ela já foi ao médico e tomou as providências necessárias, e que não havia o risco de ter contaminado ninguém no grupo, pois estava muito preocupada com isso. A pesquisadora se colocou à disposição para acompanhar o caso, e a participante agradeceu.

Na 2ª feira antes do segundo encontro, a pesquisadora retornou o contato para a participante “J”, e ela relatou que já estava melhor dos sintomas, e agradeceu a preocupação. Depois, a pesquisadora entrou em contato individualmente com as outras participantes, para saber sobre seus estados de saúde, informar sobre a situação de saúde da participante “J”, e questionar se gostariam de continuar com as oficinas ou não. As participantes relataram que como estavam bem, podia confirmar o encontro.

Neste segundo encontro, as participantes estavam mais descontraídas, perguntaram sobre a participante “J”, a pesquisadora informou que ela estava se recuperando bem. Durante a apresentação do aquecimento temático de olhos vendados e manuseio de objetos, a participante “I” exclamou “Nossa, precisa confiar mesmo...” A pesquisadora acolheu o comentário e tranquilizou a participante dizendo que nenhum objeto traria danos nem fazia mal às participantes, mas que se ela quisesse, poderia participar da atividade sem a venda nos olhos; a participante respondeu que não tinha problema, fazia a atividade vendada mesmo. Após o aquecimento, a pesquisadora perguntou qual a sensação delas. A participante “I” relatou que não prestou atenção ao que sentiu pois fez a atividade de maneira automática, como se estivesse hipnotizada. A participante “K” relatou que percebeu as sensações mais intensas por estar com os olhos vendados, um pouco desconfortável, mas deu para acompanhar e fazer o que foi proposto.

A pesquisadora conduziu a conversa para relacionar o aquecimento com o tema do encontro “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”, questionando: qual a relação do aquecimento temático com o tema deste encontro? Como cada uma se sentia em relação a isso? E convidou a expressar suas percepções utilizando palitos de sorvete e cola, para depois compartilhar com o grupo.

A participante “I” montou uma casa com os palitos de sorvete, mas não colou. Relatou que a família permaneceu unida, e com a necessidade de ficar somente em casa para conter a pandemia tentam tornar mais doce os dias e menos dolorosa a saudade dos familiares queridos. Refletiu sobre isso considerando a doçura das balas e a dureza dos palitos.

A participante “K” montou uma casa e uma escola com os palitos de sorvete, uma ao lado da outra, mas também não colou; dizendo que “a parceria entre família e escola é necessária, mas ficar online não é nada fácil, mas se é necessário, tento fazer o meu melhor pelas minhas filhas”. Além disso, a participante relatou que com as bolinhas do aquecimento tira o estresse, a bala tem um sabor doce, e os palitos são o recurso que tem para fazer o que é necessário; relacionou depois as bolinhas com brincar e interagir com as filhas; a doçura das balas com sabor doce da infância; e os palitos com as adaptações necessárias usando o que tem.

A pesquisadora questionou qual era a maior dificuldade percebida pelas participantes durante as atividades online e o ensino remoto dos filhos; elas relataram que não se percebem com o preparo técnico necessário para ajudar os filhos a aprender; a participante “I” relatou que percebeu os professores perdidos com o ensino remoto, e ela enquanto mãe teve que ajudar os filhos na compreensão das atividades e na execução delas. A participante “K” relatou que, mesmo com o apoio das professoras e com os cronogramas de estudos oferecidos pela escola, ela não tem preparação técnica para alfabetizar as filhas e que só não desistiu das atividades online porque paga muito caro pela escola particular. (Enquanto comentavam sobre as dificuldades, ambas as participantes desmontaram as composições que fizeram com os palitos para guardá-los, sem dar tempo para a pesquisadora solicitar para tirar a foto e registrar as produções... A pesquisadora se sentiu frustrada, mas não interrompeu a ação das participantes...)

Então a pesquisadora conduziu a conversa para o encerramento deste grupo solicitando que cada uma refletisse sobre sua experiência no encontro deste dia para compartilhar com uma palavra ou uma frase o que aprendeu com as atividades e reflexões deste dia. A participante “K” relatou que sua frase era “O que fazer com a confusa educação remota dos filhos”. A participante “I” relatou que sua frase era “Diante da situação nova, use as ferramentas que você já tem, procure melhorar sempre, e faça sempre o seu melhor. Acredite e confie nos bons resultados.” A pesquisadora concluiu o encontro agradecendo a

participação de todas, confirmando o dia e o horário do próximo encontro, e combinando que no próximo encontro fotografaria as produções no final.

Grupo 3 – 3º Encontro (descrito na página 54)

Nesse encontro, apenas a participante “K” compareceu. Até o horário de início do grupo, a participante “I” não entrou em contato; a pesquisadora enviou mensagem para a participante, que retornou a mensagem respondendo que não iria neste encontro pois estava doente e ainda não sabia se era COVID pois não tinha feito os testes. A pesquisadora comentou com a participante “K” sobre a situação, e perguntou à participante o que ela gostaria de fazer: adiar o encontro, ou realizar as atividades que seriam propostas sozinha. A participante escolheu ficar e fazer as atividades sozinha como se fosse “atendimento vip”. Então a pesquisadora direcionou para o aquecimento temático e as reflexões sobre o tema deste encontro.

Comentando sobre o aquecimento temático, a participante relatou que embora seja desconfortável estar com os olhos vendados, já não causa tanto desconforto como aquele que percebeu no primeiro encontro. Relatou que o amassar e desamassar a folha a levou a pensar sobre as idas e vindas que tem com as filhas no processo de fazer o que é certo e corrigir o que é errado, e se lembrou dos momentos em que faz as lições junto com as filhas e tem que corrigir algo que estava errado, e fazer isso não é fácil pois não quer magoar as filhas. A pesquisadora perguntou como é para ela lidar com as contrariedades das vontades ou percepções das filhas. Ela respondeu que é difícil lidar com a frustração das crianças ao mesmo tempo em que precisa lidar consigo mesma com a questão de não agradar a todos o tempo todo, e isso é muito difícil para ela pois sempre quer agradar, sempre espera o reconhecimento e o carinho dos outros.

A pesquisadora direcionou a conversa para o tema deste encontro “Pais e filhos: rotinas sobrecarregadas e reorganização” e para a expressão das reflexões e percepções utilizando os materiais disponíveis neste dia.

A participante desenhou e recortou vários bonecos de papel, fez uma dobradura de barquinho com a folha amassada no aquecimento, e colocou as pessoas dentro do barquinho. A pesquisadora solicitou que contasse uma estória com os elementos que criou; a participante relatou:

“Era Uma Vez um barco. Dentro dele estava a mãe, o pai, a filha um e a filha dois. Eles estavam navegando tranquilamente, quando veio uma tempestade. O barco balançava, balançava, ameaçava entrar água nele, estava difícil e complicado... Então a família pediu socorro para o quinto homem que sempre está no barco e nunca deixa ele naufragar pois sempre encontra a solução; este homem é Deus. No final deu tudo certo, e conseguiram chegar a um porto seguro.”

A pesquisadora pediu para a participante que se imaginasse como um dos elementos da estória. A participante escolheu ser o barco; disse que se percebia preparada para isso desde que confiasse e acreditasse que o barco não vai afundar pois Deus sempre estava no comando de sua vida. Depois refletiu um pouco, e perguntou se poderia mudar de elemento, (a pesquisadora disse que sim) e ela relatou que também se percebia como o mar que reage e segue em meio à tempestade seguindo o fluxo da vida e o fluxo da chuva.

A pesquisadora agradeceu pelas percepções compartilhadas e direcionou para a conclusão deste encontro deste dia pedindo para a participante que compartilhasse uma frase ou uma palavra representando suas aprendizagens. A participante relatou: *“tenho Deus sempre presente comigo no barco, ele nunca desampara quem procura sua ajuda. Saber isso me ajuda a não me desesperar com as dificuldades para conseguir seguir a vida”*. A pesquisadora pediu à participante que escolhesse duas palavras, uma representando a expectativa que trouxe para o encontro, e outra palavra que representasse o que ela levava. A participante respondeu *“as palavras que eu trouxe são “esperança curiosa” quando soube que faria o encontro sozinha; as palavras que eu levo é “aprendizado de ideias” que nem eu sabia que tinha”*. A pesquisadora agradeceu pela participação neste dia, disse que entraria em contato para confirmar a data do próximo encontro, fotografou a produção da participante e depois se despediram.

Figura 17 - Registro do 3º Encontro do Grupo 3.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante K – o mar, a dobradura do barco com as pessoas dentro.

Grupo 3 – 4º Encontro (descrito na página 56)

Na segunda-feira antes do dia agendado para este encontro, a pesquisadora entrou em contato telefônico com a participante “I” para saber sobre seu estado de saúde, e ela relatou que estava com começo de pneumonia e de repouso, e perguntou se o encontro poderia ser adiado por uma semana, para que ela também pudesse participar. A pesquisadora entrou em contato com a participante “K” para verificar a possibilidade de adiar o encontro, e esta respondeu que sim, que era possível adiar por uma semana, para concluir as oficinas junto com a outra participante.

Nesse último encontro, as participantes começaram comentando sobre os estados de saúde e a baixa imunidade que observavam nelas e nos filhos em meio a este tempo de pandemia. A pesquisadora aproveitou para inserir o tema do encontro mesmo antes do aquecimento, e conversaram sobre “Pais e filhos: nutrição de relações saudáveis” de corpo e mente. Depois, a pesquisadora conduziu para o aquecimento com a fantasia dirigida “Armadilha” e ao final do aquecimento solicitou que as participantes registrassem suas impressões com os materiais disponíveis.

A participante “I” relatou que não queria desenhar então escreveu suas percepções; primeiro sentiu paz durante o caminho, depois na armadilha sentiu medo, retomando o caminho sentiu convicção de continuar e alívio em chegar de volta ao lugar de onde saiu. A pesquisadora perguntou como era a armadilha onde ficou, e ela respondeu que não prestou muita atenção nos detalhes da armadilha, era como uma armadilha de caixa, e não precisou de muita força para sair, empurrou a caixa e ela abriu. A pesquisadora perguntou se havia mais algum detalhe da fantasia dirigida que a participante gostaria de compartilhar com o grupo, e ela respondeu que não.

A participante “K” relatou que estava tranquila durante a fantasia dirigida, durante o percurso de ida e de volta. Relatou que a sua armadilha era como um alçapão de índio que caiu em cima dela enquanto descansava embaixo da árvore, e que conseguiu sair usando um pedaço de madeira que estava junto com ela também dentro da armadilha como alavanca. Relatou que decidiu voltar pelo mesmo caminho e não continuou até o muro pois teve receio de novas armadilhas no caminho. Relatou que registrou a armadilha e parte do caminho com céu claro.

A pesquisadora questionou as participantes sobre qual relação percebiam entre a fantasia dirigida e o tema deste encontro. A participante “K” relatou que para ela a armadilha é semelhante aos sentimentos e emoções que ficaram intensos e descontrolados durante a pandemia e perguntou o que é possível fazer para ajudar o desenvolvimento dos filhos nesse aspecto emocional. A participante “I” comentou que esta pergunta era muito importante para ela, que esta pergunta era muito boa, ainda mais diante das incertezas da doença e da morte.

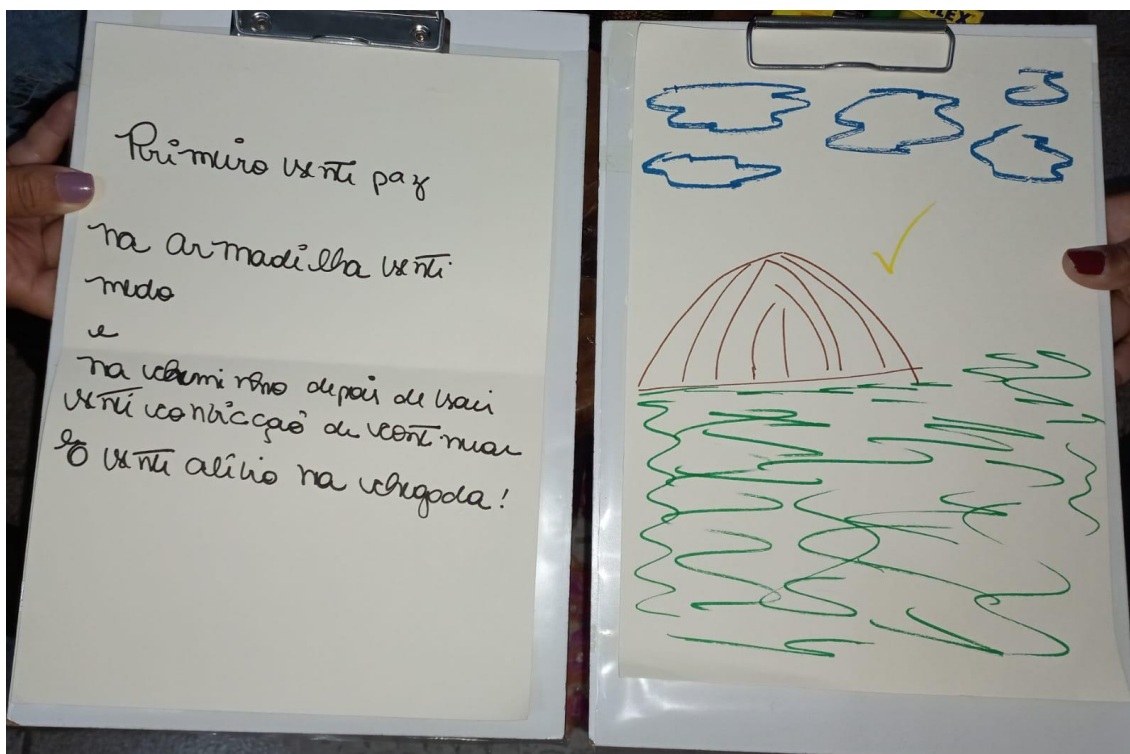
A pesquisadora retomou com as participantes o quão importante é o papel delas enquanto mães para direcionar e ordenar a vida dos filhos sendo uma referência para eles, um modelo de comportamentos e intervenções diante das incertezas do caminho, seja empurrando caixas ou usando alavancas para tirar as armadilhas e poder seguir, tanto diante das incertezas da pandemia, quanto nas incertezas das atividades escolares e do ensino remoto, além de todos os outros cuidados que elas enquanto mães oferecem aos filhos como cuidados com a alimentação, com a moradia, com o bem-estar da família. Apontou também sobre a importância de identificar e nomear as emoções e a partir desta identificação, pensar sobre o que é necessário fazer diante dos fatos; por exemplo: se percebo o medo intenso em relação à morte de um familiar, preciso pensar sobre a situação

e sobre a emoção intensa para poder intervir naquilo que está no meu alcance e acolher o que não depende de mim... Por exemplo, sobre a situação: este familiar realmente corre risco de vida? Posso fazer algo para ajudá-lo? Como posso demonstrar que me preocupo com ele? Sobre a emoção intensa: se percebo o medo, o que este medo quer proteger? Ou o que temo perder? (Esse exemplo foi escolhido com base nas situações apontadas nos encontros anteriores e neste.) A pesquisadora perguntou se fazia sentido pensar por este caminho, e as participantes responderam que sim, que fazia sentido e ajudava a pensar em alternativas para lidar com medo da morte.

Para concluir o encontro, a pesquisadora propôs o bazar de trocas, onde cada participante deveria refletir e escolher duas palavras, uma representando suas expectativas antes das oficinas e outra representando o que leva de aprendizado após as oficinas. A participante “K” relatou que antes sua expectativa era “cuidar das filhas”, e a palavra que leva das oficinas é “acreditar”, acreditar que vai dar conta de fazer o que é necessário, pois se sente capaz disso. A participante “I” relatou que não tinha nenhuma expectativa antes, só queria participar das oficinas, e que o que leva das oficinas é “sobreviver” com sua família fazendo o que é possível.

A pesquisadora agradeceu a presença e a participação de todas nas oficinas, recordando que entraria em contato nas próximas semana para agendar a última atividade individual com cada uma delas; registrou as produções deste encontro com a foto, e se despediram.

Figura 18 - Registro do 4º Encontro do Grupo 3



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante H – uma bolha para descansar; participante G – o caminho e a armadilha.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS GRUPAIS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

As tensões e imprevistos observados com este grupo ilustram algumas das dificuldades observadas também neste recorte de tempo pandêmico, onde as medidas de isolamento social começaram a ser flexibilizadas. Como aponta Robine (2003, p. 31) sobre o “campo da consciência” ou “campo da experiência”, “a consciência do modo como uma situação tem impacto sobre nós é também uma maneira de compreender melhor como fomos impactados por certas situações ao longo de nossa história”.

Alterações no trabalho online e presencial; desistência da participação; medo do contágio pela doença e medo da morte; desconforto no reencontro social; sensação de impotência e incapacidade; frustração; preocupação com a saúde; percepção da intensidade das emoções sem saber como lidar com elas; esperança de melhoras no futuro... Tudo observado e registrado pela oportunidade oferecida com a pesquisa de campo, que não tem como antever seus resultados. O relato destes percalços é oportuno, pois a vida sempre surpreende a cada instante, às vezes de maneira agradável, outras vezes de maneira

desconfortável... Ao mesmo tempo, dar-se conta destes percalços também permite “a superação de estruturas relacionais que já não são funcionais, sem negá-las enquanto matriz” (Tellegen, 1984, p. 46).

A cada instante algo novo percebido (contato), dentro de um campo composto por muitas partes sempre em relação (cada participante do grupo, a pesquisadora, o contexto da pandemia), delimitado por fronteiras (eu, não eu), para acolher os recursos individuais e “as formas de sofrimento e de adoecimento com que nos deparamos no cotidiano da clínica, discernindo as modalidades de cuidado e as possibilidades terapêuticas em Gestalt-terapia” (Cardella, 2014, pp. 110-111).

Neste grupo, desde o primeiro encontro, percebe-se com intensidade as sensações de tensão e desconforto ressoando. Mobilizar o contato consigo mesmo para dar-se conta das capacidades individuais de lidar com a realidade nova e assustadora do início da flexibilização do contato social, paralelo à realidade das possibilidades de contágio com a doença e o medo da morte, torna-se um desafio a cada encontro. As ressonâncias deste campo na individualidade de cada participante podem ser observadas na análise individual do Desenho-Estória.

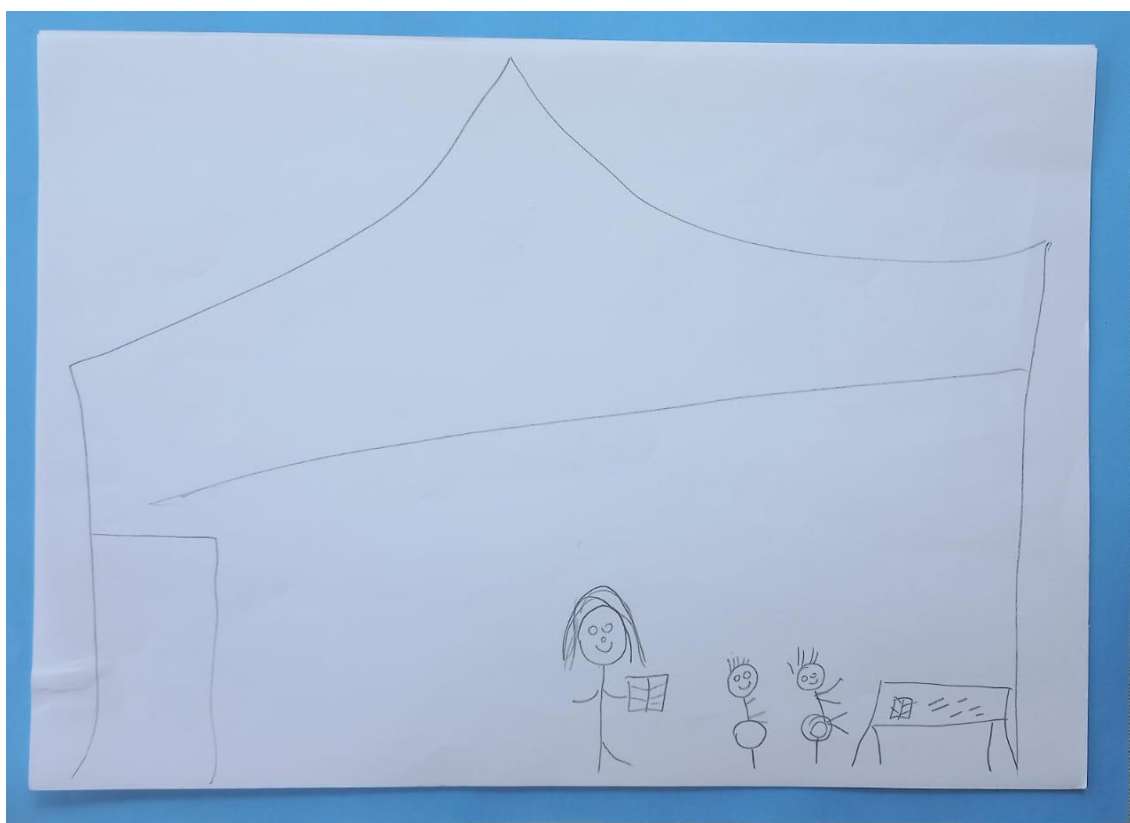
Para a pesquisadora-terapeuta, o desafio de estar presente no tempo e no espaço do grupo, disponível ao encontro com o outro e à mobilização dos processos individuais possíveis, sem omitir-se das percepções e ressonâncias deste campo de experiência em si mesma e no outro, constitui-se no desafio descrito por Cadella (2014, p. 113) “ajustar-se criativamente implica imprimir sua marca nos acontecimentos da vida, ‘personalizando-a’, tornando-a própria, . . . , presentificando-as na interação com o mundo.”

ANÁLISE INDIVIDUAL DO DESENHO-ESTÓRIA DAS PARTICIPANTES

Participante “I”: mulher, 35 anos, solteira depois de 3 relacionamentos que não deram certo (ela fez questão de se definir assim), comerciante, mãe de uma adolescente de 17 anos, um menino de 08 anos e outro menino de 06 anos. Mora em casa alugada só com os filhos, mas sua mãe mora na mesma rua e mantém contato frequente. Durante a pandemia, teve COVID mas não ficou hospitalizada; sua mãe também teve COVID em janeiro/ 2021 e passou 14 dias na UTI. A rotina da família foi alterada, e as principais dificuldades foram administrar as emoções e incertezas durante a internação da mãe.

Observação: A participante não compareceu aos agendamentos pós-oficinas. Desmarcou uma vez, dizendo que estava viajando; a pesquisadora remarcou mais duas vezes, mas a participante faltou sem justificar; não foi possível comparar para analisar suas produções. Porém os dados iniciais coletados foram incluídos na pesquisa, para ilustrar as percepções desta participante diante de sua própria vida.

Figura 19 - Desenhos-Estórias com tema antes das oficinas - Participante I.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "O fiasco do ensino em casa".

Estória do desenho anterior às oficinas:

São uma mãe e seus dois filhos, o mais velho de 08 anos e o mais novo de 06 anos (perto da mesa). Eles estão em casa. A mãe está tentando ensinar as lições para os dois... quando explica para um, o outro já está fazendo... ela tenta conciliar com os dois, mas tem muita dificuldade...

A pesquisadora pergunta quem tem muita dificuldade.

Todos eles têm muita dificuldade.

A pesquisadora pergunta como cada um está se sentindo com aquilo que está fazendo.

A mãe se sente sobrecarregada, impotente... até está pagando uma professora para ajudar o menor na alfabetização... O mais velho se sente entediado por ter que fazer lição em casa e não poder ir à escola... O mais novo se sente frustrado porque não entende as lições e não consegue aprender... E os dois filhos se comparam nas lições, mesmo sendo diferentes...

A pesquisadora pergunta como a estória termina.

A mãe “dá uns gritos” nos dois, porque eles começam a brincar e brigar, e um zoa o outro, e acaba atrapalhando... Um atrapalha o outro... e termina sem terminar as lições. Fim.

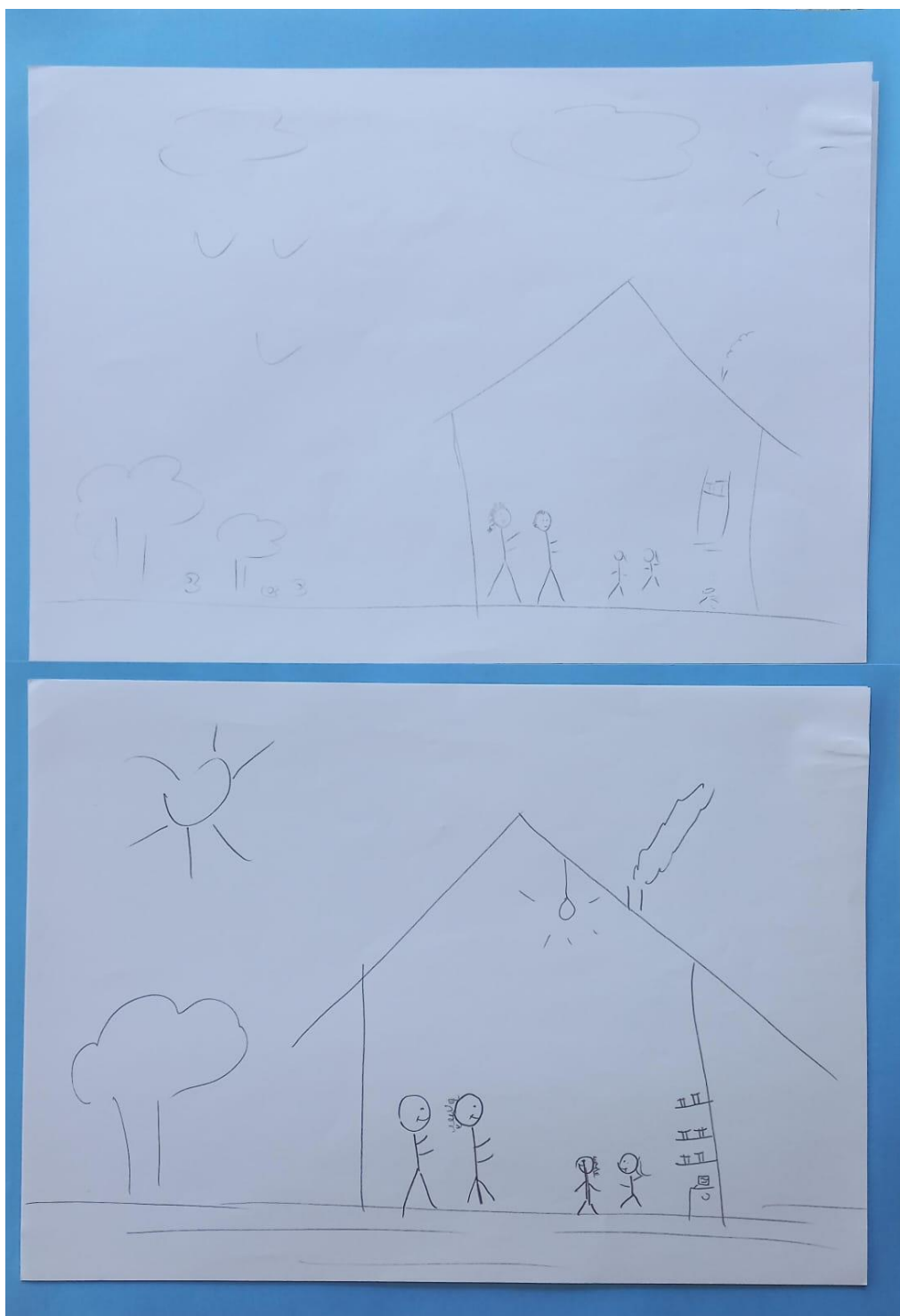
Título: “O fiasco do ensino em casa”

Participante “J”: mulher, 40 anos, casada, diretora de ONG, mãe de um menino de 09 anos e duas filhas gêmeas de 07 anos. Mora com o esposo e os filhos em imóvel alugado próximo ao seu trabalho; ela e o esposo trabalham juntos na direção e administração da ONG. O esposo teve COVID em maio/ 2021, ficou 10 dias internado, e a rotina da família foi alterada e abalada. A dificuldade maior que observou foi adaptar as rotinas escolares dos filhos com as rotinas de home office dela e do esposo.

Observação: A participante teve COVID19 na semana após o 1º encontro, e interrompeu a sua participação na pesquisa. A pesquisadora entrou em contato nas semanas seguintes para monitorar seu estado de saúde e sua recuperação, que aconteceram sem intercorrências. Além disso, a pesquisadora ofereceu vaga para participar em outro grupo, que aconteceu no mês seguinte, mas a participante respondeu que ficaria para outra oportunidade. Seus dados coletados não foram incluídos na pesquisa.

Participante “K”: mulher, 41 anos, casada, microempreendedora de eventos infantis, mãe de duas filhas. Mora com o esposo e as filhas em casa própria. Com a pandemia, enfrentou dificuldades no trabalho, restrição na rotina da família, sem atividades externas de lazer e sem visitar familiares; com dificuldade de acompanhar as atividades remotas das filhas.

Figura 20 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante K.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: (não tem título);

Título do desenho depois das oficinas: "Aprendendo em família".

Estória do desenho anterior às oficinas:

Somos eu e meu esposo, ensinando nossas filhas em casa. Todas as manhãs, sentamos junto, ensinamos sobre Deus, fazemos nossas orações juntos, ensinamos sobre nossa fé.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo.

A mãe sente grande a responsabilidade de educar e ensinar. O pai sente que sua responsabilidade é grande, e se sente feliz por realizar. A filha mais velha tem 10 anos e gosta, pergunta, questiona sobretudo. A filha mais nova tem 06 anos e gosta, tem certa impaciência, quer participar também, quer falar também.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina com as filhas absorvendo o que é valido, e no futuro aproveitando e levando para a vida, fazendo boas escolhas no futuro.

A pesquisadora pergunta qual o título para o desenho e a estória.

Título: não tem título não... pode ficar sem título? não sei que título dar...

Estória do desenho posterior às oficinas:

É uma família, é a minha família. Eu e meu esposo, e nossas duas filhas. Eu e meu esposo estamos ensinando sobre história para as meninas Maria e Melissa.

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo.

As filhas se sentem bem, gostam, sempre perguntam, e se sentem à vontade para perguntar muitas coisas. Os pais sentem que é uma grande responsabilidade ensinar, e são cautelosos com o que falam, com o que ensinam.

A pesquisadora pergunta como a estória termina.

As filhas aprendem e guardam no coração delas o que os pais ensinam, para usar quando for necessário. Os pais guardam no coração a atenção das filhas quando estão juntos.

A pesquisadora pergunta qual o título para o desenho e a estória.

Título: "Aprendendo em família".

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas:

Observando os desenhos simultaneamente, a participante relatou “Nossa... fiz tudo igual ao de antes... nem lembrava direito o que tinha feito...” A pesquisadora pede que observe e compare novamente os desenhos, para encontrar alguma diferença; a participante relata que não vê diferenças, pois são as mesmas pessoas, a mesma casa, o mesmo lugar... A pesquisadora direciona o olhar da participante perguntando: como está o traçado no 1º desenho? (bem leve, quase imperceptível); como está o traçado no 2º desenho? (firme) Onde está o sol em cada desenho? (no 1º desenho está no final, parece um dia nublado, no 2º desenho está no começo, parece começo do dia, e tem a luz acesa também); qual o tamanho da casa em cada desenho? (menor no 1º, maior no 2º); como está o semblante das pessoas em cada desenho? (no 1º, semblante leve e impessoal, as filhas não se expressam; no 2º, semblante direcionado, e as filhas se expressam); o que é o detalhe atrás das filhas? Como esse detalhe está em cada desenho? (uma estante com livros no quarto delas, que quase não aparece no 1º desenho)... A participante se espanta com a percepção das sutis diferenças entre os desenhos.

A partir dessas comparações, a pesquisadora pergunta qual relação a participante percebe entre os desenhos e a própria vida. A participante relata que tem um alto nível de exigência consigo mesma e com os outros, inclusive com sua família, e que muitas vezes a sutileza das mudanças passam despercebidas... Faz um instante de reflexão e silêncio... A pesquisadora pergunta como é perceber a sutileza das mudanças em si mesma, e ela responde, surpresa: “Não sei te responder... me dei conta delas agora...” Faz outro instante de silêncio e reflexão consigo mesma.

A pesquisadora pergunta se gostaria de comentar mais alguma coisa, de repente o que absorveu seus pensamentos nestes momentos de reflexão. A participante respondeu que foi muito bom vir participar das oficinas nas tardes de terça-feira; se permitiu fazer algo por si mesma enquanto pessoa, como mãe preocupada com as filhas, mas também como pessoa que precisa aprender a lidar com o novo da pandemia e suas consequências e assim ajudar sua família, e que precisa digerir essa descoberta das sutilezas que passam despercebidas... Fez outro instante de silêncio e reflexão. A pesquisadora agradeceu sua disponibilidade e encerramos o encontro.

Participante “L”: mulher, 44 anos, casada, comerciante, mãe de 03 filhos adultos, e um menino de 09 anos adotado desde os 06 meses de vida. Mora com o esposo e o filho

adotivo em casa própria. A participante e o esposo tiveram COVID em março/ 2021, com sintomas leves e sem hospitalização, mas os filhos não tiveram. As dificuldades enfrentadas em meio à pandemia foram a ociosidade em casa, sem o convívio social com os familiares que antes era intenso.

Observação: a participante não compareceu ao 1º encontro das oficinas. A pesquisadora tentou contato por ligações telefônicas depois da oficina para saber o que aconteceu ou mesmo se poderia ajudar em alguma coisa, mas a participante não atendeu nem retornou as ligações. Seus dados coletados foram excluídos da pesquisa.

Participante “M”: mulher, 44 anos, casada, bancária afastada por ansiedade, mãe de duas meninas. Mora com o esposo e as filhas em apartamento alugado. A participante e o esposo tiveram COVID em dezembro/ 2020, com sintomas leves e sem hospitalização. As dificuldades enfrentadas em meio à pandemia foram administrar o tempo para si mesma, para o trabalho de home office, para o suporte das aulas online das meninas, para o estresse e a tensão do dia a dia... tanto que foi afastada por ansiedade em maio/ 2021.

Observação: uma semana antes da data agendada para o início das oficinas com esse grupo, a participante entrou em contato com a pesquisadora e informou que teve alta do afastamento médico, e que não conseguiu trocar o horário de trabalho para participar das oficinas. A pesquisadora perguntou se havia interesse em participar de outro grupo, em outro horário, e a participante respondeu que iria deixar para outro momento. Seus dados coletados foram excluídos da pesquisa.

Participante “N”: mulher, 37 anos, casada, fisioterapeuta domiciliar, mãe de duas meninas. Mora com o esposo e as filhas em casa alugada. O esposo teve COVID em abril/ 2020, com sintomas leves e sem hospitalização, porém com sequelas até o momento. As dificuldades enfrentadas em meio à pandemia foram as restrições de contato social com os familiares (pais e sogros) para evitar o contágio, e auxiliar as filhas com as aulas e atividades online.

Observação: a participante não compareceu ao 1º encontro das oficinas. A pesquisadora entrou em contato por ligação telefônica depois da oficina para saber o que aconteceu ou mesmo se poderia ajudar em alguma coisa. A participante relatou que teve uma alteração de última hora na sua agenda de trabalho que coincidiu com o horário das

oficinas e não conseguiu avisar que não poderia participar mais. Seus dados coletados foram excluídos da pesquisa.

GRUPO 4

Grupo composto inicialmente por 05 pessoas, todas eram mulheres, três delas com ensino médio completo (P, Q e R), e duas com o ensino superior completo (O e S); uma divorciada (O), e as outras eram casadas; todas trabalham: três trabalham como comerciante autônoma (P, Q e R); uma trabalha como administradora de empresa (O); uma trabalha como professora (S). As participantes foram organizadas no grupo denominado “Grupo 4”.

Aconteceram intercorrências anteriores ao início deste grupo. A participante “O” entrou em contato na semana que antecedeu o início das oficinas, informando que estava com COVID pela segunda vez e que não poderia participar neste momento; a pesquisadora agradeceu sua disponibilidade. A participante “Q” entrou em contato com a pesquisadora relatando que era parente da participante “R”, e que não estava à vontade para participar junto no mesmo grupo com ela, pois estava com receio de que comentários sobre situações familiares viessem à tona no grupo e ambas ficassem desconfortáveis; a pesquisadora acolheu sua angústia e perguntou o que “Q” gostaria de fazer; ela respondeu que não participaria do grupo neste momento para que a familiar pudesse aproveitar melhor, e se houvesse outra oportunidade no futuro, participaria depois. A pesquisadora acolheu e agradeceu sua disponibilidade e sua disposição. A participante “S” não compareceu ao 1º encontro; a pesquisadora enviou mensagens, mas ela não respondeu; seus dados foram excluídos da pesquisa. O grupo ficou composto por duas participantes.

RELATO DAS OFICINAS – Grupo 4

Grupo 4 – 1º Encontro (descrito na página 52)

As duas participantes que compareceram demonstraram um olhar tranquilo enquanto esperavam na recepção. A pesquisadora iniciou o grupo informando o enquadre sobre as etapas da pesquisa, sobre os protocolos de higienização com os materiais pós-encontro, e sobre o contexto da pandemia em que estamos vivendo durante a participação

na pesquisa onde há o início da flexibilização da restrição no contato social com as devidas precauções para conter o avanço da pandemia. A pesquisadora perguntou para as participantes se havia alguma dúvida ou se gostariam de fazer algum comentário, e ambas responderam que não. A participante “R” relatou que sua cunhada se inscreveu para a pesquisa, mas teve um contratempo no trabalho e por isso não iria participar (participante “Q”). A pesquisadora agradeceu por informar, e comentou que outras 2 participantes não puderam comparecer (O e S), então o grupo seria composto pelos presentes neste encontro.

A pesquisadora deu início às atividades de aquecimento temático para este encontro. Durante a apresentação inicial, a participante “P” se descreveu como uma flor delicada, mas com espinhos, que estava murcha e precisava ser regada para florescer de novo. A participante “R” se descreveu como um conjunto de bolinhas, todas juntinhas, como se estivessem de mãos dadas formando uma pulseira, pois enfrenta várias dificuldades com os filhos e tenta manter a família unida sempre. A pesquisadora agradeceu os comentários das participantes, e direcionou a conversa para o tema do encontro “Pais e Filhos, pandemia: dificuldades e possibilidades”, solicitando que as participantes expressassem suas percepções das relações entre elas e os filhos com a massinha de modelar.

A participante “R” se descreveu como um círculo vermelho ou roxo (ficou na dúvida sobre a cor da massinha, pois misturou duas delas), sente-se dando voltas e voltas sem sair do lugar na pandemia, unindo-se em casa com os mais próximos e se afastando deles também, pois ficaram muito tempo todos juntos e os conflitos ficaram mais visíveis; percebia que de tanto dar voltas e voltas e voltas não chegava em lugar nenhum como se estivesse presa e parada na pandemia. Relatou também que teve COVID em maio/ 2020 e depois disso a vida não voltou mais ao normal; perdeu a percepção de gostos e cheiros, e sente raiva e tristeza com estas sequelas que perduram até o momento. Seus olhos se encheram de lágrimas, e relatou que sempre gostava de cozinhar e de comer, porém desde então tudo perdeu o sabor, e a vida também perdeu o sabor... e continua dando voltas e voltas, sem sair do lugar... A pesquisadora acolheu a participante, segurou firme suas mãos agradecendo por compartilhar sua história com o grupo.

A participante “P” relatou que na sua casa percebe cada um no seu quadrado; os filhos, o marido, eles parecem juntos, mas não estão; ela tenta alcançar todos e mantê-los por perto como num abraço circular pedindo para Deus cuidar de tudo, e que é muito difícil lidar com esses quadrados independentes. Era assim antes da pandemia, e piorou com a

pandemia, os trabalhos e faculdade online dos filhos maiores, e as atividades escolares do filho menor. A pesquisadora agradeceu por compartilhar suas percepções com o grupo.

A pesquisadora propôs a seguinte reflexão: em meio a bolinhas, círculos e quadrados, como integrar as percepções e as diferenças no convívio familiar neste momento em que estamos vivendo? O que está no nosso alcance fazer apesar das restrições necessárias? A participante “R” respondeu prontamente “O que não posso fazer é PARAR... melhor dar voltas do que ficar parado... se eu parar, acho que vou deprimir mais...” E a participante “P” entrou no embalo e comentou em seguida “E eu vou amassar tudo de novo e recomeçar...” (e fez isso com os quadradinhos e com as ligações que modelou entre eles), e foi imitada pela outra participante, e todas as presentes sorriram com a situação. A pesquisadora comentou que gostaria de ter fotografado as produções para deixar registrado, e prontamente as duas participantes remodelaram e disseram “então tira foto agora!” e sorriram de novo...

A pesquisadora pediu que fechassem os olhos e repetisse a resposta que deu para a pergunta “O que está no meu alcance fazer apesar das restrições necessárias?”, e que levasse essa resposta como algo pessoal desse encontro para ajudar a viver a vida nos próximos dias, até o próximo encontro. A participante “R” perguntou se poderia levar a resposta da colega também, levar as duas respostas, e as massinhas de modelar, para ajudá-la na nova semana, pois sentiu-se bem fazendo isso. A pesquisadora respondeu “Claro que pode! As massinhas são de uso individual, para vocês levarem e usarem como quiser!” e confirmou com cada uma “Qual resposta você leva do encontro de hoje?” “O que eu não posso fazer é PARAR.”; “Vou amassar tudo de novo e recomeçar.” A pesquisadora finalizou agradecendo a participação de todas, e confirmando dia e horário do próximo encontro.

Figura 21 - Registro do 1º Encontro do Grupo 4



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante R – um círculo; participante P – cada um no seu quadrado e ela conectando.

Grupo 4 – 2º Encontro (descrito na página 52)

Neste encontro, as participantes conversavam espontaneamente sobre suas semanas e suas famílias enquanto aguardavam o início da oficina na recepção. A pesquisadora iniciou a apresentação do aquecimento temático, e a participante “R” relatou que ficou preocupada sobre o uso da venda nos olhos pois tem medo do escuro (mesmo com o encontro acontecendo no período da manhã). A pesquisadora a acolheu, informando que nenhum dos objetos que seriam oferecidos causaria nenhum dano para as participantes, porém, se ela quisesse, poderia participar da atividade sem a venda nos olhos, e ela escolheu participar sem a venda, mas fechando os olhos por si mesma; a pesquisadora estendeu a opção para a outra participante e ela recusou, disse que não tinha problema e que usaria a venda como desafio para si mesma. Durante o aquecimento, a pesquisadora percebeu que a participante “R” estava com o corpo todo tremendo, inclusive as mãos, enquanto os objetos eram

trocados, e tentou acolhê-la conversando sobre as sensações e percepções, ao mesmo tempo em que conduzia a atividade com a outra participante. Quando terminou o aquecimento e a pesquisadora pediu que compartilhassem sua experiência pessoal no grupo, a participante “P” relatou que ficava imaginando o que estava acontecendo e que ela não estava vendo, mas estava ouvindo; perguntou para “R” se ela estava bem, pois ouviu a pesquisadora conversando com ela o tempo todo. “R” respondeu com os olhos marejados de lágrimas que conseguiu participar do aquecimento, mas em alguns momentos abria os olhos e espiava o que estava em suas mãos pois percebia seu coração acelerar e o desconforto físico intenso, mesmo com a presença e a fala da pesquisadora ao seu lado... A pesquisadora acolheu sua experiência e perguntou como se sentia “aqui-agora” no final do aquecimento; e ela respondeu que sentia que venceu o desafio do jeito dela, pois não saiu correndo da sala embora tivesse vontade durante a atividade. A pesquisadora acolheu e agradeceu sua coragem de participar da atividade até o fim, e perguntou para “P” como fora sua experiência com o aquecimento; ela respondeu que, além de tentar imaginar o que acontecia e ela não via, percebeu-se ansiosa todas as vezes que os objetos seriam trocados, pois não imaginava o que viria depois; gostou da sensação de segurar a bala e tentou descobrir o sabor sem ver pois teve que se esforçar em se concentrar em si mesma e não no que acontecia na sala, e que em sua família também acontece isso às vezes, de ter que se esforçar para ficar no seu cantinho, enquanto os filhos estudam e trabalham online com discussões normais que eles precisam resolver, e que isso para ela não é fácil.

A pesquisadora conduziu a conversa para relacionar o aquecimento com o tema do encontro “Pais e Filhos em meio à pandemia: Ensino remoto e atividades escolares”, questionando: qual a relação do aquecimento temático com o tema deste encontro? Como cada uma se sentia em relação a isso? E convidou a expressar suas percepções utilizando palitos de sorvete e cola, para depois compartilhar com o grupo.

A participante “R” fez uma caixa sem fundo; disse que precisava de mais palitos para terminar e a pesquisadora entregou mais palitos; relatou que não sabia o que fazer com os palitos e pensou na caixa pois pode levar para casa para colocar coisas pequenas e não perdê-las... desculpou-se por não entender direito o que era para fazer, e até pensou em desistir, mas se esforçou em superar essa barreira e terminar a caixa... relacionou o fazer a caixa com buscar o equilíbrio em si mesma, administrar sua ansiedade, para depois ajudar os filhos nas atividades escolares, principalmente o filho mais novo que tem muita dificuldade

de aprender... todas as presente acolheram e agradeceram por sua vida compartilhada naquele momento, e ela sorriu.

A participante “P” fez um boneco *smile* sorrindo; relatou que teve muito esforço para quebrar os palitos e modelar o boneco, mas estava satisfeita com o trabalho final; relacionou com o processo de educar seus filhos, tanto os mais velhos que são adultos quanto o mais novo, pois várias vezes tem que quebrar a dureza da teimosia deles para direcionar no que é necessário fazer e não apenas no que é agradável... relatou que teve muita dificuldade para ajudar o filho mais novo com as atividades escolares no começo da pandemia, pois ele só queria fazer o que lhe convinha e não queria fazer o que parecia difícil, e ela teve que pegar no pé dele e ficar em cima para ele cumprir com as atividades escolares, e isso não era fácil, pois também tinha que administrar suas rotinas e tarefas tanto de casa quanto do trabalho... fez uma pausa no seu relato e suspirou. A pesquisadora agradeceu por compartilhar sua vida com o grupo.

Diante dos relatos, a pesquisadora propôs o bazar de trocas para concluir o encontro deste dia; solicitou que cada participante escolhesse duas palavras para compartilhar com o grupo, uma que representasse o que trouxe para o grupo e outra representando o que leva do encontro. A participante “P” relatou que trouxe “frustração” diante do que viveu no ano passado com o ensino remoto do filho, e leva “contorno”, pois aquilo que aparentemente é rígido pode ser quebrado para contornar outra coisa, e outro jeito. A participante “R” relatou que trouxe incertezas diante da vida, mas leva compartilhamento e contorno para superar estas incertezas. A pesquisadora concluiu agradecendo pela participação de todas, pela vida compartilhada, confirmou o dia e o horário do próximo encontro, e fotografou as produções.

Figura 22 - Registro do 2º Encontro do Grupo 4



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante R – um círculo; participante P – cada um no seu quadrado e ela conectando.

Grupo 4 – 3º Encontro (descrito na página 54)

As participantes chegaram alguns minutos antes do horário agendado para o início da oficina e conversavam animadamente na recepção enquanto aguardavam. A pesquisadora as convidou para entrar na sala onde a oficina aconteceria, e apontou que percebeu a conversa animada. A participante “R” relatou que era muito bom poder conversar com outras pessoas sem ser de sua família depois de tanto tempo no isolamento social por conta dos cuidados com a pandemia.

A pesquisadora direcionou para o aquecimento temático e as reflexões do encontro. A participante “R” comentou que gostaria de tentar realizar o aquecimento temático com a venda nos olhos, mas se percebesse que não conseguiria ir até o fim com ela perguntou se poderia retirá-la; a pesquisadora concordou e apoiou sua escolha.

Depois do aquecimento, a participante “P” relatou o quão difícil foi executar a atividade de amassar e desamassar a folha conforme ouvia as situações, pois trabalha com

artesanato e sentiu dó de estragar a folha; tinha a sensação de estragar algo bom sem usar direito e pensou que para reutilizar depois seria muito difícil. A participante “R” comentou que se preocupou mais imaginando as situações apontadas que esquecia o que fazer com a folha, e percebe que às vezes isso acontece nas situações com seus filhos, fica espantada com os acontecimentos e não consegue direcioná-los ou mesmo corrigi-los quando erram, depois se sente muito mal.

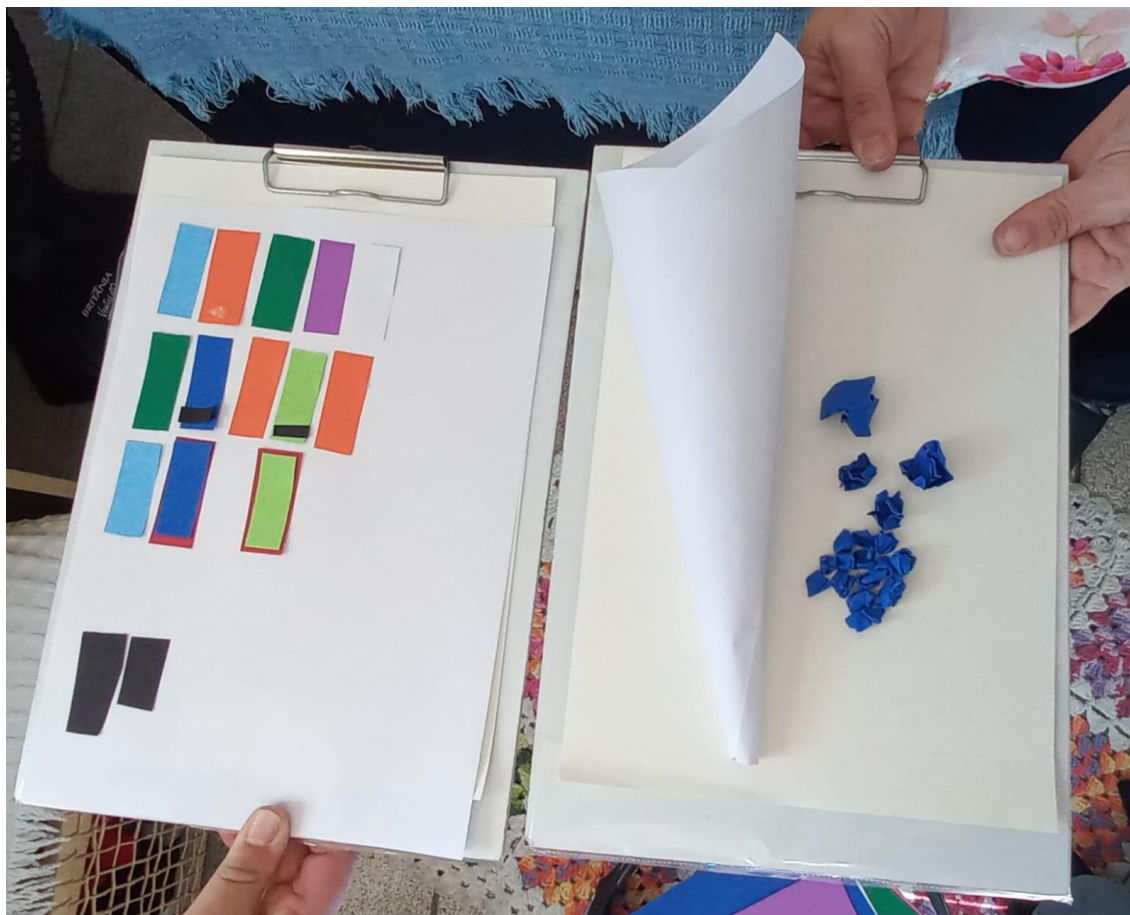
A pesquisadora direcionou a conversa para o tema deste encontro “Pais e filhos: rotinas sobrecarregadas e reorganização”, e para a expressão sobre as reflexões e percepções utilizando os materiais disponíveis neste dia.

A participante “R” fez um funil enrolando a folha do aquecimento, e cortou e enrolou vários pedaços de outro papel para passar pelo funil. Relatou que os pedaços de papel enrolados eram as situações com os estudos dos filhos e com a própria vida que precisavam de seleção para fluir, pois não dá conta de fazer tudo de uma vez; sente um mal-estar quando as coisas não dão certo, e percebe que precisa evitar o mal-estar pois nem sempre o que não deu certo é por culpa sua.

A participante “P” recortou alguns pedaços de papel de cores diferentes e organizou como se fossem uma lista de situações diferentes na vida que precisava reorganizar para dar conta de ajudar o filho nas atividades escolares; sobrepôs algumas cores e disse que às vezes precisa mudar o roteiro para reordenar as prioridades considerando que sabe que tem que fazer, mas às vezes não pode resolver agora, naquela hora.

A pesquisadora agradeceu pelas percepções compartilhadas e direcionou para a conclusão do encontro deste dia, pedindo para que compartilhassem uma palavra representando suas aprendizagens nesse encontro. A participante “R” escolheu a palavra “perseverança” pois percebeu a possibilidade de criar, quebrar e recomeçar sempre que uma coisa não der certo para poder melhorar, e a participante “P” escolheu a frase “reorganizar sempre” pois precisa ser maleável para ajudar o filho e para dar conta das demandas de sua vida. A pesquisadora agradeceu novamente a presença e a participação no encontro, fotografou as produções, e se despediram.

Figura 23 - Registro do 3º Encontro do Grupo 4.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante P – lista, participante R – funil e papeis picados

Grupo 4 – 4º Encontro (descrito na página 56)

Neste último encontro as participantes combinaram de chegar alguns minutos antes do horário para colocar a conversa em dia sobre a vida nas últimas semanas; nos encontros anteriores isso aconteceu de maneira ocasional. A pesquisadora aproveitou e iniciou conversando sobre o tema do dia “Pais e filhos: nutrição de relações saudáveis” antes do aquecimento, sugerindo que cada participante compartilhasse com o grupo suas percepções sobre as relações familiares nesse período de pandemia.

A participante “P” comentou que está sendo um período de intensa convivência entre as pessoas da família, estão exercitando ouvir - falar - compreender uns aos outros, e muitas vezes parece um reality show, com as emoções muito intensas, e o confinamento obrigatório... Comentou que percebe que as dificuldades escolares do filho mais novo, que

são situações corriqueiras, viram, ou melhor, ganham grandes proporções por conta do confinamento e da falta que ele sente dos amigos da escola.

A participante “R” comentou que com seus filhos percebe que estão confinados, com as emoções afloradas, todos na casa ficam estressados, e surgem questões de saúde ou melhor preocupações com a saúde, com o medo do contágio da doença de novo, em reincidências... Percebe que está tudo bagunçado, sem horários para acordar, dormir, ou para as refeições... seus filhos jogam muito tempo online e muitas vezes se recusam a sair de casa para ajudar a fazer algo necessário para ficar jogando, como por exemplo ir ao mercado fazer compras. “Parece mesmo um big Brother, essa foi uma boa definição.”

A pesquisadora aproveitou e conduziu para o aquecimento com a fantasia dirigida “Armadilha”, solicitando no final do aquecimento que registrassem suas impressões com os materiais disponíveis.

A participante “R” comentou que se imaginou no interior, deitada em um gramado, com um rio correndo ao lado, no meio da natureza. Teve a ideia de ir para casa, para terminar a construção que estão fazendo. Durante o caminho, percebeu que estava muito cansada, o caminho estava claro, de dia. Quando parou para descansar, a armadilha que percebeu era que estava presa, amarrada, gritava, mas o som não saía; tentou se acalmar até que conseguiu soltar os braços e soltar as pernas de tanto se mexer e mexer e remexer; decidiu voltar pelo mesmo caminho por onde foi, não caminhou até o muro e na volta chegou em sua casa e se deitou na rede, e despertou no consultório.

A participante “P” comentou que se imaginou na praia num lindo dia com muito sol, de onde avistava um morro composto por muitas pedras. Pensou “vou até lá para pular das pedras no mar”, porém faltou coragem quando viu o mar aberto... Juntou as forças para voltar para a praia quando avistou uma cachoeira de lá de cima; decidiu ir até a cachoeira e se deitar na pedra quentinha pelo sol ao lado do frescor das águas para descansar. Quando acordou, estava cercada de água por todos os lados; a armadilha foi a água; encontrou a ponta de um cipó pairando em cima da cachoeira, então pulou para alcançá-lo e decidiu voltar para a praia pelo mesmo caminho por onde veio, não caminhou até o muro, pois estava muito cansada.

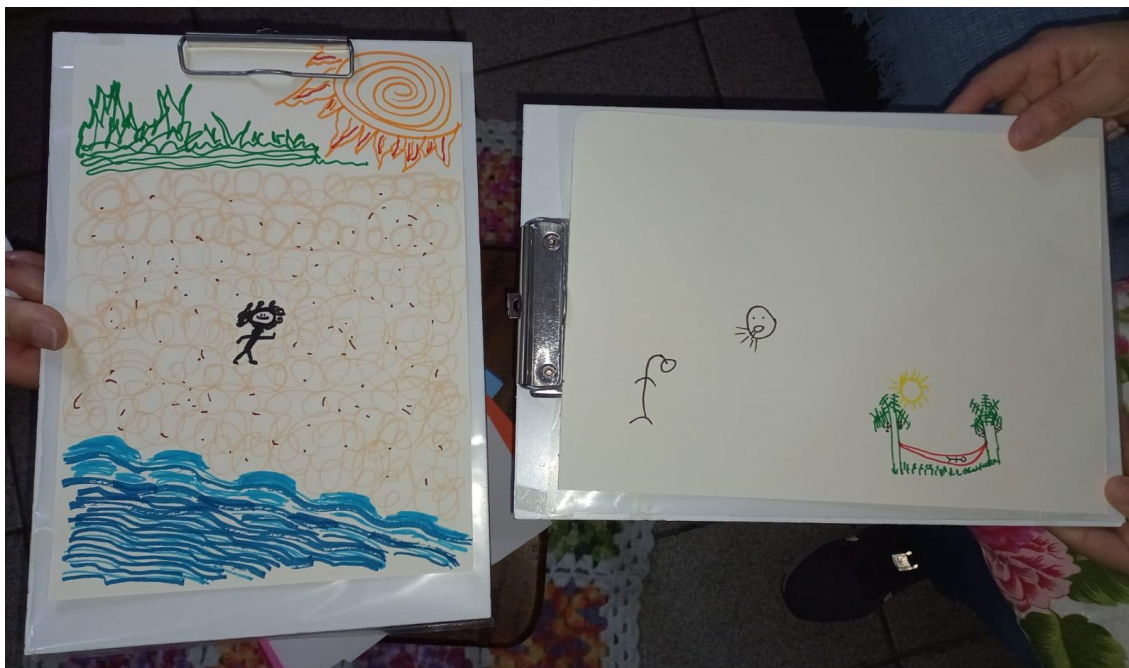
A pesquisadora agradeceu as percepções compartilhadas com o grupo e perguntou qual relação percebiam entre a fantasia dirigida e o tema deste encontro. A participante “P” comentou que percebeu que precisa definir e delimitar o que é responsabilidade dos pais e

o que é responsabilidade dos filhos, mesmo que talvez eles não se importem, mas ela precisa fazer isso para não se sobrecarregar e assim poder aproveitar o lazer e o espaço ao sol da areia quentinha. A participante “R” relatou que percebeu a importância de buscar a conversa, buscar o diálogo em meio às dificuldades para colocar ordem no que está bagunçado, e assim compartilhar as dificuldades do dia a dia para cada um no seu movimento, no seu esforço de se acalmar e se soltar para continuar a vida, fazer sua parte, e não ela continuar soltando todo mundo que ainda quer ficar preso...

Para concluir, a pesquisadora pediu que refletissem e escolhessem, dentre as experiências com os materiais e encontros realizados, qual foi a que mais marcou na sua interioridade, na sua individualidade, para compartilhar com o grupo. A participante “R” comentou que foi o primeiro encontro onde usamos a massinha, pois percebeu que precisa se modelar para encontrar a solução, em contato e movimento, para deixar um modelo como mãe para seus filhos. A participante “P” escolheu esse encontro, relatou que “Nesse encontro eu me senti mais eu mesma, individualmente, cuidando de mim ao invés de só cuidar dos outros, e isso foi muito importante para mim”.

A pesquisadora agradeceu a presença e a participação de todas nas oficinas, fotografou as produções deste encontro, e recordou que entraria em contato nas próximas semana para agendar a última atividade individual com cada uma das participantes. Despediram-se.

Figura 24 - Registro do 4º Encontro do Grupo 4.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Legenda das representações: participante P – uma praia; participante R – a gritaria e a rede.

ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PROCESSOS GRUPAIS À LUZ DA GESTALT-TERAPIA

Um grupo em movimento, em que surge a oportunidade de observar que “o todo é mais do que a soma entre as partes”. Cada aspecto da vida compartilhado nos comentários das atividades ressoa no interior de cada participante, tanto em quem comenta quanto em quem ouve; e estas ressonâncias se integram e mobilizam o processo de mudança pessoal a partir do contato com o novo e das percepções e diferenciações na fronteira de contato.

Observa-se entre as participantes deste grupo que a busca individual por um lugar de acolhimento e escuta mobiliza a identificação e o entrosamento, numa relação de codependência e corresponsabilidade para estabelecer vínculos, formando uma rede de apoio (Boris, 2013; Ciornai, 2016), a ponto de combinarem antecipar o horário do encontro para compartilhar a vida além da proposta das oficinas.

O espaço das oficinas mobilizou angústias e ansiedades no contato com o novo oferecido a cada encontro, ao mesmo tempo em que também ofereceu um lugar para repousar, refletir e ampliar as percepções diante da vida, do não-saber, das incertezas, dos contornos e limites, das frustrações, da necessidade de separar para fluir perseverando,

listar para reorganizar e seguir reorganizando, no movimento constante de diálogo e conversa, delimitando responsabilidades para não mais se sobrecarregar; onde cada participante é convidada a, responsável por si mesma e por suas escolhas, estabelecer novas relações consigo mesma, com os outros e com o ambiente (PHG, 1997, p. 42), “tornando-se capaz de escolher e/ ou organizar a própria experiência de modo significativo” (Norgren, 2004, p.20). Quanto à pesquisadora-terapeuta, cabe o papel de guardiã e facilitadora neste processo como um todo (Tellegen, 1984, p.121).

ANÁLISE INDIVIDUAL DO DESENHO-ESTÓRIA DAS PARTICIPANTES

Participante “O”: mulher, 42 anos, casada, administradora de empresa, mãe de um menino com 09 anos e outro menino com 04 anos. Mora com o esposo e os filhos em casa própria, no mesmo quintal que alguns parentes. Durante a pandemia, o esposo ficou desempregado; ela teve COVID em janeiro/2021, mas não ficou hospitalizada porém percebeu que descompensou e deprimiu por não poder abraçar seus filhos como antes; outros familiares que moram no mesmo quintal não tiveram COVID. A principal dificuldade que percebeu durante a pandemia foi lidar com as emoções e com as mudanças de comportamento necessárias à tentativa de minimizar o contágio da doença, pois ela e sua família gostam do contato e da convivência com os familiares (avós e tios), e tiveram que interromper essa proximidade.

Observação: A participante entrou em contato com a pesquisadora na semana que antecedeu o início das oficinas, informando que estava com COVID pela segunda vez e que não poderia participar das oficinas neste momento; a pesquisadora agradeceu sua disponibilidade. Seus dados coletados foram excluídos da pesquisa.

Participante “P”: mulher, 47 anos, casada, comerciante e artesã, mãe de um casal de jovens (22 e 18 anos) e um menino de 09 anos. Mora com o esposo e os filhos em imóvel próprio. Nenhum familiar teve COVID até o momento da participação na pesquisa. A maior dificuldade que observou durante a pandemia foi adaptar as rotinas escolares do filho mais novo com as rotinas de home office do restante da família.

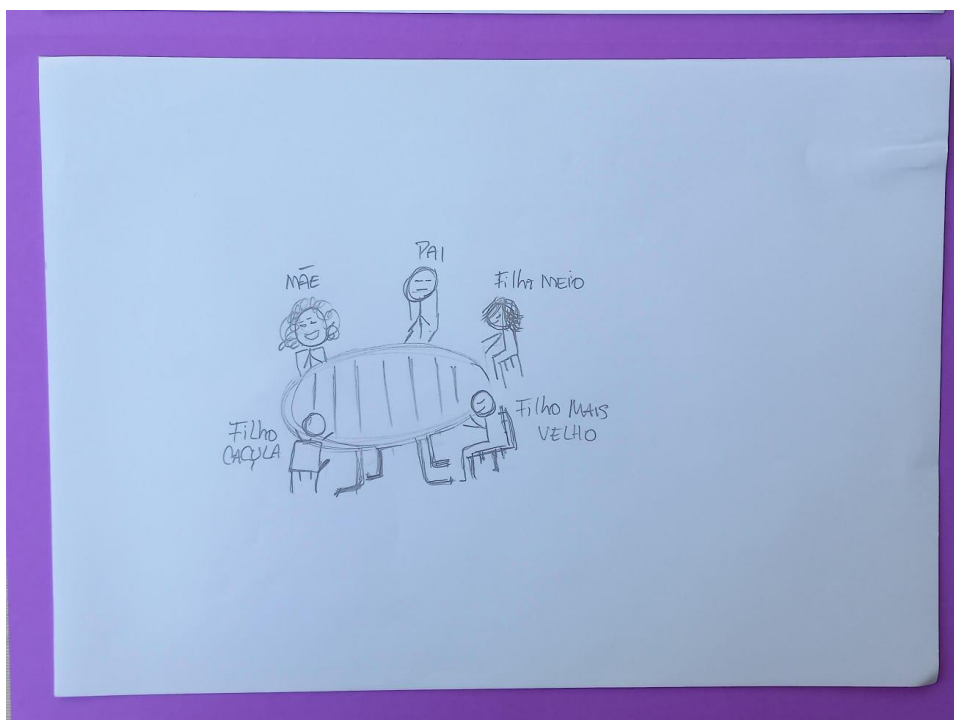
Figura 25 - Desenhos-estórias com tema antes das oficinas - Participante P.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "Refeição em família"

Figura 26 - Desenhos-estórias com tema depois das oficinas - Participante P.



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Título do desenho após as oficinas: "Reunião de Família"

Estória do desenho anterior às oficinas: *São o pai (figura perto do balãozinho), o filho mais velho, a filha do meio, o filho caçula, e eu mãe. Estamos reunidos como família, no horário da refeição, era a janta, e como a mesa é redonda, teve a possibilidade de a conversa fluir em volta da mesa.*

A pesquisadora pergunta quem está ensinando e quem está aprendendo.

O pai está ensinando, conversando, e os outros estão ouvindo atentos o que o pai está ensinando sobre valores morais para a vida.

A pesquisadora pergunta como cada um se sente com aquilo que está fazendo.

O pai se sente desconfortável, mas sabe que isso é o certo a fazer. O filho mais velho sente bem, pois era isso que ele gostaria de ouvir sempre do pai dele. A filha do meio se sente questionada se isso é relevante ou não. O filho caçula e a mãe só ouvem.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina assim mesmo.

Título: “Refeição em família”

Estória do desenho posterior às oficinas:

É a minha família. Sou eu a mãe, o pai, a filha do meio, o filho mais velho e o filho caçula. O caçula está de costas para nós que olhamos o desenho, por isso não vemos o rosto dele. Estamos na cozinha da minha casa, num momento de refeição... é o almoço. Estamos conversando sobre como resolver algumas situações.

A pesquisadora pergunta quem está ensinando e quem está aprendendo.

Eu estou ensinando, e me sinto satisfeita. Quem está aprendendo são os filhos; o pai ainda está vivendo no ditado: “pau que nasce torto more torto... não adianta ensinar...”

A pesquisadora pergunta como cada um se sente com aquilo que está fazendo.

Eu me sinto satisfeita porque ensino a verdade.

Os filhos se sentem debatendo no pensamento deles, questionando no pensamento deles o ponto de vista deles... Eles perguntam “mas será que vale a pena?” e a gente conversa sobre isso.

O pai se sente indiferente, e vai continuar do mesmo jeito...

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina com a gente vai tentar de novo alinhar e melhorar o que precisa ser melhorado; todos se esforçam.

Título: “Reunião de família”

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas:

Observando os desenhos simultaneamente com a participante, a pesquisadora pergunta o que ela percebe de diferente. Ela responde que percebe que é a mesma família, sentada no mesmo local, porém numa visão ampliada com mais detalhes, onde diferencia cada pessoa da família com as características físicas como os cabelos, o rosto, percebe os detalhes da mesa e das cadeiras...

Depois a participante relatou que refletiu muito após as oficinas sobre como percebe seus filhos, as dificuldades de cada um, e o que está no alcance dela como mãe fazer para ajudá-los a se desenvolver, sem assumir a responsabilidade que é deles por eles mesmos, e sem desistir de orientá-los e cobrá-los no que precisam ser responsáveis e dar conta. A participante comentou sobre os conflitos que tem com os filhos maiores, que trabalham e

estudam e tem dificuldade em cumprir os combinados com responsabilidade, tanto em casa quanto no trabalho e na faculdade, e que estas dificuldades ficaram mais visíveis durante o período da pandemia. Relatou também que se preocupa com a educação e a aprendizagem do filho mais novo, para não ter com ele as mesmas dificuldades que tem com os filhos mais velhos.

A pesquisadora perguntou o que ajudou nesta ampliação da percepção dos filhos. A participante respondeu que, com as oficinas, se deu conta de que precisa se esforçar para alcançar as mudanças que deseja ver na própria vida e na vida dos filhos. Às vezes as situações pedem para quebrar palitos, ou melhor quebrar padrões rígidos, outras vezes a situação exige reordenar a rotina e para ela isso não é fácil, pois muitas vezes reage de maneira automática e quando percebe já gritou ou já brigou, sem deixar claro os motivos do que é certo e da cobrança no que estava errado.

A pesquisadora pergunta se gostaria de acrescentar mais algum comentário. A participante agradece a oportunidade de participar das oficinas, e de repensar a própria vida. Despedem-se e encerram o encontro.

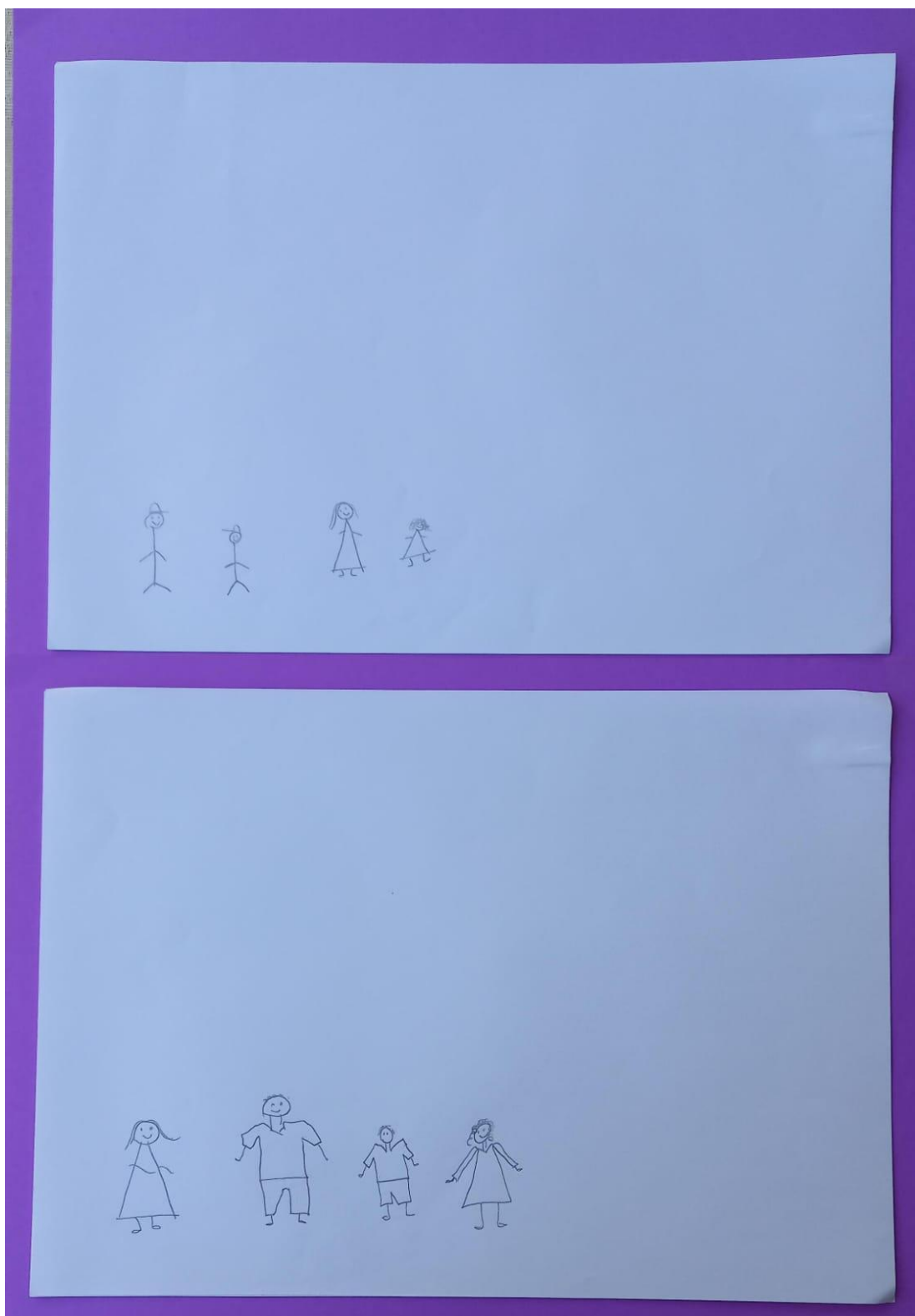
Participante “Q”: mulher, 39 anos, casada, comerciante, mãe de uma adolescente de 17 anos e um menino de 09 anos. Mora com o esposo e os filhos em casa alugada. Com a pandemia, enfrentou dificuldades no trabalho pois trabalha com vendas; dificuldade de acompanhar as atividades remotas dos filhos por falta de internet e de equipamentos adequados; sua mãe teve COVID e ficou 20 dias internada, e depois disso, a família se isolou ainda mais por medo do contágio e da morte pela doença.

Observação: quando a pesquisadora enviou msg com a data e horário do início do próximo grupo, a participante retornou com ligação telefônica relatando que era parente da participante “R”, e que não estava à vontade para participar junto no mesmo grupo com ela, pois estava com receio de que comentários sobre situações familiares viessem à tona no grupo e ambas ficassem desconfortáveis. A participante relatou para a pesquisadora que sua parente tem depressão há muitos anos, e se sente comparada e pressionada pelos familiares em relação ao tratamento, e por isso não estava confortável para participar no mesmo grupo. A participante relatou que descobriu que estavam no mesmo grupo pois estavam conversando no quintal quando ambas receberam a mensagem com a data de início e por

isso considerou melhor não participar neste momento. Seus dados coletados não foram incluídos na pesquisa.

Participante “R”: mulher, 38 anos, casada, comerciante autônoma, mãe de uma filha adolescente e um menino de 09 anos. Mora com o esposo e os filhos em casa própria. A participante, o esposo e a filha tiveram COVID em maio/ 2020, com sintomas leves e sem hospitalização, porém até o momento ela tem sequelas: perdeu o olfato e o paladar, e perdeu também a alegria de viver pois gostava muito de cozinhar e de comer. As maiores dificuldades que enfrentou na pandemia além da perda do olfato e do paladar, é administrar os conflitos entre os filhos, que disputam tudo em casa: a atenção dos pais, os equipamentos eletrônicos para as aulas online, o lugar de sentar-se à mesa para as refeições etc.

Figura 27 - Desenhos-Estórias com tema antes e depois das oficinas - Participante R.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Título do desenho antes das oficinas: "Um dia em família";

Título do desenho após as oficinas: "Juntos venceremos".

Estória do desenho anterior às oficinas:

É um pai, um filho, uma mãe, e uma filha.

O pai estava colocando blocos, levantando uma parede, e o filho mais novo queria aprender também. O pai explicou como mexer a massa, e o filho colocou o bloco no lugar do jeitinho que o pai explicou final

A pesquisadora pergunta como cada pessoa se sente com aquilo que está fazendo.

O pai se sente feliz, dando muitas risadas.

O filho se sente feliz, orgulhoso, e quer levantar a parede toda sozinho.

A mãe se sente nervosa e cansada, pois tem que ficar tirando e colocando a massa, refazendo o trabalho do filho, pois não ficou bom.

A filha se sente brava e nervosa, pois queria que terminasse logo para fazer outra coisa depois.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Terminou bem, porque o filho ficou um pouco nervoso pois queria fazer tudo sozinho o que ele aprendeu. Mas no final deu tudo certo.

A pesquisadora pergunta qual o título para o desenho e a estória.

Título: "Um dia em família"

Estória do desenho posterior às oficinas: *É a mesma família, é a minha família. Sou eu a mãe, meu marido, o filho mais novo, e a filha mais velha.*

Estamos em casa mesmo, e eu estou passando para eles o que eu aprendi: que o diálogo é a maneira de resolver as coisas, aprendi que os materiais e mesmo a madeira podem ser moldadas. E que a gente como família pode estar resolvendo os nossos problemas com as conversas e não mais com brigas e gritos. Eu me sinto mais leve.

A pesquisadora pergunta como cada um está se sentindo com o que está fazendo.

Os 3 estão aprendendo. São meio cabeças-duras, mas vão aprendendo. Eles se sentem perdidos, não aceitam muito bem por serem meio cabeça duras, por estar cada um no seu mundo, por ser difícil mudar... mas acredito que com a mudança de um, os outros também vão mudando, e a carga pesada vai ser compartilhada e quando você compartilha, a sua carga fica mais leve.

A pesquisadora pergunta como termina essa estória.

Termina melhor do que começou; cada um com um pouquinho de sua carga, então o convívio da família será melhor cada dia.

Título: “Junto venceremos”.

Compreensão fenomenológica junto com a participante, comparando os desenhos no encontro posterior às oficinas:

A pesquisadora pergunta o que a participante percebe de diferente olhando os desenhos simultaneamente. Ela responde que percebe que é a mesma família, a sua família. A pesquisadora pergunta se percebe mais alguma mudança ou diferença entre eles, e ela responde que não.

Então a pesquisadora questiona: onde a mãe está em cada desenho, é o mesmo lugar? (Não). Onde o pai está em cada desenho, é o mesmo lugar? (Também não, e os filhos também não...) o que cada pessoa está fazendo em cada desenho são as mesmas coisas? (Também não... também mudou...) e a partir destes questionamentos, conversam sobre as percepções da participante que também estão modificadas: antes se descreveu sobrecarregada consertando o que estava errado, agora está ensinando outra maneira de lidar com as situações que a sobrecarregam e se sente mais leve.

A pesquisadora perguntou se fazia sentido pensar por este caminho, e a participante, com os olhos lacrimejando, respondeu que sim... Ela relatou que desde que teve COVID luta todos os dias para fazer as coisas mais simples, e que não é fácil além de cuidar de seu trabalho, dar suporte para seus filhos executarem as tarefas escolares e cobrar deles que estudem; relatou que passou com o psiquiatra, tem depressão, está em tratamento, toma remédios e conseguiu retomar um pouco de ânimo participando das oficinas, mesmo com as dificuldades que enfrentou para cumprir as atividades.

A pesquisadora agradeceu a participante pela coragem de participar do desafio das oficinas e pela generosidade em compartilhar sua história, seu sofrimento, e sua luta diária para enfrentar as adversidades da vida. Encerraram o encontro e se despediram.

Participante “S”: mulher, 37 anos, divorciada, professora, mãe de uma menina de 07 anos. Mora com a filha em casa própria, no mesmo quintal que o ex-marido. A dificuldade que percebeu em meio à pandemia foi que o excesso de tempo juntos deixou todos mais

estressados com a convivência. Além disso, percebeu a filha mais dependente em algumas situações em que ela já tinha autonomia para fazer sozinha, como por exemplo as atividades escolares.

Observação: a participante não compareceu ao primeiro encontro. A pesquisadora enviou mensagem e tentou contato telefônico, mas a participante não respondeu. Seus dados coletados foram excluídos da pesquisa.

2.5.4. DISCUSSÃO

A hipótese que orientou a pesquisa que deu origem a essa dissertação é, considerando a importância da influência da família para o desenvolvimento humano, uma proposta de intervenção em grupo para pais e mães pode se constituir como uma ferramenta de suporte para aqueles que cuidam de crianças e adolescentes em meio a tempos pandêmicos, apesar das incertezas que envolvem esse momento na história da humanidade. Mais especificamente, buscou-se avaliar através do procedimento de Desenhos-Estórias e da compreensão fenomenológica realizada junto com cada participante individualmente e a pesquisadora, se a participação nas oficinas criativas propostas em grupo colabora ou não para a qualidade das relações parentais individuais, considerando os desenhos como ferramentas para a compreensão da pessoa e das relações que estabelece consigo, com os outros, e com o meio (Trinca, 2013, p. 13; Tardivo, 2013, p. 343).

Com os temas levantados previamente para intervenção através das oficinas criativas realizadas de acordo com a abordagem gestáltica com grupos (Ciornai, 2016), buscou-se despertar em cada participante um fluxo de percepções e movimento de energia diante da própria vida (Tellegen, 1984, p. 114) mesmo no contexto da pandemia, através da ampliação das análises pessoais e individuais no “campo da experiência” ou “campo da consciência” sobre o impacto da situação sobre nós e ao longo de nossa vida (Robine, 2003, p. 31), possibilitando o resgate da relação amorosa entre mães e seus filhos apesar das incertezas que ainda pairam sobre a humanidade nestes tempos.

Foram organizados quatro grupos, em dias e horários diferentes, e cada participante escolheu na entrevista inicial qual grupo de acordo com sua disponibilidade de horário. O trabalho com estes grupos, considerando as relações interpessoais entre seus membros

incluindo a terapeuta-pesquisadora como parte do sistema (Tellegen, 1984, p. 73), possibilitou a compreensão dos eventos no grupo de maneira fenomenológica e transversal, onde “as técnicas expressivas inserem-se como instrumentos auxiliares destinados à compreensão do cliente” (Ancona-Lopez, 2013, p. 163), e em alguns casos explicitando o resgate individual através do suporte grupal como observado: com a participante “E” no grupo 1, com as participantes “G” e “H” no grupo 2, com a participante “J” no primeiro encontro do grupo 3, e com a participante “R” no grupo 4. Ao observar e considerar estes resultados recortados do contexto dos grupos e do contexto da compreensão fenomenológica com as participantes, encontra-se a uma resposta positiva para a pergunta da pesquisa, confirmando a hipótese que mobilizou este trabalho: oferecer suporte em grupo para pais e cuidadores de crianças colabora para a qualidade das relações parentais mesmo em tempos de pandemia e incertezas.

Analisar os processos grupais à luz dos fundamentos teóricos da Gestalt-terapia possibilita confirmar novamente os aspectos positivos do trabalho com grupos já conhecidos e divulgados por exemplo por Alessandrini (1996), Boris (2014), Cardoso (2009), Cavanellas e Barbosa (2020), Ciornai (2016), Pimentel (2016), além de ilustrar a interrelação das áreas da psicologia, da psicopedagogia e da pedagogia na proposta de intervenção para pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes dentro do recorte do espaço-tempo da pandemia, com os ajustamentos criativos necessários à superação dos desafios deste tempo. As interações que acontecem em cada grupo são únicas mesmo trabalhando com temas e recursos expressivos selecionados previamente, pois as relações entre as participantes de cada grupo se configuram de maneira única (Zinker, 1997/ 2007); o que não exclui a possibilidade de observar similaridades e singularidades entre eles.

Uma questão semelhante com a preocupação do término das oficinas desencadeou desconforto e angústia entre as participantes nos grupos 1 e 2, mas nos grupos 3 e 4 essa questão não surgiu. Tal situação pode ser compreendida dentro do contexto de identificação estabelecida entre as participantes em cada grupo considerando as singularidades de cada configuração. Uma hipótese para o não-surgimento desta questão no grupo 4, foi o ajustamento criativo das participantes de combinarem entre si para chegar antes do horário marcado para o início das oficinas, e assim poder conversar livremente e compartilhar sobre a vida e seus desafios. A questão verbalizada pelas participantes dos grupos 1 e 2 foi acolhida e trabalhada pela pesquisadora durante as oficinas em que ocorreram, e uma

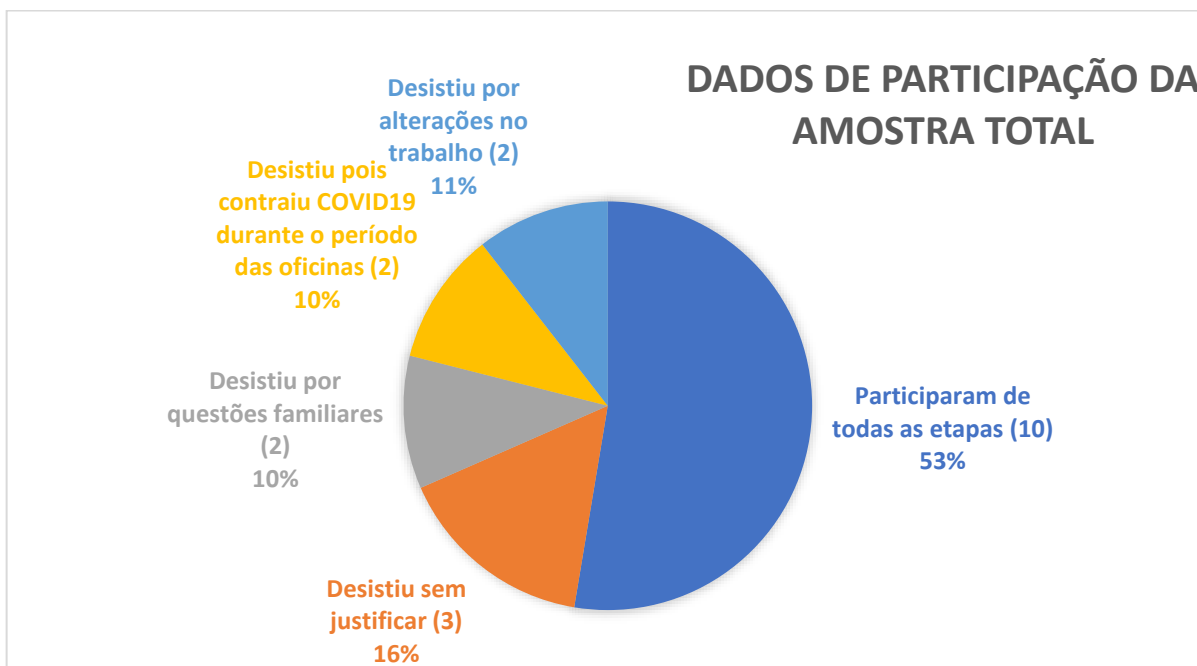
sugestão de ajustamento criativo foi proposta pela pesquisadora acrescentando-se mais um encontro com um intervalo de quinze dias após o encontro da 4ª oficina. Com o grupo 1 a proposta aconteceu com a presença de três das participantes do grupo, mas com o grupo 2 não aconteceu em vista dos percalços da pandemia. Essa situação levantou a hipótese de que talvez fosse necessário rever a quantidade de encontros propostos para todos os grupos.

O grupo 3 necessita um olhar singular para sua compreensão, pois favoreceu a oportunidade de observar as ressonâncias das tensões e imprevistos dos tempos pandêmicos nos processos grupal e individual simultaneamente. Cada encontro configurou-se de maneira peculiar, seja pela alteração da quantidade de participantes ao longo do processo, seja pela ressonância da percepção de medo iminente e eminente, seja pela sensação de impotência e incapacidade de lidar com a intensidade das emoções e dos percalços da vida, desafiando o grupo e a terapeuta-pesquisadora à superação relacional de imprevistos, trabalhando com as relações e os conflitos em nível atual e manifesto a cada momento. Um “campo de experiência” fértil para todos no processo (inclusive a terapeuta-pesquisadora) atualizar e ressignificar a capacidade de lidar com o inesperado, resgatando a “capacidade de confiar nos encontros como fonte de aprendizado, experiência e conhecimento” (Cavanellas e Barbosa, 2020, p. 923).

Comparando as similaridades observadas nos processos grupais em uma perspectiva sistêmica conforme proposto por Boris (2013) e Ciornai (2016), concluiu-se que as participantes criaram um padrão de relação na forma de estar juntas; buscam uma relação de identidade com as outras participantes; percebem-se capazes de influenciar e de serem influenciadas; buscam uma relação de diferenciação entre si e o outro, favorecendo a percepção de ressonâncias, identificações, diferenciações, construção de vínculos e a formação de uma rede de apoio grupal que intensifica o processo de estar em contato consigo mesma, com os outros e com o meio, de maneira mais consciente e responsável por si mesma e suas escolhas. Estes resultados também confirmam a hipótese de melhoria na qualidade das relações parentais a partir da intervenção com as oficinas criativas, pois como afirma Fernandes (2010, p. 183) “a interferência em um dos elementos do sistema provoca uma reorganização do sistema como um todo”, pois o todo é mais do que a soma de suas partes (Elídio, 2012, citado por D’Acri et al, 2012).

Além da análise dos processos grupais, é necessário tecer também uma análise sobre a compreensão fenomenológica realizada individualmente após a reaplicação do procedimento Desenhos-Estórias com as participantes da pesquisa. Dezenove pessoas se voluntariaram para a pesquisa e foram organizadas em quatro grupos, de acordo com a disponibilidade individual de horário para participar da pesquisa. Todas eram mulheres, porém apenas nove delas concluíram sua participação em todas as etapas, e uma concluiu parcialmente. Analisando os casos excluídos da amostra, duas participantes desistiram após a participação no primeiro encontro das oficinas e sete participantes não compareceram a nenhum encontro das oficinas. Sobre as justificativas para a desistência, três participantes desistiram sem justificar-se; duas desistiram por questões familiares; duas desistiram pois tiveram COVID durante o período das oficinas; e duas desistiram por alteração nos horários de trabalho. A figura 28 ilustra a incidência destes dados na amostra total.

Figura 28 - Dados de participação da amostra total.



Fonte: a pesquisadora.

Através dos dados coletados durante a compreensão fenomenológica individual na comparação dos próprios desenhos, obteve-se os seguintes resultados: sobre as mudanças perceptíveis nos desenhos, três participantes perceberam mudanças nos desenhos sozinhas (participantes A, B e P); e seis participantes perceberam mudanças nos desenhos junto com a pesquisadora (participantes C, D, G, H, K e R). Tais resultados sinalizam a importância do manejo fenomenológico-existencial da pesquisadora enquanto guardiã do processo individual para a compreensão diagnóstica de cada participante, ao mesmo tempo em que “ilumina o que se mostra obscuro” (Ancona-Lopez, 2013, p. 164).

Em todas as análises comparativas individuais observou-se a reordenação das posições das pessoas representadas nas relações familiares, e a ampliação das percepções destas relações no tempo e no espaço, saindo de uma perspectiva linear para uma perspectiva circular/ sistêmica. Além disso, cinco participantes (C, H, K, P e R) relataram a mudança na percepção de si mesma, e a partir desta mudança, a mobilização de seus recursos internos em direção ao processo de estar *awareness*, ou seja, estar mais consciente de si mesma e, atualizar as percepções que tem sobre as suas relações, sobre os membros de sua família e sobre as possibilidades de comunicação, diálogo e mudança diante das situações que incomodam. Esses resultados confirmam a eficácia na utilidade dos desenhos como ferramentas subjetivas para investigação e compreensão da pessoa e de suas relações (Trinca, 2013; Tardivo, 2013); confirmam a importância da participação colaborativa do cliente durante a avaliação fenomenológica em direção a si mesmo (Ancona-Lopez, 2013, p. 164), além de auxiliar a compreensão sobre os impactos da intervenção oferecida através das oficinas criativas na individualidade das participantes, colaborando para a percepção da melhoria na qualidade nas relações parentais em tempos pandêmicos.

Embora os dados e resultados observados sejam consistentes com a literatura estudada e contribuam para atingir os objetivos iniciais desta pesquisa dentro do recorte do contexto da pandemia, algumas reflexões sobre as limitações da pesquisa são necessárias, pois abrem possibilidades para estudos posteriores. Por exemplo: a amostra da população alcançada pela pesquisa neste momento influenciou os resultados encontrados? Seria necessário expandir a pesquisa para outros públicos, por exemplo, um grupo de pais em uma unidade escolar, e comparar os resultados. Outra questão: como seriam os resultados da pesquisa em contextos pós-pandêmicos?

Outra reflexão a partir dos resultados observados: a quantidade de encontros foi adequada para o trabalho proposto, visto que em dois grupos as participantes expressaram a preocupação com a finalização do trabalho oferecido? Ou foram as mobilizações que desencadearam a necessidade de mais um encontro? Essa questão abre a possibilidade de reflexão e estudo para uma análise qualitativa sobre os conteúdos trabalhados nos encontros.

Uma limitação observada e ao mesmo tempo uma possibilidade de expansão para esta pesquisa: os temas selecionados para as oficinas poderiam ser adaptados para outros públicos e contextos no futuro, em um tempo pós-pandemia, mantendo a estrutura dos encontros? Seria necessário generalizar ou ampliar os temas para adaptá-los a outros públicos e avaliar os resultados.

Considerando o trabalho realizado durante esta pesquisa, surgiu uma outra possibilidade de investigação para trabalhos futuros: manter a estrutura do trabalho com grupos oferecido nas oficinas criativas, ou seja, manter as oficinas com a metodologia da abordagem gestáltica com grupos, utilizando a sequência dos recursos expressivos selecionado para cada encontro, acrescentar um encontro onde o (a) participante escolhesse livremente qual recurso utilizar (com realizado no encontro extra do grupo 1) e ampliar a questão do tema principal a ser trabalhado por exemplo para “o enfrentamento do estresse” que pode surgir tanto diante do contexto da pandemia quanto diante de outros contextos, e assim investigar os aspectos relacionados ao conteúdo trabalhado durante as oficinas, mas isso ficará para outra oportunidade.

CONCLUSÃO

Considerando a importância apontada na literatura sobre a influência da família para o desenvolvimento humano, sejam tempos pandêmicos ou não, investigar se a participação em um grupo interventivo afeta ou não a qualidade das relações parentais abre a possibilidade para novas reflexões sobre a necessidade de trabalhar com as famílias para observar os efeitos na vida das crianças e adolescentes. Trabalho esse que muitas vezes fica negligenciado diante dos desafios observados para estabelecer uma aliança com os pais ou responsáveis pela criança, como descreveram Costa e Dias (2005), seja no contexto psicoterapêutico, psicopedagógico ou escolar.

Os resultados deste trabalho confirmam o que aponta a literatura sobre a necessidade de olhar para os pais e responsáveis por crianças e adolescentes e envolvê-los no processo (Aguiar, 2014, Alessandrini, 1996, Anthony, 2009, Bastos, 2015, Dusy et al, 2006, Fernandes, 2010, Fernandes, 2016, Norgren, 2004, Visca, 1995/ 2015, Zanella, 2021), considerando a possibilidade de que as intervenções oferecidas, sejam individuais ou em grupo, mobilizam mudanças interiores e singulares em cada pessoa envolvida e causam ressonâncias na qualidade das relações parentais. Essas mobilizações e ressonâncias podem ser positivas como as observadas ao longo desta pesquisa, pois oferecem a possibilidade de atualizar e superar percepções disfuncionais ou mesmo adoecidas nas relações consigo mesmo, com os filhos e/ ou outros familiares, e com o mundo, e a partir desta ampliação da consciência sobre si mesmo, reconfigurar sua maneira de ser no mundo (Tellegen, 1984); “o todo é mais do que a soma de suas partes” (Elídio, 2012, citado por D’Acri et al, 2012; Lima, 2013).

A investigação psicológica utilizando o procedimento Desenhos-Estórias na comparação entre antes e depois da intervenção, aliado à compreensão fenomenológica de cada participante junto com a pesquisadora-terapeuta, demonstrou as mudanças percebidas na subjetividade e expressadas com os desenhos dentro do processo de dar-se conta de si mesmo no aqui-agora em relação, atualizando o conhecimento sobre si mesmo com seus limites e possibilidades, reforçando a eficácia já comprovada na literatura para as diferentes utilidades deste instrumento (Trinca, 2013, Tardivo, 2013). Além disso, estes instrumentos

contribuíram para elucidar a pergunta da pesquisa: sim, foram observadas melhorias na qualidade das relações parentais após a participação nas oficinas criativas.

O trabalho com grupos terapêuticos utilizando a metodologia da abordagem gestáltica com grupos ofereceu a possibilidade de observação e estudo sobre as relações humanas neste recorte situacional do período da pandemia por SARS-COVID19 onde começaram as medidas de flexibilização do isolamento social. Identificar e poder falar sobre as percepções da realidade ao longo desse processo, sobre as alterações na vida pessoal e familiar, o medo da morte, o medo do contágio, o medo do novo, as sensações de impotência e incapacidade de lidar com a intensidade das emoções e dos percalços da vida, ao mesmo tempo em que se compartilha também a esperança de que essa situação vai passar e dias melhores virão, oferecendo a quem precisa resgate individual com suporte grupal. As similaridades e singularidades observadas ao longo deste trabalho com os grupos fortalecem a percepção dos aspectos positivos apontados na literatura (Alessandrini, 1996, Boris, 2013, Boris, 2014, Cardoso, 2009, Ciornai, 2016, Fernandes, 2010; Tellegen, 1984), atualizados pelos ajustamentos criativos necessários à superação dos desafios e imprevistos deste momento.

Assim como esta pesquisa foi realizada em um recorte do campo situacional da experiência humana dentro de um contexto pandêmico, apresenta limitações ressoantes das possibilidades deste período e limitações ressoantes das delimitações escolhidas para esse trabalho. Será que a amostra disponível para este trabalho influenciou os resultados positivos? Seria possível reaplicar essa pesquisa em outro contexto físico, como por exemplo, as famílias atendidas em uma escola, e comparar os resultados? Quais resultados seriam observados? Será que os temas podem ser adaptados e generalizados para ampliar a possibilidade de aplicação das oficinas criativas com outro público? Modificações na delimitação do desenho de pesquisa mudam os rumos do trabalho, reconfigurando novas possibilidades de investigação para o futuro.

REFERÊNCIAS

- Aldeias Infantis SOS. (2021). Como trabalhar em casa e cuidar das crianças? . Recuperado em 10/março/2021, de <https://www.aldeiasinfantis.org.br/engajese/noticias/recentes/coronavirus/como-trabalhar-em-casa-e-cuidar-das-criancas>
- Aguiar, Luciana. (2014). **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. SP: Summus.
- Alessandrini, Cristina Dias. (1996). **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. SP: Casa do Psicólogo.
- Alvarenga, Patrícia, Silva, Antônio Carlos Santos da, Coutinho, Débora Gomes Valois, Freitas, Luana Araújo, Soares, Zelma Freitas. (2020). Apoio psicológico para pais de crianças de 0 a 11 anos durante a pandemia de COVID19. Recuperado em 10 de março de 2021, de <http://saudentalcovid19.org.br/publicacao/sbp-apoio-psicologico-para-pais-de-criancas-de-0-a-11-anos-durante-a-pandemia-de-covid-19/>
- Ancona-Lopez, Silvia. (2013). O uso do Procedimento de Desenhos-Estórias na abordagem fenomenológico-existencial. In Trinca, Walter (org) **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. (Cap. 05, pp. 161-176). SP: Vetor.
- Antony, Sheila Maria da Rocha. (2009). Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2). Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Bastos, Alice Beatriz Barreto Izique. (2015) **Psicopedagogia Clínica e Institucional: diagnóstico e intervenção**. SP: Edições Loyola.
- Belmino, Wanne de Oliveira. (2021). Aquarela como recurso terapêutico. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Recursos criativos em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 125-148) SP: Summus Editorial.
- Bentes, Ana Cláudia de Oliveira, & Pimentel, Adelma. (2016). Arte gestáltica como potência clínica na abordagem da violência contra idosos. *Revista do NUFEN*, 8(1), 119-140. Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100009&lng=pt&tlng=pt.
- Bernardo, André. (2020). Da pandemia nasce uma nova relação entre família e escola. *Nova Escola*, 08/julho/2020. Recuperado em 10 de março de 2021, de <https://novaescola.org.br/conteudo/19474/da-pandemia-nasce-uma-nova-relacao-entre-escola-e-familia>

Böing, Elisângela e Crepaldi, Maria Aparecida. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista* [online]. 2016, v. 00, n. 59, pp. 17-33. Recuperado em 02/dezembro/2021, de <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>>. ISSN 1984-0411. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>.

Boris, Georges Daniel Janja Bloc. (2013). Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(3), 1124-1158. Recuperado em 28 de dezembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&tlng=pt.

Boris, Georges Daniel Janja Bloc. (2014). Elementos para uma história da psicoterapia de grupo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 206-212. Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200008&lng=pt&tlng=pt.

Brasil, Mariana Costa, & Andrade, Celana Cardoso. (2013). Reconfiguração de campo do familiar cuidador do portador de Alzheimer. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 713-723. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400013>

Burow, Olaf-Axel, & Scherpp, Karlheinz, (1985). **Gestaltpedagogia: um caminho para a escola e a educação**. SP: Summus Editorial.

Caetano, Luciana Maria, (org). (2020) Cartilhas sobre o desenvolvimento do bebê, da criança e do adolescente: contribuições em tempos de pandemia. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2020. 133 p. Recuperado em 10 de março de 2021, disponível em <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/565/500/1917-1>

Cardella, Beatriz Helena Paranhos (2014). Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Conceitos Fundamentais**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp.104-130) SP: Summus Editorial.

Cardoso, C. L. (2009). Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 9(1), 124-138. Recuperado em 08 de janeiro de 2021 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100010&lng=pt&tlng=pt.

Cavanellas, Luciana Bicalho, Barbosa, Ronaldo Miranda. A Gestalt-Terapia em Tempos de Incerteza: A Potência do Não-Saber *Estudos e pesquisas em psicologia*, 01 March 2020, Vol.19(4), pp.915-926 Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/49292/32969> DOI <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49292>.

Chamat, Leila Sara José (2004). Técnica Par Educativo Familiar. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico**. (pp. 127-133) SP: Vetor Editora.

Ciornai, Selma (org.) (2004). **Percursos em arteterapia: Arteterapia gestáltica; Arte em psicoterapia; Supervisão em arteterapia**. Coleção Percursos em Arteterapia, volume 1, 2ª edição, SP: Summus Editorial.

Ciornai, Selma. (2016). Abordagem Gestáltica no trabalho com grupos. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 168-186) SP: Summus Editorial.

Ciornai, Selma. (2019). Atendendo em Gestalt-terapia. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Situações Clínicas em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 09-22) SP: Summus Editorial.

Ciornai, Selma. (2021). Arteterapia: recurso milenar que se consolida como prática terapêutica. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Recursos criativos em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 11-28) SP: Summus Editorial.

Costa, Maria Ivone Marchi, & Dias, Cristina Maria Souza Brito. (2005). A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(1), 43-51. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100006>

D'acri, Glayds, Lima, Patrícia, & Orgler, Sheila. (2012) **Dicionário de Gestalt-terapia: Gestaltês**. SP: Summus.

Diógenes, Juliana, & Pontes, Ricardo José Soares. (2016). A Atuação do Psicólogo na Estratégia Saúde da Família: Articulações Teóricas e Práticas do Olhar Gestáltico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 158-170. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702014>

Diógenes, Maria de Fátima Pereira. (2021). Resignificando histórias de vida. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Recursos criativos em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 83-98) SP: Summus Editorial.

Dusi, Miriam Lúcia Herrera Masotti, Neves, Marisa Maria Brito da Justa, & Antony, Sheila. (2006). Abordagem Gestáltica e Psicopedagogia: um olhar compreensivo para a totalidade criança-escola. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(34), 149-159. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200003>

Fernandes, Myrian Bove. (2010). A família como parceira no atendimento gestáltico infantil. In: Antony, Sheila (org.). **A clínica gestáltica com crianças: Caminhos de crescimento**. (pp. 177-201) SP: Summus.

Fogaça, Fabiane Ferraz Silveira, Bolsoni-Silva, Alessandra Turini (2020). **Ajudando pais e filhos no enfrentamento da pandemia e pós-pandemia**. SP: Hogrefe CETEPP. Disponível em <https://www.hogrefe.com.br/cartilha-ajudando-pais-e-filhos-no-enfrentamento-da-pandemia-e-pos-pandemia.html>

Frazão, Lilian Meyer. (2013) Um pouco da história... um pouco dos bastidores... In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 34-58) SP: Summus Editorial.

Fukumitsu, Karina Okajima (2013) O método fenomenológico em pesquisa gestáltica. In In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 34-58) SP: Summus Editorial.

Fukumitsu, Karina Okajima, Cavacante, Flaviana, Borges, Marcelo (2009). O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. Estudos e pesquisas em psicologia, 01 April 2009, Vol.9(1), pp.174-184 DOI <https://doi.org/10.12957/epp.2009.9143>

Instituto Unibanco (2020). Como apoiar as famílias durante o fechamento das escolas. Recuperado em 30 de março de 2021, disponível em <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-apoiar-as-familias-durante-o-fechamento-das-escolas/>

Lima, Patrícia Valle de Albuquerque (Ticha) (2013) A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 145-156) SP: Summus Editorial.

Mariano, Ana Carolina (1987/ 2023) **Poemas católicos para crianças**. 2ª edição RJ: Editora CDB.

Militão, Albigenor & Rose. (2000). **Jogos, Dinâmicas & Vivências Grupais**. 9ª Impressão. (p. 202-203) RJ: Qualitymark Editora.

Moraes, Lucineide Fernandes, Fonseca, Gabriela Fernandes Moraes. (2016). A Intervenção Psicopedagógica pelo viés da Gestalt-Terapia. Revista Brasileira de Educação e Saúde, 01 January 2016, Vol.6(1), pp.05-09 <http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES> DOI: <http://dx.doi.org/10.18378/rebes.v6i1.3392>

Morais, Katerina Czajkowska Braga de, Silva, Tathyane Gleice da, Medeiros, Waleska de Carvalho Marroquim, & Vieira, Camila Martins. (2013). Gestalt, grupoterapia e arte: a ressignificação do bebê pré-termo em unidade neonatal. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 21-30. Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100004&lng=pt&tlng=pt.

Moreira, Juliana Arrais de Moraes, Ferreira, Ludymila Pimenta, & Costa, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. (2007). Descrição de uma vivência de ensino orientada pela Gestaltpedagogia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(2), 187-194. Recuperado em 30 de maio de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200002&lng=pt&tlng=pt.

Nogueira, Cláudia Ranaldi. (2004). Recursos artísticos em psicoterapia. In Ciornai, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica; Arte em psicoterapia; Supervisão em arteterapia**. Coleção Percursos em Arteterapia, volume 1, 2ª edição (p. 219-224) SP: Summus Editorial.

Norgren, Maria de Betânia Paes. (2004). Artepsicoterapia com crianças e adolescentes. In Ciornai, Selma (org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica; Arte em psicoterapia; Supervisão em arteterapia**. Coleção Percursos em Arteterapia, volume 1, 2ª edição (p. 199-218) SP: Summus Editorial.

Nova Escola (2020). Participe da Pesquisa NOVA ESCOLA sobre a situação dos professores na pandemia. Revista Nova Escola, 18/ maio/ 2020. Recuperado em 10 de março de 2021, de <https://novaescola.org.br/conteudo/19131/participe-da-pesquisa-nova-escola-sobre-a-situacao-dos-professores-na-pandemia>

Nova, Daniel Vila, Stelzer, Manuela. (2020). Pais e Filhos na Pandemia. Revista Gama, 06/ dezembro/ 2020. Recuperado em 30 de março de 2021, em <https://gamarevista.com.br/semana/familia-qual-e-a-sua/o-que-aconteceu-com-as-familias-na-pandemia/>

Oaklander, Violet (1980). **Descobrimo Crianças: A Abordagem Gestáltica com Crianças e Adolescentes**. 10ª Edição. SP: Summus

Perls, Frederick, Hefferline, Ralph, Goodman, Paul (1997) (PHG) **Gestalt-terapia**. 3ª Edição. SP: Summus

Pimentel, Adelma. (2016). Grupos existenciais para conscientização de homens. *Revista do NUFEN*, 8(1), 55-75. Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912016000100005&lng=pt&tlng=pt.

Polanczyk, Guilherme V. (2020) O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. *Jornal da USP*, 11/05/2020. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/o-custo-da-pandemia-sobre-a-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes/> Acesso em 29/ 12/ 2020

Poppa, Carla Cristina. (2018). **O suporte para o Contato: Gestalt e Infância**. SP: Summus Editorial.

Revista Adolescer – Compreender Atuar Acolher – Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn Nacional) Brasília/ DF Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html> Acesso em

Robine, Jean-Marie. (2003). Do campo à situação. SP: Sedes Sapientiae, Revista de Gestalt, nº 12, 30-37.

Rocha, Paula, & Freitas, Joanneliese de Lucas. (2016). A temporalidade do aqui-e-agora gestáltico: implicações teóricas e práticas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 39-48. Recuperado em 28 de dezembro de 2020, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100006&lng=pt&tlng=pt.

Rodrigues, Hugo Elídio. (2013). Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 114-144) SP: Summus Editorial.

Sacomano, Felipe, Faria, Nilton Júlio de, & Ferrete, Yuri Alexandre. (2016). A psicologia humanista na revista "psicologia atual" de 1977-1986: um ensaio hermenêutico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 68-78. Recuperado em 08 de janeiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100009&lng=pt&tlng=pt.

Silva, Carolina, & Arrelias, Livia. (2010). Ludoterapia gestáltica: dois casos clínicos. *Revista do NUFEN*, 2(1), 51-65. Recuperado em 28 de dezembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100004&lng=pt&tlng=pt.

Tardivo, Leila S. L. P. C. (2013). Derivações do Procedimento de Desenhos-Estórias: atendimentos em grupo. In Trinca, Walter (org) **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. (Cap. 11, p. 339-363). SP: Vetor.

Toledo, Otavio Dutra de. (2021) Arte, ousadia e deflexão: práticas para a fluidez do olhar. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Recursos criativos em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 29-56). SP: Summus Editorial.

Trinca, Walter (org) (2013). Formas tradicionais de aplicação. **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. (Apresentação e Cap. 1, p. 07-25). SP: Vetor.

Visca, Jorge. (1.995/ 2015). Família Educativa. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. 5ª edição. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Visca & Visca Ediciones.

Zanella, Rosana. (2019). Gestalt, Crianças e Crescimento. In Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O (Orgs.). **Situações clínicas em Gestalt-terapia**. Coleção Gestalt-terapia: Fundamentos e Práticas. (pp. 123-138) SP: Summus Editorial.

Zinker, Joseph (1.977/ 2007) **Processos criativos em Gestalt-terapia**. 2ª edição. SP: Summus.

Zorzetto, Ricardo. (2020). Mudanças na rotina ocasionadas pela Covid-19 podem aumentar casos de sofrimento emocional e transtornos mentais. *Revista Pesquisa FAPESP Edição 294. Agosto/2020*. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/tempos-de-incerteza/> Acesso em 29/ 12/ 2020.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (CNS 466/ 12)

Título da pesquisa: “Oficinas Criativas para pais e mães: relação parental em tempos de pandemia”

Responsáveis pela Pesquisa:

Pesquisadora: Lucia Helena Pisaneschi

Orientadora: Prof. Dra. Helena Rinaldi Rosa

Número do CAAE: 46246621.3.0000.5561

Este documento visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias: uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas com a pesquisadora. Se você não quiser participar ou quiser retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário em uma pesquisa interventiva, cujo objetivo é estudar e compreender os efeitos de oficinas em grupo para pais e mães de crianças com idade entre 7 e 11 anos, nas relações com estas crianças, em tempos pandêmicos. Se você aceitar participar desta pesquisa, os procedimentos envolvidos serão a sua participação em seis encontros, um por semana: o primeiro e o último encontro serão individuais e presenciais com a pesquisadora, e os outros encontros poderão ser presenciais (segundo os protocolos de segurança contra o COVID19) ou on-line, em um grupo com, no máximo, oito pessoas.

Os riscos relacionados à esta pesquisa são psicológicos, intelectuais e emocionais, pois se relacionam com a percepção de sentimentos e emoções que podem ser desencadeados ao longo da pesquisa e da proposta de intervenção, considerando principalmente constrangimento, medo, vergonha pelos assuntos que podem ser desencadeados nos encontros. Caso ocorra alguma intercorrência ou dano resultante de sua participação na pesquisa, você receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal.

O benefício em participar do estudo é indireto, pois os dados coletados contribuirão para ampliar o conhecimento sobre o assunto.

Os dados coletados durante a pesquisa serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados serão apresentados de forma conjunta, sem a identificação dos participantes, em trabalhos e eventos científicos, ou seja, o seu nome não aparecerá na publicação dos resultados.

Garantias ao participante: A qualquer momento você poderá ter acesso às informações sobre a pesquisa, seus procedimentos, riscos e benefícios, inclusive tirar dúvidas pelos telefones/ endereços abaixo citados. Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso você decida não participar, ou desistir de participar e retirar seu consentimento, não haverá nenhum prejuízo. Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela participação na pesquisa e não haverá nenhum custo com respeito aos procedimentos e materiais utilizados, os quais serão custeados pelo orçamento da pesquisa.

Contato: Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a **pesquisadora Lucia Helena Pisaneschi**: Av. Prof. Mello de Moraes, 1721, bloco B, sala 151, Cidade Universitária; São Paulo/ SP; CEP 05508-030; telefone (11) 3091-4355; e-mail luciahpisaneschi@usp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos** (CEPH – IP USP): Av. Prof. Mello Moraes, 1721, bloco G, sala 27, Cidade Universitária; São Paulo/ SP; CEP 05508-030; telefone (11) 3091-4182; e-mail: ceph.ip@usp.br.

**Assinatura do(a)
Participante**

Data

**Assinatura da Pesquisadora
Lúcia Helena Pisaneschi
Psicóloga - CRP 06/81069**

ANEXO B – LEVANTAMENTO DE DADOS SÓCIODEMOGRÁFICO

Título da pesquisa: “Oficinas Criativas para pais e mães: relação parental em tempos de pandemia”

Responsáveis pela Pesquisa:

Pesquisadora: Lucia Helena Pisaneschi

Orientadora: Prof. Dra. Helena Rinaldi Rosa

Informações sobre o(a) participante:

Estado Civil

Escolaridade

Ocupação

Composição Familiar: parentesco, idade, escolaridade, ocupação.

Filho (a) estuda em escola:

a) Pública

b) Particular

Mora em casa:

c) Própria

d) Alugada

e) Cedida

Quais mudanças você percebe em sua família a partir do período da pandemia por SARS-COVID19?

Disponibilidade de dia e horário para participar da pesquisa.